



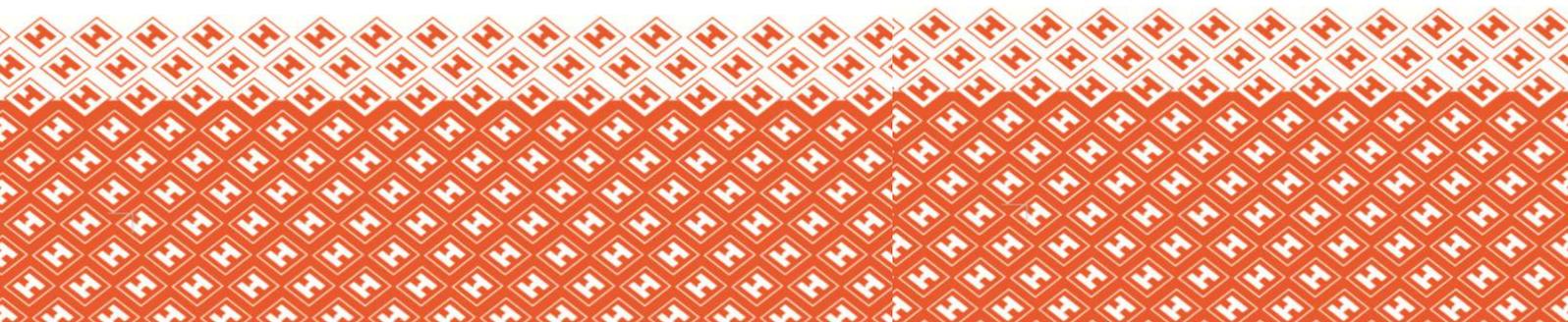
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

DIONYSIUS DIAS DE MATTOS

**Nos Caminhos de Ibn Battuta:
possibilidades de Ensino de
História da África.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
SETEMBRO/2024**



NOS CAMINHOS DE IBN BATTUTA: JOGO EM SALA DE AULA E
POSSIBILIDADES DE ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA”

DIONYSIUS DIAS DE MATTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas da Rosa

Porto Alegre
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Dias de Mattos, Dionysius
Nos Caminhos de Ibn Battuta: possibilidades de
Ensino de História da África. / Dionysius Dias de
Mattos. -- 2024.
168 f.
Orientador: Marcus Vinicius de Freitas Rosa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. Ensino de História da África. 2. Ibn Battuta. 3.
jogo. 4. Educação das Relações Étnico-Raciais. 5.
positivação. I. Vinicius de Freitas Rosa, Marcus,
orient. II. Título.

Dionysius Dias de Mattos

MATTOS, Dionysius Dias de, “Nos Caminhos de Ibn Battuta: jogo em sala de aula e possibilidades de Ensino de História da África. Dissertação (Mestrado).. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, RS , 2022. 163 f

“Nos Caminhos de Ibn Battuta: jogo em sala de aula e possibilidades de Ensino de História da África”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Dr. Marcus Vinicius de Freitas da Rosa

Aprovada em 19 de Setembro de 2024

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. José Rivair Macedo (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Marcelo Giacomoni(UFRGS)

Porto Alegre
2024

Essa é pra ti Cazali (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Na vida que temos, conquistar algo é sempre uma mistura de uma série de fatores e no meu caso foi antes de tudo apoio.

Primeiramente, à Aline, a pessoa que me acompanha e caminha ao meu lado há anos. Desde a graduação de história, da vida universitária até os primeiros passos em sala de aula e da paternidade. Nossa parceria causa sempre alegria nas pessoas que nos rodeiam e me traz a paz de uma vida lotada de amor. Tanto sentimento duas pessoinhas que nos rodeiam: minha filhota, mestre pokémon, desenhista de mão cheia, Dandara N'zinga e meu nobre gamer e futuro artista Benjamin Keitá.

Olhando para trás, com todo amor que me rodeia, não havia outro caminho neste processo do mestrado, se não em terminá-lo.

Dito isso, somos uma acumulado de experiências pessoais e de pessoas que nos atravessaram em nossa vida. Somos ancestrais, por isso preciso agradecer às pessoas que me trouxeram ao mundo e me apoiam sempre que pode, meu pai, mãe e irmãs.

Também agradeço a pessoas como Enrique Serra Padrós, professor do departamento de História que nos deixou em 2021 e que me provocava a fazer um mestrado, pois acreditava muito em minhas capacidades. É uma agradecimento póstumo a esse grandíssimo anarquista e professor.

Após essas palavras, dedico fortemente também esse encerramento de trajetória ao professor doutor Marcus Vinicius da Rosa, que felizmente foi a pessoa responsável por me orientar e guiar em toda essa caminhada, como todas dificuldades que tivemos, mas também muitos acertos, compreensão e parceria nesses dois anos.

Agradeço também a todos os trabalhadores e trabalhadoras da educação que tenho como colegas nas redes municipais de de Alvorada e Esteio, que em diversas vezes me apoiaram e me cobriram em sala de aula, para conseguir cumprir demandas acadêmicas.

Também agradeço aos professores do ProfHistória, que precisam saber que seu trabalho com nós, professores e professoras da rede pública dá resultado sim e agrega um enorme avanço na eterna formação continuada que é a vida acadêmica, fora todos e todas colegas do ProfHistória que participaram dessa caminhada até a

conclusão desta etapa acadêmica e foram muitas vezes amizades bacanas em momentos de exaustão, desânimo, mas também de alegria e fraternidade.

E que caminhada, pois desde 2022, perdi meu melhor amigo, enfrentei o medo das ameaças de massacres em escola no Brasil no mesmo ano, as incertezas quanto ao cenário político brasileiro após a pandemia de covid-19, outra perda do meu querido colega Arthur Rodrigues, professor de matemática na EMEF Cléo dos Santos. Foi uma carga emocional muito pesada todo esse caminho, fora a histórica enchente de 2024, que destruiu a vida de centenas de milhares de pessoas no Rio Grande do Sul, de amigos e familiares.

A realidade dos professores de escola pública no Brasil enfrente diversos desafios que afetam constantemente a saúde um número imenso de educadores e educadoras que visam a carreira da educação como objetivo, sendo assim, terminar esta dissertação em meio ao turbulento processo que é trabalhar na educação pública, é passo muito grandioso para um professor negro que será o primeiro da família em gerações a poder dizer que terminou um mestrado.

Essa dissertação é só mais um passo nessa trajetória, que pelas palavras que demonstrei aqui nesses agradecimentos foram lotadas de amor, carinho, empenho e fortitude. E assim seguiremos!

"السفر في البداية يتركك عاجزاً عن الكلام، ثم يحولك إلى راوي قصص"

"Viajar primeiro deixa você sem palavras, então te transforma em um
contador de histórias".

Ibn Battuta

RESUMO

Esta dissertação investigou as possibilidades de ensino de História da África por meio da criação de um jogo para sala de aula com a temática baseada nos relatos de Ibn Battuta, viajante africano do século XIV. O trabalho se propôs a fazer uma discussão sobre elementos importantes e o cuidado a ser tomado com a positividade da história africana em sala de aula, conforme proposto pelas "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,". Assim, além de problematizar o papel do ensino de história africana após vinte anos de lei 10.639/03, utilizando relatos de Ibn Battuta. O jogo tem como pano de fundo os relatos do viajante a respeito de cidades do continente africano, onde o objetivo é que as equipes consigam, utilizando os meios que o jogo oferece, conhecer dez cidades que Ibn Battuta conheceu e descreveu em suas diversas viagens pela África e Península Ibérica. Esta pesquisa também buscou demonstrar que o uso de um jogo educacional como ferramenta para aproximação entre ensino de História da África e Educação para Relações Étnico-Raciais pode ser uma estratégia relevante para utilização em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História da África, Ibn Battuta, jogo, Educação das Relações Étnico-Raciais, positividade

RÉSUMÉ

Cette dissertation a enquêté les possibilités d'enseigner l'histoire africaine à travers la création d'un jeu pour la classe avec un thème basé sur les récits d'Ibn Battuta, un voyageur africain du XIVème siècle. Le travail proposait de discuter des éléments importants et du soin à apporter à la positivisation de l'histoire africaine en classe, comme le proposent les « Lignes directrices nationales des programmes pour l'éducation des relations ethniques-raciales et pour l'enseignement de l'histoire et de l'histoire afro-brésilienne et afro-brésilienne et culture africaine." Ainsi, en plus de problématiser le rôle de l'enseignement de l'histoire africaine après vingt ans de loi 10.639/03, à partir des rapports d'Ibn Battuta. Le jeu a pour toile de fond les récits de un voyageur sur les villes du continent africain, où l'objectif est que les équipes puissent, en utilisant les moyens qu'offre le jeu, visiter dix villes qu'Ibn Battuta a rencontrées et qu'il a décrites au cours de ses différents voyages. le monde, l'Afrique et la péninsule ibérique. Cette recherche a également cherché à démontrer que l'utilisation d'un jeu éducatif comme outil pour rapprocher l'enseignement de l'histoire africaine et l'éducation aux relations ethnico-raciales peut être une stratégie pertinente à utiliser en classe.

Mots-clés: Enseignement de l'Histoire de l'Afrique, Ibn Battuta, jeu, Éducation des Relations Ethniques et Raciales, positivé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - Ensino de história da África, antirracismo e positivamente.....	21
1.1 Currículo eurocêntrico para um protagonismo de um ensino de história da África....	21
1.2. Antirracismo e ensino de história da África.....	29
1.3. Reflexões sobre positivamente e ensino de história da África.....	35
1.4. Relação sala de aula e jogo: de onde partiu a ideia de jogar com Battuta?.....	43
CAPÍTULO 2 - Da Rihla de Ibn Battuta para o Ensino de História da África.....	50
2.1. Ibn Battuta , o príncipe dos viajantes.....	50
2.2. Pelos caminhos de Dar al-Islam.....	52
2.3 Deslocamentos de Ibn Battuta pela África ou um “presente oferecido aos observadores sobre coisas curiosas e maravilhosas vistas em países e em viagens”	56
2.4. A última viagem de Battuta e a região de Blad Al-Sudan.....	64
2.5. Propor como forma de ensino o jogo “Caminhos de Battuta.....	73
2.6. Apontamentos e relações entre a proposta do jogo e base curricular.....	77
CAPÍTULO 3 - Nos caminhos de Battuta.....	82
3.1. Caminhos de Battuta: suas regras, funcionamento e aplicabilidade.....	82
3.2. As cidades, vantagens e desvantagens das cartas.....	88
3.2.1. Marrakech.....	90
3.2.2. Fez.....	90
3.2.3. Sijilmassa.....	92
3.2.4. Cairo.....	92
3.2.5. Kilwa.....	93
3.2.6. Mogadíscio.....	94
3.2.7. Tagaza.....	95
3.2.8. Capital do Mali.....	96
3.2.9. Tombuctu.....	98
3.2.10. Granada.....	99
3.3. Cartas de personalidade das cidades e suas vantagens.....	100
3.3.1. Barqueiro Local - Mogadíscio.....	101
3.3.2. Mulher Estudiosa no Islã - Tombuctu.....	101
3.3.3. Comerciante de Camelos - Sijilmassa.....	102
3.3.4. Dugha (Conselheiro do Mansa) - Capital do Mali.....	102
3.3.5. Takšif (Guia) - Tagaza.....	102
3.3.6. Comerciante - Marrakech.....	103
3.3.7. Sultão Yusuf Iº - Granada.....	103
3.3.8. Fatima Al-Fihri - Fez.....	103
3.3.9. Imame Influyente - Cairo.....	104
3.3.10. Mercador de Marfim - Kilwa.....	104
3.4. Os relatos de Battuta.....	104
3.4.1. Marrakech e os elogios de Battuta à linda cidade.....	105
3.4.2. As pirâmides pelo olhar de Battuta no Cairo.....	106

3.4.3. Suntuosa e marítima, quando Mogadíscio brilhava.....	107
3.4.4. Swahilis, Zanjes, Muçulmanos e a cidade de Kilwa.....	109
3.4.5. Os domínios muçulmanos na península Ibérica. Battuta em Granada.....	111
3.4.6. As dificuldades e o povo Massufa em Tagaza.....	112
3.4.7. Battuta na corte do Mansa Sulayman na Capital do Mali.....	114
3.4.8. O olhar estrangeiro equivocado de Battuta passando por Tombuctu.....	116
3.4.9. Local de Passagem: Sijilmassa e o comércio Caravaneiro.....	118
3.4.10. A paixão de Battuta pela cidade branca de Fez.....	119
3.4.11. Perguntas para acionar a vantagem dos Relatos.....	121
3.5. O texto base de Ibn Battuta.....	124
3.5.1 As cinquenta perguntas do texto base.....	127
3.6 Explorar os objetivos do jogo.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICE A - Capa, manual do jogo e regras.....	137
APÊNDICE B - Cartas das cidades, cartas de personalidades históricas, cartas de desvantagens e cartas de relatos de Ibn Battuta com perguntas e respostas:.....	145

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem o objetivo propor usos pedagógicos do jogo de tabuleiro em sala de aula, chamado “Nos caminhos de Ibn Battuta”. Além das questões relacionadas ao jogo, o trabalho também utiliza Ibn Battuta, um viajante africano do século XIV para refletir sobre possibilidades pedagógicas a partir de seus relatos e viagens, dentro da perspectiva de ensino de História da África.

Serão abordadas algumas relações que esta ferramenta didática tem com temas como a positivação da história africana, o diálogo com os objetivos estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana¹ e as oportunidades que jogos lúdicos podem oferecer em sala de aula para um ensino que cumpra com demandas concebidas pelas leis 10639/03 e 11648/11.

Inicialmente, seria analisado e aplicado em sala de aula, um jogo virtual, pela questão que envolve a linguagem tecnológica atual que está presente nas realidades de adolescentes do ensino brasileiro. Os jogos que foram considerados ofereciam diferentes habilidades a se trabalhar virtualmente, mas também uma série de impeditivos para a realidade de sala de aula em escolas públicas.

Assim, se decidiu optar por um jogo de tabuleiro que foi criado e aplicado ainda no ano de 2018 em sala de aula, porém no formato de trilha com perguntas e respostas. Porém, neste trabalho, iremos propor um novo produto pedagógico, pensado a partir da experiência em sala de aula com jogo de tabuleiro, que objetiva promover reflexão e contato sobre as relações sociais e indivíduos africanos anteriores à dinâmica colonialista europeia em África.

Para além das facilidades que um jogo analógico oferece em comparativo com as dificuldades encontradas em jogos virtuais, se poderia, em vez de apenas fazer uma análise qualitativa, propor um produto educativo durante a pesquisa do

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, SECADI, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/122-secadi/30146-diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 15 fev. 2023.

mestrado.

Inicialmente, seria analisado e aplicado em sala de aula, um jogo virtual, pela questão que envolve a linguagem tecnológica atual que está presente nas realidades de adolescentes do ensino brasileiro, porém foi extremamente difícil selecionar uma das opções para aplicação, pois cada um apresentava barreiras como a do idioma,, necessidade de estar conectado à internet, jogo muito complexo ou acesso só pelo computador.

Assim, a proposta foi mudada, para que se fosse construído um produto novo, um que tem como base uma experiência anterior de um jogo de tabuleiro, que foi pensado e construído ainda no ano de 2018, que durante o projeto sofreu uma série de mudanças em sua estrutura e proposta, dando origem ao “Nos Caminhos de Ibn Battuta”.

Jogos são uma forma de representação da vida e um convite para brincar com variadas possibilidades de aprendizado. E quando é planejado seu uso em sala de aula, há possibilidade do encontro de estudantes com diferentes formas e possibilidades de construção de conhecimento, como aponta Fortuna ao desenvolver que jogar em sala de aula “Trata-se da possibilidade de forjar uma nova atitude em relação ao conhecimento, ao mundo, ao outro, a si mesmo e, por conseguinte, em relação à vida, com evidentes implicações para o sucesso escolar e a inclusão social”².

Jogos estimulam a interação no ambiente escolar, tendo diversos trabalhos que abordam a importância para o ensino, apontada por Carla Meinerz:

Compreendemos o jogo como prática cultural que pressupõe a interação social, e exploramos essa temática a partir do reconhecimento do potencial presente na apropriação do lúdico em experimentações pedagógicas de construção do conhecimento histórico na escola, justamente pela capacidade de criar vínculos entre os pares (jovens estudantes), dos pares com os mestres (adultos professores) e de ambos com os saberes e fazeres que circulam dentro e fora da sala de aula.³

Assim, neste trabalho que tem como tema o ensino de História da África, se

² FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender. In: GIACOMONI, Marcello Paniz. PEREIRA, Nilton Mullet. (Organizadores) Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. p.47-71, p.50. 30 Ibidem, p.59.

³ MEINERZ, C.B. Jogar com a História na sala de aula. In: GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. Jogos e ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p.73 Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174705/001065511.pdf?sequence=1> Acesso em 24 de Jul de 2024

propõe lançar um jogo que coloque estudantes diante de locais que partem de um recorte histórico e geográfico das viagens de Ibn Battuta, de maneira que possam ter contato com elementos africanos de forma que escapem aos estereótipos que por muito tempo existiram dentro do ensino brasileiro sobre o continente africano.

O jogo se chama “Nos Caminhos de Battuta” e ele é pensado para propor a estudantes e professores, refletir sobre as complexas dinâmicas que um indivíduo africano do século XIV vivenciou, para que compreenda a diversidade cultural, social e histórica do continente.

Seu funcionamento foi baseado no jogo “Guerra Feudal”⁴, apresentando uma dinâmica pensada para se jogar com até trinta estudantes, divididos em grupos que serão chamados de “caravanas”. O objetivo do jogo é conseguir viajar o máximo de cidades que Ibn Battuta viajou em um número de 10 rodadas ou caso ocorra empate, a caravana que tiver mais recursos acumulados (água, sal ou ouro), vence o jogo.

Cada rodada é dividida em três momentos: distribuição de recursos, ações e trocas na medina. O primeiro momento, depende de onde a caravana está, ganhará recursos fixos e variável de acordo com a cidade; O segundo momento o grupo pode escolher uma ação, que são: mudar de cidade após pagar tributos, rolar dados para ativar uma das cartas da cidade que podem dar vantagem, personagem da cidade ou relato de Battuta, desafiar uma caravana para combate e roubar recursos, pedir para responder uma das cinquenta perguntas criadas a partir do texto base e ganhar recursos ou simplesmente não fazer nenhuma ação; e o último momento serve para os jogadores se reunirem no centro da sala para trocarem recursos.

O objetivo do jogo é explorar o movimento em sala de aula, por isso a sala de aula deve ter uma configuração onde cada cidade seja duas carteiras unidas em formato circular, assim cada caravana deve mudar de cidade e se movimentar pelo local como se viajasse, tal qual o personagem que inspirou o jogo.

Ibn Battuta foi um viajante que nasceu onde atualmente seria o Marrocos, após as disputas das dinastias almorávidas e almóadas no século XIII. Estas duas dinastias construíram complexas trocas culturais entre Europa, Ásia e África. Battuta nasceu após a queda dos Almóadas, durante o Império Merínida, que ainda mantinha algumas características da antiga dinastia almóada, como preceitos da cultura muçulmana e todas suas referências em diferentes matizes da sociedade

⁴ GIACOMONI, Marcello Paniz. Construindo jogos para o Ensino de História. In: GIACOMONI, PEREIRA, 2013, p.107.

desde arquitetura à estrutura política, contudo também trazia características de povos do Magrebe, como os antigos imazighens⁵.

O viajante africano do século XIV é amplamente estudado devido ao fato de que deixou muitos relatos de suas viagens. Battuta foi “cádi”(ou qadi), uma espécie de juiz do mundo muçulmano, que julga com base no ordenamento jurídico do Islã, a charia. E devido à sua origem, trabalhava na burocracia do Estado, representando a dinastia Merínida na região do Magrebe (Norte da África) em diversos lugares do mundo muçulmano, desde sultanatos na Índia, uma cidade muçulmana na China ou no Império do Mali⁶.

Essa pequena introdução do principal personagem dessa dissertação e do jogo é apenas um prelúdio para o que se apresentará mais à frente no trabalho.

É importante pontuar que esta prática de ensino foi planejada a partir das experiências de sala de aula na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Cléo do Santos, município de Alvorada. Durante a elaboração do projeto de ensino, a aplicação do jogo aconteceria em outra escola, na qual havia um tempo maior de trabalho com estudantes (5 anos) e pensando na relação construída entre professor e estudantes, era essa a primeira escolha. Porém, no ano de 2022 a prefeitura de Esteio decidiu encerrar os anos finais da escola e assim foi necessário mudar o espaço para aplicação e pesquisa do jogo.

As transformações que o ambiente escolar sofre estão ligados ao seu contexto histórico, às pessoas que fazem parte dela e não podemos deixar de lado nessas transformações o impacto que a chegada de cotistas negros oriundos da universidade em salas de aulas pelo país, fruto de políticas ações afirmativas, tiveram na construção de saber em sala de aula.

E necessito aqui trazer uma breve descrição da minha trajetória discente em sala de aula. Sou parte das primeiras turmas de cotistas negros de Licenciatura Noturno de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a partir do ano de 2009 até o ano de 2014, sendo o primeiro de minha família a ser formado

⁵ Os Imazighen, também conhecidos como berberes, são um grupo étnico indígena do Norte da África, principalmente concentrado em regiões como Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e partes do Mali, Níger, Mauritânia e Egito. O termo "Imazighen" significa "homens livres" em tamazight. Usaremos esse termo em detrimento de berbère, pelo fato que essa palavra contém um olhar muito enraizado na ideia de povos bárbaros. A palavra berbere tem origem na tradição greco-romana, portanto evitaremos o termo.

⁶ MACEDO, José Rivair. “A viagem ao Mali na Rihla de Ibn Battuta” in MACEDO, José Rivair. Viajando pela África com Ibn Battuta: Subsídios de Pesquisa. Porto Alegre: Vidrágua, 2010

numa universidade federal. Também oriundo de uma família negra, a discussão sobre raça e história afro brasileira sempre esteve presente em casa, porém nos ambientes de ensino foram raros momentos de aprendizado sobre esses assuntos, tanto no ensino básico quanto no ensino superior, por isso que ao tornar-me professor do ensino básico em 2016, pela rede municipal de ensino de Nova Santa Rita, um dos objetivos era respeitar a identidade do educador e se fazer cumprir a legislação sobre o assunto.

Quando há um professor negro, que naturalmente é racializado pela comunidade escolar, é impossível escapar a esses debates em sala de aula durante todo o ano letivo. E neste contexto, foi encarado como um objetivo, colocar estudantes brancos de frente a uma história que não coloca o branco europeu como representação principal e também, coube a missão, de origem pessoal e política, de estruturar um currículo que abarcasse uma representação histórica dos conteúdos que estudantes negros pudessem identificar formas de se reconhecer em algum momento com figuras históricas ou localidade geográficas de um continente tão diverso, sempre com o cuidado não reproduzir lugares comuns no ensino sobre raça ou sobre história afro-brasileira e africana.

Não haveria a menor possibilidade de oferecer o mesmo ciclo de invisibilidade de História afro-brasileira e africana em sala de aula e este trabalho é consequência desse posicionamento e de políticas de ações afirmativas, como as cotas.

Retornando à realidade atual em que trabalho como professor, gostaria de contextualizar o local onde foi pensado esse jogo e elaborado esse trabalho. Leciono na cidade de Alvorada, que é um município da Região Metropolitana de Porto Alegre e de acordo com dados do IBGE, tem aproximadamente 190.000 habitantes, tendo por volta de 25% da população autodeclarada negra⁷. O Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2019⁸ apresenta 21% de pessoas que se autodeclaram negras, ou seja, Alvorada apresenta uma presença negra um pouco maior que o resto do Estado e isso se reflete nas salas de aula.

Na escola que atuo neste município, em diversos momentos se percebe uma

⁷ Dados disponíveis no site: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/alvorada.html>>. Acesso em 13 fev de 2024

⁸ Dado disponível em: <<https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202111/18175612-relatorio-tecnico-dee-panorama-das-desigualdades-de-raca-cor-no-rio-grande-do-sul.pdf>> Acesso em 13 fev de 2024

diversidade racial bem grande nas salas. A escola está situada em um bairro periférico da cidade, o bairro Piratini, que compartilha das mesmas condições sociais de muitos bairros periféricos da Região Metropolitana, onde há riqueza de saberes e experiências a serem divididas. E nesse contexto, a escola não está apartada da sociedade, pois em cada realidade, quem a compõe e seu contexto se relacionam:

apesar de todas as escolas de periferia serem institucionalmente organizadas da mesma forma (normas, currículos, hierarquias), existem entre elas peculiaridades. Assim, o que ocorre em uma escola é diferente do que ocorre em outra, porque cada cotidiano escolar é único e diferenciado, uma vez que cada sujeito que o compõe dota o seu espaço, as suas relações, as suas vivências de um sentido que lhe é próprio.⁹

Logo, é nesta conjuntura que está sendo trabalhado um jogo voltado para o ensino de História da África. Trazer uma pequena experiência que ofereça ao espaço escolar dinâmicas e lugares tão diferentes e distante do que se pensa sobre história da África não deixa de ser uma intervenção direta na realidade de uma escola, e neste caso, a escola onde atuo parece oferecer a oportunidade de desenvolver atividades que estabeleçam o continente de África como um elemento central em diversas oportunidades.

Desta forma, essa dissertação tem como problema de pesquisa responder quais são as possibilidades que o jogo "Nos caminhos de Ibn Battuta" oferecem para o ensino de História da África.

Os objetivos que se propõe para essa ferramenta pedagógica são: evidenciar a diversidade das sociedades africanas dentro da proposta do jogo "Nos Caminhos de Battuta", através da experiência proporcionada aos jogadores, os quais são convidados a vivenciar e jogar com as complexas dinâmicas enfrentadas pelos viajantes do século XIV durante suas jornadas pelo continente africano, com base nos relatos detalhados de Ibn Battuta.

Por meio dessa imersão interativa, os participantes têm a oportunidade de explorar não apenas as múltiplas paisagens geográficas, mas também diversidade cultural, de tradições, de modos de vida e interações sociais que caracterizavam as sociedades africanas da época. Ao construir e jogar "Caminhos de Battuta", os jogadores são convidados a entender e apreciar a riqueza e a variedade das

⁹ VALIATI, C. M. A. . Escola de Periferia um Olhar em Construção. In: Adriana Dickel. (Org.). Novos Olhares Novas Práticas. 1ed.Passo Fundo: Gráfica Editora UPF, 1999, v. 1, p. 33

experiências humanas encontradas ao longo das rotas históricas percorridas por Ibn Battuta, contribuindo assim para uma representação mais abrangente e inclusiva da história e da diversidade do continente africano.

Outro objetivo que o jogo propõe é conferir centralidade à história da África e à experiência de africanos ao utilizar o continente como ponto de fundo e de partida, inspirando-se nos relatos detalhados de um africano que testemunhou uma imensa diversidade cultural e social anterior ao período do colonialismo europeu. Assim, o jogo oferece algumas experiências históricas que esse viajante vivenciou no século XIV, assim como a oportunidade de quem estiver jogando refletir sobre uma das perspectivas que poderia existir naquela época sobre alguns locais da África, pois Ibn Battuta era um homem de seu tempo, com ideias e visões bastante atreladas ao local de onde veio e isso deve ficar explícito para quem jogar: que estão lidando com uma possibilidade de olhar histórico sobre a África.

Ainda assim, essa abordagem intencionalmente coloca em destaque a perspectiva africana, permitindo que os jogadores explorem e compreendam a complexidade e a riqueza das sociedades africanas. Ao ter isso como base, a dinâmica que esse jogo tem, busca estabelecer um diálogo com a ideia de Ensino para Relações Étnico-Raciais (ERER a partir de agora) pensando em uma prática que confere centralidade ao ensino de História da África, conforme estabelecido pela Lei 10645 de 2008.

Também que o tema do jogo esteja em consonância com Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER a partir de agora) e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, além das possibilidades que jogos lúdicos podem oferecer em sala de aula para um ensino que cumpra com demandas concebidas pelas mudanças feitas na Lei de Diretrizes Básicas (LDB a partir de agora) da educação que explicitam a necessidade de se trabalhar com história da África.

O primeiro capítulo deste trabalho, é voltado para uma revisão bibliográfica sobre ensino de história da África e as questões vinculadas à DCNERER, trazendo uma reflexão sobre positivação e suas particularidades dentro do ensino de história da África, incluindo uma perspectiva importante sobre historiografia a partir da ideia pirâmide invertida do sociólogo guineense Carlos Lopes, que constroi uma crítica sobre história da África, que é bastante importante para os objetivos deste trabalho.

Também é feito como um diálogo entre os autores Paul Gilroy e Michael Trouillot diante dos limites em se pautar unicamente em um material didático que se feche em um passado grandioso de um viajante africano, onde a utilização apenas de uma chave de leitura do passado através da posituação pode ser um problema para a compreensão daquele passado e suas permanências e mudanças em relação ao contexto de sala de aula.

O segundo capítulo apresenta o personagem histórico (Ibn Battuta) que é referência para a construção do jogo, demonstrando aspectos históricos de suas viagens e alguns trechos narrativos destacados dos escritos que deixou, servindo como porta de entrada para abordar neste trabalho questões pertinentes sobre ensino de história da África e as particularidades do mundo muçulmano que Ibn Battuta percorreu durante a metade do século XIV.

Ainda neste capítulo, se aproveita as possibilidades narrativas do viajante para discorrer sobre a relação entre educação para relações étnico raciais e o jogo proposto, explorando mais a fundo o jogo como ferramenta de ensino.

E por fim, no terceiro e último capítulo deste estudo, fica reservado para apresentação e relações mais específicas do jogo, a saber, suas regras, dinâmicas e sua relação com as questões teóricas que foram evidenciadas nos primeiros e segundo capítulos. Porém, também será apontado questões vinculadas ao ensino de história da África, EREER e as dinâmicas e objetivos do jogo.

CAPÍTULO 1 - Ensino de história da África, antirracismo e positivações

Este primeiro capítulo servirá para primeiramente demonstrar quais concepções de ensino de história da África são a base para a construção de um jogo que tenha o continente como centralidade e o porquê dessa escolha.

Porém, antes de se apresentar que concepção é essa que se está propondo e como ela dialoga com as demandas norteadoras, como o DCNERER e a LDB, se faz necessário apontar como o currículo de ensino de história esteve atrelado a uma visão de educação eurocêntrica e como isso mudou e ofereceu uma oportunidade de inserção de ensino de história da África nas escolas brasileiras.

Após essa apresentação, há uma reflexão bastante importante para este trabalho, a respeito do conceito de antirracismo, partindo principalmente dos apontamentos feitos pelo sociólogo Kabengele Munanga sobre essa ideia muito presente atualmente em diversos trabalhos na educação e como um ensino de história da África pode corroborar com as perspectivas antirracistas em sala de aula, a partir da experiência oferecida por um jogo.

Por fim, neste capítulo se fará uma reflexão sobre a questão das positivações que as DECENER apontam para que se faça ao se abordar história da África em sala de aula, principalmente os cuidados que se teve na elaboração do jogo. Não é a intenção do jogo reforçar estereótipos negativos nem construir uma perspectiva idílica do continente a partir da realidade que Ibn Battuta viveu, onde há apenas grandiosidade, reinos, impérios e ausência de conflitos e contradições nas dinâmicas daquela época.

1.1 Currículo eurocêntrico para um protagonismo de um ensino de história da África

O ensino de História é, primordialmente, um campo de conhecimento que reflete o contexto de sua época, sendo influenciado pelas condições sociais vigentes. Isso se deve ao fato de que o ensino dessa disciplina não é estático nem se submete a uma verdade imutável. Ao se examinar brevemente as principais reflexões

historiográficas ao longo dos tempos, se observa uma ampla variedade de ideias.

Durante muito tempo na historiografia tradicional existiram diversas visões e objetivos, como por exemplo, a ideia que a história era considerada a “mestra da vida”, responsável por transmitir, por meio de experiências e relatos, lições que evitariam caminhos errados que já foram feitos pela humanidade e promoveriam a educação e moralização com base nos exemplos do passado, especialmente para os futuros líderes.

A partir do século XIX que o campo da História passa a existir dentro do meio acadêmico, a partir da Universidade de Berlim, se inicia um processo de profissionalização do fazer história, tendo mudanças em sua escrita e objetivos, pois ao estar em domínios acadêmicos, nele se buscará alcançar um status científico e que servirá aos propósitos e diretrizes estabelecidos pelo Estado¹⁰.

Como aponta Albuquerque Junior sobre o papel que a história adquire com essas mudanças:

a adoção do ensino de história não apenas na universidade, mas nas escolas públicas surgidas justamente a partir da revolução francesa, passa a ser vista como ingrediente indispensável para a criação dessa nova comunidade imaginada, a nação, que deveria vir a substituir as solidariedades e relações comunitárias locais¹¹

Portanto, o ensino de história a partir desse momento se caracteriza como uma ferramenta voltada para a construção de identidade nacional, onde se prioriza a história política, dando centralidade e protagonismo à elite política e econômica que domina o cenário europeu no século XIX.

É importante aqui retomar esta construção do que se tinha como norte para o ensino de história, pois é dele que se formará toda uma base eurocêntrica no contexto da educação no Brasil, que teve uma forte influência francesa, como aponta Elza Nadai¹², durante o estabelecimento dos primeiros currículos escolares no país:

Assim, a história inicialmente estudada no país foi a História da Europa

¹⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: Gonçalves, Marcia de A.; Rocha, Helenice Ap. de B.; Resnik, Luís; Monteiro, Ana M. F. da C. (Org.) Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 328p

¹¹ Ibid., p.23

¹² NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, v. 13, n. 25/26, pp. 143-162, set. 1992/ago. 1993. Disponível em: <<https://is.gd/mCof3E>>. Acesso em: 24 jan. 2024

Ocidental, apresentada como a verdade História da Civilização. A história pátria surge como Apêndice B, sem um corpo autônomo e ocupando um papel extremamente secundário¹³

Surge, então, a preocupação com a história do ensino brasileiro e também com a formação de professores, justamente para que se tenha ideia de como desde o estabelecimento do ensino no Brasil, a história da África esteve excluída.

Durante o século XX, há um impacto na construção e objetivos do fazer e ensinar história, com a chegada das críticas feitas pela escola dos Anales e também com as contribuições marxistas para o campo, pois “vão procurar afastar a história da militância nacionalista em que se vira envolvida no século anterior”¹⁴, sendo que o marxismo nesta etapa se propõe a repensar a centralidade dentro da história das ações do Estado, para as relações econômicas e sociais.¹⁵

Enquanto que a Escola dos Annales, além de também buscar elaborar pensamento histórico a partir de agentes diferentes da visão do século XIX, se propôs a pensar e criticar a forma de como se pensava história determinista e vinculada ao objetivo único da consciência patriótica. Tais apontamentos na história, deslocou o eixo de uma história positivista para um contexto de historicizar o próprio modo de produção do conhecimento histórico, que como aponta Maria Aparecida Neves¹⁶, “não com a visão de um passado-passado, importante apenas na composição da linha evolucionária da humanidade, mas de um passado-presente, que explique processos aparentemente contraditórios”¹⁷

Nesse contexto, as diferentes visões que foram se construindo durante o século XX e que tiveram disputas travadas entre as diversas correntes historiográficas dentro do campo da Teoria da História, impactaram nos trabalhos de pesquisa do campo histórico, assim como no ensino de história e formação nas bases curriculares desta disciplina.

Esses debates influenciaram diretamente a construção de didáticas dentro da área de história, contribuindo para o surgimento de diferentes metodologias e abordagens de conteúdo. Especialmente no que diz respeito aos intercâmbios que professores de história poderiam estabelecer com outras disciplinas das ciências

¹³ ALBUQUERQUE JÚNIOR op.cit, p. 146

¹⁴ Ibid, p. 26

¹⁵ Ibid p. 27

¹⁶ NEVES, M.A.M. 1985. Ensinando e aprendendo história. São Paulo, E.P.U., p. 106.

¹⁷ Ibid., p.7

humanas.

Tais debates e variadas visões, acompanhadas do contexto pós-guerra e de descolonizações pelo mundo durante o século XX, desencadearam diversos processos de revisão das perspectivas eurocêntricas no Brasil dentro do ensino, principalmente pós-ditadura, onde agentes antes relegados e perseguidos, conseguem maior espaço na construção de conhecimento histórico, como militantes de movimentos sociais, intelectuais e educadores.

A crítica ao ensino eurocêntrico se torna central dentro das discussões de ensino ao final do século XX e início do XXI, como aponta Osvaldo Mariotto Cerezer que aponta a problematização deste modelo no Brasil¹⁸ e quanto seria importante questionar:

os significados e consequências da visão eurocêntrica no campo historiográfico e no ensino de História torna-se essencial se quisermos compreender as representações dos sujeitos a respeito das outras histórias, culturas e identidades, assim como para compreendermos as relações estabelecidas com o “outro” e sua diversidade.¹⁹

Historicizando como se dá o Ensino de História, se percebe notadamente os silêncios e as ausências que ocorreram com o ensino de história de diferentes sociedades que fazem parte da realidade brasileira, como a história africana e afro brasileira, assim como da história indígena. E se esse trabalho se propõe oferecer uma ferramenta que sirva para o ensino de história da África, cabe aqui retomar em que contexto o ensino de história da África se constituiu em nosso país.

Anderson Oliva sintetiza bem esse passado da educação brasileira e as mudanças que foram conquistadas a partir do fim da ditadura civil-militar, pois ele aponta que por muito tempo foi herdeira:

de uma escola que privilegiou, em grande parte de sua trajetória, conteúdos eurocêntricos, vivemos hoje a urgência de rever conteúdos e temas formativos em nossos bancos escolares. Se adotarmos o paradigma identitário anteriormente apresentado – o das Identidades e Culturas Plurais que compõem a Identidade Nacional –, torna-se óbvio o fato de que no trabalho com História, Geografia, Artes, Literatura, Filosofia e Música não podemos valorizar, ensinar e aprender padrões de conhecimento relativos a

¹⁸ CEREZER, Osvaldo Mariotto. Ensinar história para uma educação antirracista: um campo de lutas pelas memórias silenciadas. ZARBATO, Jaqueline; RODRIGUES Jr., Osvaldo. Guerras de narrativas em tempos de crise: ensino de história, identidades e agenda democrática. Cáceres, MT: Unemat, 2021, p. 47-64. Disponível em: <<https://is.gd/OfWgfm>>. Acesso em: 15 jan . 2024.

¹⁹ Ibid., p. 124

apenas uma matriz formativa, no caso a europeia. Precisamos conhecer, reconhecer, valorizar e respeitar as outras matrizes que participaram dessa formação – por exemplo, as africanas, as asiáticas e as indígenas.²⁰

A prática de ensino em sala de aula nos últimos 20 anos, está relacionada intimamente com as mudanças ocorridas na LDB no contexto da educação para as relações étnico-raciais (ERER) e ensino de história afro-brasileira e história da África.

É imperioso neste capítulo elencar quais são os lastros conceituais de pensamento sobre esses temas no presente trabalho.

Trabalhar história da África atualmente, é resultado direto de uma demanda que advém do período final da ditadura no Brasil, no qual diversos movimentos da luta negra e de diversos educadores, decidiram pautar a necessidade de se revisar o currículo historicamente eurocêntrico de nosso país, fruto de uma construção curricular que se baseou em referenciais europeus desde o século XIX²¹.

A segunda e terceira década do século XXI experimenta tanto a implementação dessas mudanças, como a existência de profissionais da educação oriundos das políticas de ações afirmativas da primeira década desse mesmo século.

Os “Parâmetros curriculares nacionais” (ou PCN’s) tinham como objetivo estabelecer diretrizes para a elaboração dos currículos escolares em todo o país, quando criados em 1996 já abordavam a necessidade de se trabalhar Ensino de História da África no currículos escolares do ensino básico. Mesmo que de maneira superficial o documento já apontava a modelo anterior de educação que havia no país e ressalta a importância de se trabalhar transversalmente diversos conteúdos, como História da África, como apontam Martha Abreu e Hebe Mattos²²:

Essa concepção de uma cultura uniforme é uma construção fortemente enraizada na produção de material didático no Brasil e faz parte de uma das representações mais comuns da chamada identidade brasileira. Uma identidade que se construiu a partir de percepções convergentes, eruditas e

²⁰ **OLIVA**, A. R. Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a Identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. Revista História Hoje, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 29–44, 2017. DOI: 10.20949/rhhj.v1i1.4. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/4>. Acesso em: 29 mar. 2024.

²¹ **NADAI**, Elza. Op.Ci. 140

4 FERRO, Marc – A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação/ Marc Ferro: Tradução de Wladimir Araújo., São Paulo: IBRASA, 1983.

²² **ABREU**, Marta; **MATTOS**, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 267-290, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882008000100014&lng=pt&nrm=iso.> Acesso em: 1 mar. 2023.

populares, da efetividade de uma cultura brasileira. Ou seja, a uma cultura brasileira mestiça corresponderia uma identidade brasileira igualmente mestiça, sem conflitos, hierarquias e diferenças. O texto dos PCNs enfatiza o papel homogeneizador dessa formulação anterior que encobria como silêncio entre outras diferenças uma realidade de discriminação racial reproduzida desde cedo no ambiente escolar.²³

Assim, os documentos dessa época já apontavam para um caminho de revisão do antigo modelo curricular que movimentos sociais apontavam como parte de uma estrutura racista de educação. É necessário essa recuperação desse caminho neste trabalho para refletir o contexto atual do Ensino de História da África como resultado de no mínimo trinta anos de debates e revisões.

Nilma Lino Gomes²⁴ observou que, a partir dos anos 1980, com a reabertura democrática do país, o Movimento Negro começou novas maneiras de resistência e engajamento político, contestando a predominância do enfoque na disparidade socioeconômica:

O Movimento Negro pleiteia que a questão racial deveria ser compreendida como uma forma de opressão e exploração estruturante das relações sociais e econômicas brasileiras, acirrada pelo capitalismo e pela desigualdade social. Essa postura traz tensões no interior dos grupos reivindicativos dos anos 1980 e 1990. A esquerda brasileira é cobrada a se posicionar contra a exploração capitalista e também contra o racismo. Tal cobrança acabou por desvelar a forma insidiosa de o racismo se propagar, inclusive dentro dos setores considerados progressistas. Ao depositar todas as forças de superação do capitalismo via ruptura da estrutura de classes e instauração do socialismo, a esquerda brasileira, com seus discursos e práticas políticas, acabava por alimentar a ideia de que a questão racial estava subsumida na classe e desprezava a luta do Movimento Negro. Esse processo trouxe, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, tensões, críticas e rupturas entre os integrantes do Movimento Negro, os partidos de esquerda e as entidades dos ditos novos movimentos sociais.²⁵

Fato é que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana aprofundam e recolocam esse tema novamente de uma forma crítica e necessária para uma superação de modelos curriculares anteriores.

O imperativo jurídico de aplicação dos objetivos da mudanças da LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER a partir de agora) e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e

²³ ABREU, Marta; MATTOS, Hebe. Idem.p.7

²⁴ GOMES, Nilma Lino. O movimento negro brasileiro como ator político. In: _____. O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017

²⁵ GOMES, Nilma Lino. Idem. p.111

Africana estão ligados a atuação pedagógica que vise uma educação que enfrente o acúmulo da visão eurocêntrica presente no ensino de história no Brasil. Esse imperativo de problematizar questões eurocêntricas de história em sala de aula se conecta com as lutas do século passado em rever ausências e silenciamentos dos currículos escolares. Astrogildo Fernandes da Silva Júnior apontou a necessidade de:

Romper com o eurocentrismo, abordar outras histórias é compreender que o mundo é epistemologicamente diverso e que essa diversidade, longe de ser algo negativo, representa um enorme enriquecimento das capacidades humanas para conferir inteligibilidade e intencionalidade às experiências sociais. (SILVA JÚNIOR, A. F., p 102. 2016)

A possibilidade desse enfrentamento epistêmico em sala de aula, permite a compreensão sobre a necessidade de respeito às diferentes identidades que foram negligenciadas no passado dentro do Ensino de História, assim como direitos que foram ignorados durante o processo de formação do nosso país.

A produção de jogos didáticos, como o proposto neste trabalho, não pode estar fora deste debate tão importante, pois se insere nessa necessidade de ser uma ferramenta para profissionais da educação que buscam cumprir objetivos das DCNERER e, talvez, a oportunidade de encontrar materiais didáticos lúdicos, como jogos de tabuleiro ou virtuais, ofereça mais um caminho possível para o ensino de História da África.

As DCNERER expõe diversas vezes a necessidade de se colocar em perspectivas a importância da história e cultura afro-brasileira para a formação da identidade cultural brasileira, mas e a história africana? Qual o objetivo de fomentar o Ensino de História da África?

Antes de adentrar onde se encaixa esse tópico no próprio documento, é interessante abordar aqui um dos parágrafos da *Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004*²⁶, pois neste item fica evidenciado como havia uma busca por colocar o Ensino de História da África como parte da identidade cultural do país e a importância de valorizá-la, assim o parágrafo 2 do 2º artigo dessa resolução estabelece que:

²⁶ RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Regulamenta a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Diário Oficial da União, Brasília, 18 jun. 2004. Seção 1, p. 9. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em 3 mar. 2023

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.²⁷

Vemos neste item que pede-se a valorização da história africana e suas raízes na cultura brasileira ao lado de outras identidade históricas presentes no país, por isso, quando foi pensado o uso de um jogo onde o viajante é um africano muçulmano do século XIV, foi para que durante seu uso, se permita que tanto professor quanto estudantes possam acessar diversas identidade históricas e correlacioná-las com o presente.

Assim, avançamos às “Diretrizes” propriamente ditas, pois aqui se encontra mais especificidades sobre o ensino de História da África que é extremamente importante para este trabalho e para práxis de ensino desse professor.

Um dos primeiros itens que gostaria de destacar aqui é como esse documento ressalta o compromisso do ensino de história africana como princípio e como ele auxilia no acesso a direitos básicos e como isso se encaixa, pois:

- à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;
- ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira;²⁸

Logo, estar trabalhando com o passado africano pré-colonial europeu é uma forma de trazer para sala de aula como certas construções históricas e culturais se dão dentro das lógicas de um período histórico.

Estudantes ao terem contato com essa narrativa histórica que Ibn Battuta traz dentro do jogo, vislumbram a possibilidade de enxergar uma parte do continente com lógicas próprias, mas também de trocas culturais entre outras sociedades, principalmente pelas conexões criadas dentro da *Umma*²⁹, pois neste contato se oferece a possibilidade de busca de permanências e mudanças deste período para outros que o estudante irá estudar em sua vida no ensino básico.

Também, é necessário trazer alguns itens das DCNERER que apontam a necessidade do trabalho do Ensino de História da África para a promoção em sala de

²⁷ RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Idem. p.9

²⁸ BRASIL. 2004. p.18

²⁹ Termo árabe para “mundo muçulmano”

aula da educação para relações étnico-raciais, destacando que ao trabalhar tal proposta, se oferece um espaço de debate sobre diferenças e semelhanças culturais que fazem parte da cultura dos próprios estudantes:

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas³⁰

Há um paralelo bem expresso entre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, destacado nas DCNERER e uma educação que busca o lugar da História africana na nossa identidade cultural, assim como uma perspectiva antirracista.

1.2. Antirracismo e ensino de história da África

A BNCC (Base Nacional Curricular Comum), é o principal documento norteador para a formação de currículos pelo país e sua implantação apresenta diversas etapas desde sua criação, mudanças e versão final, que ao fim das contas continuou apresentando ainda em seu cerne uma visão eurocêntrica (que foi base na construção do ensino de história brasileiro e já exposto anteriormente) e que privilegia um ensino de história com o único objetivo de acúmulo de conteúdos, sem tempo para reflexão e crítica do que foi ensinado³¹. Essa reprodução cumulativa de conteúdos aparece ainda na versão final da BNCC ao apontar que:

Na falta do Estado em seu papel para com a educação, o que se chama de conteudismo cresce de modo que a contextualização entre conteúdo e tempo presente, abordada pela BNCC, ainda que importante, seja um passo mínimo frente às problemáticas vistas, por não suprir o pedido.³²

³⁰ BRASIL. 2004. op. cit. p.20

³¹ M FERREIRA, V. .CONTEÚDOS PROBLEMÁTICOS : uma análise acerca do conteudismo. REPOSITÓRIO DE ANAIS DA ANPUH-GO, [S. l.], p. 229/240, 2022. Disponível em: <https://anpuhgoias.com.br/periodicos/index.php/caliandra/article/view/43>. Acesso em: 30 jan. 2024.

³² Ibid. p.234

E o ensino de História também está vinculado a esta dinâmica e ainda é pensado dentro de abordagens didáticas que priorizam a memorização de eventos históricos, enquanto a análise crítica de conceitos, quando presente, é conduzida sem uma interação que inclua as perspectivas dos principais envolvidos

Ou seja, os próprios estudantes, devido ao excesso de aulas tradicionais expositivas, baseadas em uma visão eurocêntrica de ensino, com objetivos unicamente voltados para avaliações escritas que não estimulam o interesse para conhecimento histórico não encontram caminhos eficazes para o desenvolvimento das habilidades de uma aprendizagem crítica da realidade em que vive, mas sim uma produção quantitativa de resultados.

Além desse desafio comum, ainda há os próprios desafios dos conteúdos em si, pois jamais serão supridos todas as demandas que tanto sociedade e academia esperam do professor em sala de aula e isso ocorre devido a diversos fatores, incluindo a posição social do professor, como aponta Michael de Certeau³³:

a história deve ser definida como uma “relação da linguagem com o corpo (social) e portanto, também pela sua relação com os limites que o corpo impõe, seja à maneira do lugar particular de onde se fala, seja à maneira do objeto outro (passado, morto) do qual se fala”³⁴

Esses limites que Michel de Certeau coloca para o “corpo social” é muito perceptível no ensino de história, mas ainda sim não pode perder em mente a importância e possibilidades que o ensino de história oferece para os estudantes.

Estar em uma aula de história proporciona que indivíduos reflitam sobre as diversas realidades do ser humano, suas agências e impactos na em determinados períodos da história³⁵, é uma forma de compreender:

a vastidão, a abrangência e as próprias peculiaridades do fato, não obstante,

³³ MIRANDA JUNIOR, Robson Freitas de. A história como “logos do outro”: Michel de Certeau e a operação historiográfica. *Temporalidades – Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 29, v. 11, n. 2, Jan./Abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/issue/view/682> Acesso em 10 de Jan. 2024.

³⁴ Ibid., p.63

³⁵ SILVA, Bruno Barros da. Da autobiografia ao jogo: o ensino das relações étnico-raciais a partir das experiências de Mahommah Gardo Baquaqua. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431709/1/DA%20AUTOBIOGRAFIA%20AO%20JOGO%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Bruno%20Barros.pdf> > Acesso em 10 de jan. 2024

o sujeito histórico recorre à compreensão da história como forma de encontrar sentido à sua própria função social³⁶

Ao propor o encontro de estudantes com um jogo que tem como contexto parte do continente africano no século XIV em dinâmicas que se pressupõe atividades e realidades complexas, se busca propor agir diferente no presente do estudante, que o estimule agir na formação de um futuro de combate e superação de preconceitos diante da história da África.

Se antes dos anos 2000 havia uma ausência denunciada do ensino de História da África nas escolas, a luta por sua presença também denota o racismo daquele período, ao evidenciar que foi necessário uma movimentação muito grande da sociedade para criar um contraponto ao currículo historicamente eurocêntrico. Uma das consequências dessas movimentações foi o surgimento de legislação específica para garantir presença obrigatória no currículo de história da África e história afro-brasileira.

Após pequeno preâmbulo sobre as mudanças que as dinâmicas da sala de aula podem oferecer, podemos abordar um elemento importante para escolha do tema do jogo ser totalmente centrado em um personagem africano e seus limites geográficos também.

Não se pode negar que exista um antirracismo inerente às proposições das DCNERER e da alteração feita na LDB em 2003 pela lei nº 10639. A república brasileira foi construída sobre os escombros de uma sociedade que conviveu com trezentos anos de escravidão e essa herança é notadamente uma das bases para o racismo no Brasil.

Portando, toda medida que lute, enfrente ou critique a continuidade da estrutura racista se encaixa na perspectiva da luta antirracista.

Partiremos de Kabengele Munanga para refletir como se dá esses enfrentamentos ao racismo e como ele pode ser pensado criticamente no ensino de história.

Há duas possibilidades de se enxergar o combate ao racismo, como aponta Kabenguele Munanga: uma das visões é essencialista, onde se parte da ideia que todos seres humanos são iguais em direitos, o que ele chama de “antirracismo de

³⁶ Ibid. p.21

igualdade”³⁷, onde se entende o conceito de “raça” apenas como um construto social e toda política afirmativa, deve ser universalista, pois qualquer medida

“de ação afirmativa vinda do Estado que introduza as diferenças biológicas como forma de lutar contra as desigualdades é considerada nessa abordagem como um reconhecimento oficial das raças e conseqüentemente como uma racialização de um país cuja característica dominante é a mestiçagem”³⁸(MUNANGA, p. 24, 2015)

Porém, Munanga aponta outra forma de "antirracismo", onde não se ignora o problema criado em nosso país a partir do conceito de raça, mas sim a partir do racismo, que “*hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente*”³⁹ e assim propor uma educação que estimule uma convivência igualitária onde se respeite as diferenças e identidades em particular de cada grupo étnico.

As DCNERER tem um caráter de apontar como é importante retomar certos pontos da história africana e afrobrasileira para que seja possível que se identifique e se reconheça na educação básica a existência da particularidade da identidade afrobrasileira, para que some em “pé de igualdade” a outras na construção da identidade nacional.

Assim, entendemos uma “educação antirracista” nessa perspectiva, pois quando se estabelece no currículo escolar a obrigatoriedade do Ensino de História da África, se está colocando a necessidade de se reconhecer outros percursos formadores de nossa identidade cultural além da europeia, tão presente nos currículos, de forma que estudantes reconheçam tanto elementos de sua própria vivência no conteúdo quanto reconheçam a vivência e cultura de seus e suas colegas.

Retomamos assim o diálogo entre as DCNERER e uma educação antirracista, pois, ambos buscam combater o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, por meio da valorização da diversidade étnico-racial e cultural e da promoção da equidade.

Esse excerto das diretrizes ressalta a importância de evitar distorções no ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e de articulá-lo entre passado,

³⁷ MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, p. 03-16, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2023.

³⁸. Idem. p.24

³⁹ Idem p.25

presente e futuro, considerando as diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. Essa ideia de distorção, aqui se faz a leitura de se evitar apenas a leitura eurocêntrica de história da África, tentando abordar as mais diversas visões historiográficas sobre o tema. Pois, possibilita a promoção de uma educação crítica e reflexiva, que considere a complexidade da história e cultura afrodescendente, evitando e problematizando estereótipos e simplificações.

Da mesma forma, a educação antirracista busca promover uma visão crítica da história e cultura brasileiras, reconhecendo a contribuição de diferentes grupos étnicos e culturais para a formação da nação brasileira. Ela também tem como objetivo desmistificar estereótipos e preconceitos raciais, promovendo o respeito à diversidade e à igualdade.

Esse diálogo proposto continua nesse item das DCNERER, pois trabalhar história da África implica uma valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de seus direitos de cidadania e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas. Logo, há uma convergência entre essas duas perspectivas, que buscam promover uma sociedade mais justa e igualitária, que combata o racismo e a discriminação.

Seguindo, ainda nesta troca com as DCNERER, cabe apontar o seguinte item:

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que: – se explicitem, busquem compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana; – promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheçam, se ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana além da construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; – sejam incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um. (Brasil, 2004. p. 20)

Neste item, que tem muita similaridade com o anterior, é interessante apontar que nesta proposta, se estabelece como se dará algumas estratégias para alcançar

os objetivos do documento, sendo eles presentes no currículo ou não.

O desenvolvimento de uma ferramenta didática como um jogo que tenha como mote central a história da África, é mais uma alternativa de busca por contemplar as diretrizes das DCNERER e ensino de história e cultura africana. Pois, através desse jogo que se assume o papel de um viajante africano em diversas situações, é possível explicar, compreender e interpretar parte de diferentes formas de expressão e organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana, bem como promover oportunidades de diálogo e comunicação entre diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais. Além disso, ao jogar juntos, os participantes podem buscar formas de convivência respeitosa e interagir de forma a valorizar a identidade, história e cultura dos afro-brasileiros e africanos. O jogo também pode ser uma atividade curricular ou não, dependendo da proposta pedagógica adotada.

Por fim, cabe reafirmar que pelo tema central do jogo ser totalmente fora de uma temática eurocentrada, quem for jogar em sala de aula tem a oportunidade de estabelecer contato com uma diversidade que nem sempre está à sua disposição, reforçando uma prática de uma educação para as relações étnico raciais, que segundo Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva⁴⁰ tem por objetivo:

a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos.⁴¹

A oportunidade que um estudante ou um educador de qualquer escola do Brasil tenha a oportunidade de ter contato com dinâmicas e realidades distintas do continente africano anterior à chegada da estrutura colonialista europeia, atende aos

⁴⁰ SILVA, P. B. G. e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação (Porto Alegre), v. 30, p. 489-506, 2007. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745/2092>> Acesso em 26 Fev 2024

⁴¹ ibid. p.490

pontos elencados por Kabengele Munanga na tentativa de oportunizar o contato com diferentes diversidades culturais em sala de aula, assim como atende a elaboração de Petronilha sobre educação para relações étnico-raciais.

1.3. Reflexões sobre positivismos e ensino de história da África

As DCNERER em seu texto traz a necessidade que história ensinada tenha um viés positivo dentro do Ensino de História da África. Uma necessidade de positividade ao ser apresentada e compreendida em detrimento de um foco denunciatório das mazelas e aspectos negativos do continente.

Desde que o ensino de História afro-brasileira e africana entrou de forma obrigatória para os currículos escolares do ensino básico e superior, ocorreu uma extensa e profícua produção de conhecimento sobre o assunto.

Apenas para se mensurar a quantidade de produção acadêmica sobre temas relacionados à educação das relações étnico-raciais pós ações afirmativas e legislação específica, pode-se trazer o levantamento que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva publicou um artigo em 2018 que se concentrou em delimitar o período de 2003 a 2013 para poder analisar 38 artigos, 7 teses e 51 dissertações que abordaram o tema⁴².

Em diversos trabalhos que abordam este tema⁴³, há uma palavra que aparece com bastante frequência: positividade ou sinônimos, para abordagens de conteúdos que estejam vinculados ao ensino de história da África ou história afrobrasileira.

Há um destaque para que em sala de aula e na produção de materiais didáticos ocorra um ensino que não se pautar apenas pela narrativa do trauma histórico, dando mais ênfase às características positivas da história africana.

As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apresentam por diversas vezes essa necessidade de se encontrar características onde a “ *História da África, deve ser tratada em perspectiva positiva, não só de*

⁴² _____. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. EDUCAR EM REVISTA, v. 34, p. 123-150, 2018.

⁴³ ARAÚJO, Maria Bethânia de. História da África e dos africanos no ensino fundamental: análise de uma abordagem didática. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2018

denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente” (DCNERER, p.21, 2004).

Assim, esta preocupação existe e é uma realidade da produção de materiais didáticos que abordem o tema⁴⁴. Porém, como se construiu essa percepção para o ensino de história de uma necessidade de positivação? Este trabalho não pretende averiguar as origens desse conceito, contudo é possível, por exemplo, conceber alguns apontamentos e uma relação conceitual a partir da classificação sugerida pelo cientista social guineense Carlos Lopes no texto “A Pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos”, onde organizou uma classificação para a historiografia africana na qual ela pode ser pensada em três correntes: a corrente da Inferioridade Africana; a corrente da Superioridade Africana; e os novos estudos africanos⁴⁵.

Na primeira corrente estão contempladas todas as produções que partem do paradigma de Hegel, mal se pode pensar em uma história da África. Todos materiais e conhecimento construídos até o início do século XX, apresentem tal faceta e para Carlos Lopes, africanos e o continente são meros Apêndice Bs, acidentes históricos diante de civilizações avançadas como a europeia.

A segunda visão propõe um rompimento com esta visão colonial do continente e é chamada de “Superioridade Africana”, que para Lopes, o argumento do historiador Joseph Ki-Zerbo que se contrapõe a tal inferioridade africana é um corolário dessa visão, onde “a África também tem um história”.

A necessidade de sobrevalorizar a experiência africana feita pela geração de historiadores de Ki-Zerbo (como Cheikh Anta Diop ou Tamsir Niane), gerou o que o guineense chama de pirâmide invertida, pois a ideia seria substituir o discurso europeu por um discurso afrocêntrico.

Ki-Zerbo ao escrever “História da África Negra”, deixa nítido no subtítulo da obra (do ontem ao amanhã), apontando que sua ideia era além de organizar uma escrita do passado africano, também era propor um futuro, por isso seria necessário destacar elementos positivos dessa narrativa histórica que poderiam demonstrar aos não-africanos que o continente, também, tinha heróis e grandes conquistas para a

⁴⁴ FERREIRA, Adínia Santana. A história da África nos livros didáticos: reflexões sobre o PNLD 2018. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 2021.

⁴⁵ LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos. In: Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África. Lisboa: Linopazas, 1995. p. 21-29

humanidade. Para haver possibilidade de perceber um novo futuro africano, era necessário perceber esse grandioso passado.

Lopes, aponta tais objetivos de forma crítica, porém ressalta que tal geração foi importante para a criação do colossal projeto História Geral da África, que ao mesmo tempo é um reforço da pirâmide invertida, contudo serviu de base para o surgimento de novos historiadores africanos “libertos das necessidades de impor uma Superioridade Africana.” (LOPES, 1995, p.27,).

A última corrente, não precisando se preocupar com tais necessidades de um contexto de afirmação de identidades nacionais africanas em guerras anticolonialistas, poderiam “se contentar em serem apenas historiadores” como conclui o sociólogo guineense (LOPES 1995, P.28).

Voltemos à segunda corrente, que aqui tem um peso importante para se entender a existência da ideia de posituação do passado africano no ensino de História da África. A partir, por exemplo, da visão de Ki-zerbo, pode-se perceber que a ênfase na necessidade de uma narrativa positiva do passado africano⁴⁶ está intimamente ligada também a uma visão afrocêntrica do passado:

Outra exigência imperativa é que essa história seja, enfim, vista do interior, a partir do pólo africano, e não medida permanentemente por padrões de valores estrangeiros; a consciência de si mesmo e o direito à diferença são pré-requisitos indispensáveis à constituição de uma personalidade coletiva autônoma. Certamente, a opção e a ótica de autoexame não consistem em abolir artificialmente as conexões históricas da África com os outros continentes (...). Mas tais conexões serão analisadas em termos de intercâmbios recíprocos e de influências multilaterais, nas quais as contribuições positivas da África para o desenvolvimento da humanidade não deixarão de aparecer⁴⁷

É perceptível o destaque que o historiador de Burkina Fasso demonstra, ao expor a necessidade de que sejam afirmadas “contribuições positivas”.

Joseph Ki-zerbo por ser um dos organizadores da História Geral da África e ser apontado por Carlos Lopes como um dos expoentes da corrente da “superioridade africana”, apresenta uma visão que é possível encontrar uma relação bastante próxima com parte das DCNERER e também em diversos trabalhos que

⁴⁶ KI-ZERBO, J. Introdução Geral. In: História Geral da África (volume I): Metodologia e pré história da África. Brasília: Unesco, 2010

⁴⁷ Ibid.p.52

apontam a positivação da história como um fim e essas posturas apontam para uma relação dessa visão historiográfica em muitos em materiais didáticos⁴⁸.

Anderson Ribeiro Oliva, construiu um levantamento sobre as temáticas trabalhadas em livros didáticos e aponta que 80% dos livros apresentam a ideia de “Reinos e Impérios” em detrimento de outras temáticas⁴⁹ e adverte que:

A princípio não temos nada contra a citação ou estudo dessas formações políticas, elas (reinos de Gana, do Congo, da Etiópia, do Zimbábue e dos impérios do Mali e Songhai.) devem ser abordadas. Até porque, de fato, permitem a intimização, por parte de estudantes e professores, de uma África diversa, rica e fascinante. O que incomoda é sua supervalorização ou enfoque exclusivo, e não a sua presença quase sempre obrigatória. Tal ênfase ocorre em detrimento à outros contextos históricos também importantes, o que causa uma leitura distorcida de certas sociedades africanas⁵⁰

A relação entre a exaltação de “Reinos e Impérios”, conceitos criados dentro de uma perspectiva histórica não africana é claramente uma relação com a corrente de pensamento da superioridade africana, pois denota a ideia de buscando por sociedades que apresentem o mínimo de semelhanças com conceitos europeus, são dignos de uma construção narrativa tão importante quanto a europeia. Esse exemplo, é a materialidade da pirâmide invertida de Carlos Lopes.

Anderson Oliva ainda aponta que o uso desses conceitos “confunde as referências adotadas ou construídas pelos alunos sobre a história africana”⁵¹

Esse uso do passado africano dentro de um contexto histórico de lutas por independências de países africanos e de superação do discurso colonialista é compreensível, porém até que ponto ainda é possível sustentar tal visão no ensino de história, sem que se crie novos estereótipos ou construções de um passado idílico sem complexidades anterior ao período da diáspora gerada pela escravidão no Brasil? Alguns autores apontam algumas questões diante dessa questão e que deseja-se abordar as contribuições de Paul Gilroy e Michel-Rolph Trouillot.

Dessa forma, utilizando a análise de Carlos Lopes sobre a historiografia africana e a relação que encontramos no ensino de História da África no Brasil da

⁴⁸ OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nas escolas brasileiras: entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006). História (São Paulo), v. 28, p. 143-172, 2009.

⁴⁹ OLIVA, Anderson Ribeiro. O ensino da história da África em debate: uma introdução aos estudos africanos. In: RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro et. al (orgs.). História e cultura afro-brasileira e africana na escola. Brasília: Agência Cooperação em Advocacy, 2008, p. 29-49

⁵⁰ Ibid. p.34

⁵¹ Ibid. p.35

pirâmide invertida, construída para que história da África a ser ensinada precise ser grandiosa, com impérios, reinos e grandes construções, de maneira que possa fazer jus a sua entrada na história geral eurocêntrica, é possível compreender melhor o que há na ideia positivamente das DCNERER. Assim, queremos aqui apontar alguns problemas que surgem dessa operação que se pretende afirmativa na construção do conhecimento sobre diversos aspectos da cultura afro-brasileira e africana trabalhado apenas sobre a ótica da superioridade, onde não há espaço para complexidade de relações sociais, culturais, religiosas ou econômicas que ficam solapadas pela necessidade de localização de predefinições europeus na história de diferentes momentos da história africana.

Paul Gilroy se debruçou sobre esta questão em um dos capítulos do livro “*O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*.”⁵². Para o autor do livro, é importante o estudo e compreensão da escravidão durante a modernidade como um fenômeno complexo e que construiu as bases do ethos negro diaspórico nas Américas e ignorar tal construção é fechar os olhos para a realidade que essa modernidade construiu e ainda constrói.

Gilroy identifica no apego a uma visão estritamente afrocêntrica à tradição e à negação da escravidão uma forma de desconsiderar a resistência e construções de negros e negras nas Américas diante das mudanças em diferentes esferas das relações humanas que a modernidade operou. Logo, dentro dessa perspectiva existe a ideia que a escravidão foi uma interrupção à marcha das civilizações africanas ao seu verdadeiro destino. Essa visão subjuga a população negra das Américas a um ideal racial e cultural unicamente africano idealizado, relegando as relações construídas durante os cinco séculos no continente americano ao esquecimento. Paul Gilroy evidencia isso quando atesta que:

A anterioridade da civilização africana à civilização ocidental é asseverada, não a fim de fugir a este tempo linear, mas a fim de reivindicá-la e, com isto, subordinar sua narrativa da civilização a um conjunto diferente de interesses políticos sem mesmo tentar mudar os termos em si mesmos. A lógica e as categorias da metafísica racial não são perturbadas, mas a relação entre os termos é invertida⁵³.

Os negros se tornam dominantes em virtude da biologia ou da cultura, numa

⁵² GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2019

⁵³ LOPES, Carlos. 1995. op. cit. p. 21-29

perspectiva essencialista de raça e atribui-se aos brancos um papel subordinado. A maneira como esta inversão é realizada revela como meramente mais um sintoma do poder duradouro de ideais ligados à uma base de ideais supremacistas.⁵⁴

Este apontamento é bastante importante para pensarmos a posituação da história da África no ensino de forma bastante cuidadosa, para não gerar esse estado dissociativo diante da realidade e do desejo de enaltecer tal perspectiva no contexto de sala de aula, onde o passado africano foi atravessado pela escravidão e negros e negras diaspóricas do Brasil irão finalmente serem dignos de humanidade e de história ao ter contato com aquele passado, substituindo a civilização ocidental e o eurocentrismo, pela civilização africana e o afrocentrismo.

A crítica do sociólogo estadunidense vai totalmente contra os objetivos da DCNERER, pois esse não é o fim almejado do documento, mas sim valorizar e difundir a cultura e história afro brasileira, que é fruto sim de contribuição de civilizações africanas, mas também da modernidade e da escravidão.

Mas, afinal como tentar lidar com essa tensão de ensinar História da África sem cair nesse paradoxo terrível que Paul Gilroy apontou? Pois, é necessário atender às diretrizes da DCNERER, abordar diversos povos e culturas que foram centrais como exemplos para a construção da corrente de superioridade africana e sua pirâmide invertida.

Michael-Rolph Trouillot oferece algumas observações importantes na obra “Silenciando o passado: poder e a produção da história⁵⁵” que pode-se trazer para o trabalho para tentar responder essa questão.

Neste ensaio, se limitará a fazer um apanhado dos argumentos que o autor traz no último capítulo, pois nele Trouillot usa de sua crítica à historicidade, à autenticidade e os ciclos de renovações que o passado oferece a um caso emblemático: a construção de um parque da Disney onde o tema da escravidão seria umas das atrações.

O antropólogo haitiano parte de um texto crítico ao empreendimento da Disney do escritor William Styron, que aponta os dilemas morais da ideia de representar a escravidão, onde seria impossível recriar a terrível experiência, mas para Trouillot a passagem que mais lhe chama a atenção é a seguinte:

⁵⁴ Idem. 368

⁵⁵ **TROUILLOT**, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

“No parque da Disney no estado da Virgínia, a experiência da escravidão ofereceria aos visitantes um arrepiante instante de horror, para que, em seguida, autoindulgentes e piedosos, eles pudessem virar as costas a um mundo que, apesar de morto, ainda não foi enterrado decentemente”.⁵⁶

As outras críticas do texto são irrelevantes para Trouillot devido ao fato que autenticidade de um passado não é garantia de entendimento do que aquilo significou. A escravidão é pautada e questionada pelo o que ela deixou na sociedade e não somente pelo que ela foi. Mesmo que a Disney conseguisse criar a maior e melhor das experiências imersivas ao passado escravista dos EUA, seria apenas uma narrativa de algo totalmente encerrado em um ambiente hermeticamente fechado e distante da sociedade que é fruto da escravidão.

Não basta o posicionamento contrário à escravidão, mas se indignar com o que ela gerou e ainda gera. A sociedade é fruto disso e portanto, quando se mira somente o passado, se ignora seu produto, como exemplifica Trouillot:

A denúncia da escravidão de uma maneira presentista é fácil. A escravidão foi má, a maioria de nós concorda com isto. Contudo, o presentismo é, por definição, anacrônico. Apenas condenar a escravidão é a saída fácil [...]. O que precisa ser denunciado aqui, para restaurar a autenticidade, é o presente racista no qual as representações da escravidão são produzidas⁵⁷.

Para Trouillot, o que vivemos do passado está no presente. O racismo e suas mazelas, o genocídio do povo negro, a exploração capitalista, a misoginia, são consequências da escravidão, são a existência desse passado ainda no presente. Logo, investir dinheiro para a criação de uma experiência que negligencia o presente para criar uma experiência traumática para um público classe média branca aproveitar e logo virar as costas é produto histórico de seu tempo.

Assim, todo movimento de posituação da história da África que pode ser feito em sala de aula pode trazer as mesmas questões de uma experiência histórica que falseia realidades, pois no período que Ibn Battuta visitou a sociedade do Mali, parece haver uma grande suntuosidade em diversos aspectos culturais mais ao mesmo tempo lida-se no seu relato (na *Rihla*) com momentos onde há um olhar preconceituoso do viajante magrebino com a realidade diferente naquele lugar e

⁵⁶ Idem. 236

⁵⁷ Idem. 244

também o elemento da escravidão está presente.

Deixar de abordar estes elementos diante de uma constante perspectiva positiva pode fortalecer estereótipos essencialistas que já foram apontados aqui sobre as populações de origem africana.

Complementando essa ideia, elaborar e construir um olhar voltado apenas para a positivação do passado pode ser algo danoso para formação de uma compreensão histórica e que é necessário contemplar todas complexidades das antigas sociedades africanas e das relações que a modernidade trouxe para a formação da experiência colonial da América atual, assim oferecendo ao estudante uma oportunidade de questionar o que há de construção em nossa sociedade que se vincula à sua realidade.

É a oferta de uma ferramenta para pensar o agora e não se prender a um passado que foi perdido, ele está vivo em diferentes aspectos e o fato de estudá-lo, está intimamente ligada às lutas de diferentes setores da sociedade para a implementação do conteúdo no currículo.

Assim, neste trabalho e também na base de ideias que fazem parte da construção do jogo, vamos adotar a ideia de positivações. Não existe apenas uma forma de se construir uma visão positiva sobre o passado.

Evitaremos a positivação que construa apenas visões de grandes reinos e impérios sem problemas, sem complexidades e dimensões da vida humanas. A ideia de positivações aqui é que ao mesmo tempo que um elemento importante ou grandioso seja demonstrado, é necessário deixar claro para o aluno que qualquer sociedade africana ou de qualquer lugar apresentará contradições inerentes a qualquer período da humanidade. No caso das viagens de Battuta, seu olhar etnocêntrico baseado nos preceitos do islã e de sua cultura magrebina o impedem de valorizar as diferenças que ele encontra no Mali. Outro exemplo, é apontar que essas sociedades africanas que Ibn Battuta visitou já estavam vinculadas a diversas relações comerciais e uma delas era o comércio de pessoas para serem escravizadas, pois a riqueza que havia e era gerada na época, também passava por esse elemento.

O movimento e necessidade que nossas ações afirmativas pleiteiam de positivação pode ser pensado nesse âmbito. É um uso do passado que valoriza suas complexidades e contradições assim como o ensino de outros períodos históricos ou

análises da realidade atual. Não há porque esconder do estudante essas nuances que faziam parte daqueles seres humanos da época de Battuta.

E aqui cabe apontar o papel do ensino de história da África nas escolas de não deixar de enfrentar um tema sensível como a existência de escravidão na África anterior à chegada dos europeus, pois se não apresentar sua diferença para a lógica colonial que foi responsável pelo deslocamento forçado e assassinato de milhões de pessoas, pode-se deixar espaço aberto para negacionismos históricos sobre a relação de africanos e escravidão.

Essa é uma possibilidade que a escolha por uma positivação que ofereça, um equilíbrio e compreensão que passados idílicos, perfeitos e perdidos no tempo, podem gerar efeitos contrários ao que se deseja alcançar.

Há limites para essa operação conceitual, como a construção de interpretações históricas deslocadas das suas consequências no presente, fora a possibilidade nefasta de reforçar estereótipos e o próprio eurocentrismo, onde se renega a construção da identidade negra diaspórica e se limita a reprodução de uma tradição acrítica daquelas sociedades.

Esse movimento deve ser evitado, pois com ele, não se cumpre os objetivos esperados pela legislação e diretrizes criadas, mas principalmente à toda movimentação e luta de setores da sociedade que por tanto tempo esperaram a oportunidade de existir a possibilidade da história africana fazer parte do cotidiano escolar.

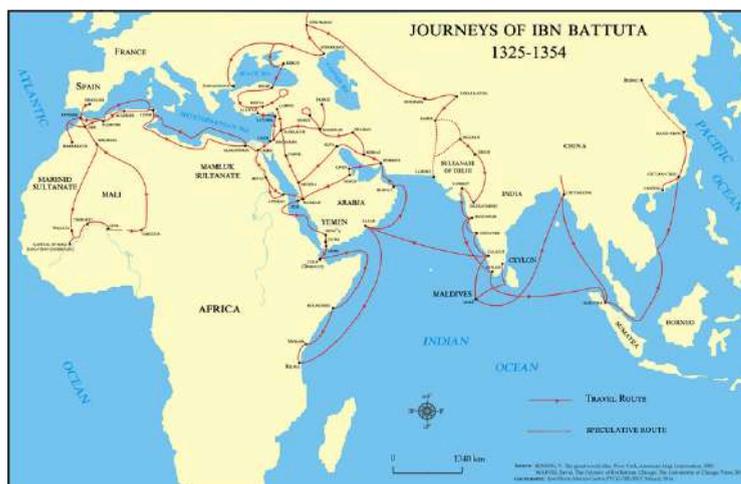
1.4. Relação sala de aula e jogo: de onde partiu a ideia de jogar com Battuta?

Assim, antes das relações entre jogo e ensino, vale contextualizar que esse jogo veio de uma outra proposta de chamada “Viajando com Ibn Battuta pelas antigas sociedades africanas”, na qual foi uma experiência didática de jogo de tabuleiro de trilha com perguntas criada em 2018 na EMEF Tiradentes do município de Nova Santa Rita, que se baseia mais nas rotas de viagens do que nas experiências Rihla de Ibn Battuta, utilizando o mapa construído pelo cartógrafo José Flávio Moraes Castro.

O mapa servia de tabuleiro para avançar. Basicamente, a cada rodada é jogado um dado e para cada número, há uma pergunta sobre o local, sobre islã ou

sobre história de antigas sociedade africanas que Battuta conheceu. Algumas casas tem eventos que podem ajudar quem está jogando a avançar ou retroceder na viagem. Ganharia o jogo quem fizesse todo o percurso.

Figura 1 – As viagens de Ibn Battuta



Fonte: WAINES, 2010, p. XII-XIII; Cartografia: Prof. Dr. José Flávio Morais Castro.⁵⁸

Se situar nesse mundo através das viagens do viajante marroquino, oferece a oportunidade de seguir os caminhos que o mundo muçulmano tinha em partes da África do século XIV e a cada rodada, o jogo oferece o encontro de estudantes dos anos finais com elementos culturais, políticos, sociais e religiosos de regiões da África visitadas por Ibn Battuta.

Em diferentes momentos da viagem, é muito perceptível que Battuta deixa bem claro sua visão preconceito quanto à diferença de cor de peles entre as pessoas que ele conheceu durante a viagem (como os diversos momentos que as cartas de relatos apresentam essa visão aos jogadores nas relações sociais de Ibn Battuta em Kilwa e Tagaza, por exemplo). Este elemento é vital ser utilizado dentro do jogo, para que o estudante possa complexificar um pouco mais sua visão sobre o olhar que o viajante traz sobre as relações sociais que havia dentro do mundo islâmico na África e que apontam para

⁵⁸ TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset; AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Ibn-Battuta, geografia de viagens, carste e subterrâneos sagrados. Mercator, v. 14, n. 2, p. 135-150, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/YxQRVvJ8qWnKJvgkcNNfmvR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2023.

É uma oportunidade de oferecer mais uma ferramenta na construção desse processo educacional que a lei 10639/03 e a lei 10645/08 nos proporcionaram nas necessidades que movimentos sociais pautaram por muito tempo de se rever a centralidade da história europeia nos currículos e em sala de aula. De acordo com Nina Lino Gome, este processo no coloca:

diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente⁵⁹

O fio condutor do jogo não é guiado por uma leitura histórica eurocêntrica, pois estabelece possibilidades a quem for jogar, de explorar as viagens e situações que um africano teve no século XIV ao rodar o mundo antes do período da explosão de explorações marítimas europeias, o que gera um deslocamento da falsa ideia que europeus dominaram caminhos nunca antes trilhados por outros povos pelo oceano Índico, por exemplo.

Há a oportunidade de se trabalhar com personagens históricas que diretamente ou indiretamente, Battuta se envolveu em suas viagens relatadas em trechos das cartas que podem ser oferecidas em meio ao jogo, são personagens ligados à trajetória do viajante que oferecem uma leitura histórica sobre personagens que têm diferentes e complexas interpretações do passado africano.

Ao se apontar esses elementos dentro do jogo, a intenção é justamente não continuar a reproduzir essa invisibilidade histórica que tantos materiais didáticos já reproduziram ao longo do tempo no Ensino de História da África no Brasil.

A possibilidade de se jogar em sala de aula junto de estudantes, oferece trazer para a realidade escolar uma forma de se trabalhar uma perspectiva de positivação de momentos da história africana de uma maneira que seja mais uma opção de ensino para aquele professor que busca atender as diretrizes do DCNERER e também que estimula a participação do estudante na construção e debate dessa metodologia.

Minha experiência em sala de aula enquanto professor, possibilitou observar a necessidade de ludicidade com conteúdo, pois o desejo também era que

⁵⁹ GOMES, N. L. Relações étnico-raciais: educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

estudantes simpatizassem com a importância de olhar para civilizações de um passado não-europeu de forma positiva e complexa, como aponta o DCNERER. Logo, na realidade sala de aula, vi o potencial de se trabalhar diversas passagens destas viagens do marroquino Ibn Battuta, as quais despertaram a atenção das turmas e, por consequência, decide propor a construção de um jogo de tabuleiro, onde a trajetória de criação e uso dele geraram resultados bastante interessante na prática de sala de aula..

Porém, no ano de 2019, o município de Esteio se tornou o novo local de trabalho e no ano de 2021 também me mudei para trabalhar na cidade Alvorada, deixando o município de Nova Santa Rita. Tais mudanças são muito comuns entre professores do ensino básico que buscam melhores locais de trabalho, remuneração ou localidade.

É neste contexto também que a necessidade de um material pedagógico fácil e atraente, tanto para estudantes quanto para professores, traz uma agilidade de seu uso, pois é uma proposta que pode ser carregada e reutilizada em sala de aula.

Após um ano de ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 e mais um ano de ensino híbrido, a possibilidade de voltar a construir jogos em sala de aula de forma analógica voltou com muita força. Motivado pelos seguintes fatores: estudantes totalmente extenuados com as lógicas do ensino remoto; uma grande dependência de equipamentos tecnológicos, em especial smartphones; certo desinteresse pela realidade escolar presencial de alguns estudantes. Inicialmente, este projeto tinha como objetivo trabalhar com jogos eletrônicos, porém nas duas realidades de sala de aula, foi percebido cansaço dos estudantes com atividades unicamente ligadas ao universo virtual.

Também, existe uma variedade de jogos virtuais muito limitadas, quando o assunto é história da África, pois existem diversas barreiras que foram sendo percebidas, durante o início do mestrado como: excesso de didatismo dos jogos feitos em ambientes acadêmicos, não oferecendo uma boa experiência de aprendizagem de estudantes; a barreira do idioma, pois vários jogos de grande qualidade feitos por programadores africanos eram em idiomas estrangeiros; jogos muito complexos e distantes da proposta pedagógica de oferecer um caminho de fácil acesso para o ensino de História da África.

Um dos jogos pensados para a análise foi “*Mzito*”,⁶⁰ que se trata de um jogo mobile em plataforma 2D de aventura. Nele, os jogadores acompanham as jornadas de uma dupla de seres espirituais conhecidos como Mzitos, enquanto exploram diversas localidades pela África em uma missão para despertar os leões adormecidos. A barreira para este jogo foi que era essencial que todos alunos tivessem celular, o que nem sempre é possível, assim foi descartado.

Outro jogo que foi considerado foi “*Tales of Hassan*”⁶¹, outro jogo africano de plataforma, que teria como pano de fundo sociedades semelhantes como os reinos de Gana e Mali, porém o jogo ficou indisponível para download e o estúdio que o fez não disponibiliza em seu site.

Outra opção considerada para o projeto foi “*África uma jornada na história do Mali*”⁶², produto educativo construído em dissertação de mestrado, porém o jogo necessita ser instalado em computador, tendo 367 MB de tamanho, o que demandaria internet e aparelhos em quantidade para os alunos, sendo outra realidade extremamente difícil nas escolas brasileiras como aponta o relatório do censo escolar de 2020, onde “38,3% dispõem de computador de mesa, 23,8% contam com computadores portáteis, 52,0% possuem internet banda larga e 23,8% oferecem internet para uso dos estudantes.”⁶³.

Ainda foi pensado em se trabalhar com o excelente jogo “*Mist of Soundjata*”⁶⁴, jogo africano em 3D feito pela produtora de games do Mali, a United Tech Labs. Porém, o jogo tem como idiomas principais o francês e inglês, o que traria diversas dificuldades para utilização em sala de aula.

Ainda em 2023, ao final do ano, encontrei a partir de um dossiê da revista “História Hoje” um jogo produzido por duas acadêmicas UFPE chamado “*Arokin: desvendando reinos*”, que dialoga com diversos objetivos já anteriormente expostos

⁶⁰ WEZA Interactive Entertainment. Mzito. Disponível em: <https://wezaie.itch.io/mzito>. Acesso em: 29 jan. 2024.

⁶¹ EduDziii. The Tales of Hassan: Review. 14 jul. 2015. Disponível em: <https://edudziii.wordpress.com/2015/07/14/the-ales-of-hassanreview/>. Acesso em: 29 jan. 2024.

⁶² ADAME, Nel. O estudo da história africana : Ubuntu e cuidado de si para as relações étnicas raciais Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Vitória, 2021. Disponível em <<https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2135>> Acesso em 03 de dez 2023

⁶³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Pesquisa revela dados sobre tecnologias nas escolas. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/pesquisa-revela-dados-sobre-tecnologias-nas-escolas>. Acesso em: 29 jan. 2024

⁶⁴ MIST OF SOUNDJATA no PC. Disponível em: <https://www.gameloop.com/br/game/strategy/mist-of-soundjata-on-pc>. Acesso em: 29 jan. 2024.

aqui sobre ensino de História da África⁶⁵, porém eu já estava desenvolvendo a ideia de propor um produto pedagógico, mas o artigo referenciado explora bastante as possibilidades de Ensino para as relações étnico raciais e jogos em sala de aula.

Assim, após todos esses exemplos elencados, todos esbarraram na realidade da escola pública, devido à questão tecnológica, de acesso à internet ou de mero acaso temporal. E com tantas dificuldades, por que não aproveitar a ideia base de um jogo já feito em sala de aula e que fosse analógico?

A partir dessa constatação, foi decidido por construir o jogo e colocá-lo em prática na EMEF Dulce Moraes do município de Esteio, pelo fator vínculo e maior tempo com os estudantes, porém em meio ao curso, a prefeitura de Esteio decidiu encerrar os anos finais dessa escola de forma abrupta, de um ano para outro, eliminando a possibilidade de uso das turmas dessa escola.

A eliminação dos anos finais ainda está em fase de implementação, mas é mais uma medida dentro do contexto deste município que impede a criação de vínculo afetivo e educacional entre professores e estudantes daquela comunidade escolar.

Desde 2021 construí vínculos com a comunidade escolar em outro lugar, na escola EMEF Ver. Cléo dos Santos, principalmente pelo fato do retorno ao ensino presencial.. E neste contexto de Alvorada, cabe ressaltar que há um grande número de alunos negros nas turmas, muito maior que no município de Esteio. Algumas turmas dessa escola chegaram a ter mais estudantes negros que brancos, portanto, cada vez mais a ideia de um jogo que se pautasse por um ponto de vista que valorizasse a experiência de viagem pela África se fez mais necessária e a aplicação poderia ser um meio de estimular a ideia de pensar a África de nossos antepassados com um continente diverso e complexo historicamente.

Essa escola que me fez idealizar o jogo está localizada no bairro Piratini de Alvorada, bairro periférico da cidade. O município de Alvorada segundo o Censo populacional de 2010, apresenta aproximadamente 51 mil habitantes autodeclarados negros, o que representa um índice de 26% da população da cidade. Para comparação, a cidade de Porto Alegre tem 20% da população autodeclarada negra.

⁶⁵ **BARBOZA**, Adinaly Pereira; **DE CARVALHO FREIRE**, Eleta. O jogo na (re) educação das relações étnico-raciais: que história é essa?. Revista História Hoje, v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1015/523> Acesso em 30 de Jul de 2024

Portanto, além das questões envolvendo o produto final deste trabalho, as motivações pessoais e políticas, também há mais um elemento da própria vivência em sala de aula apontando para a necessidade de um material voltado para o ensino de História da África, pois o meu trabalho nas escolas é uma forma de colocar estudantes diante de diferentes formas de entender o passado africano, parte da constituição cultural de nosso país.

CAPÍTULO 2 - Da Rihla de Ibn Battuta para o Ensino de História da África

Neste capítulo, será abordado mais sobre quem foi Ibn Battuta, detalhando alguns elementos extremamente importantes para a temática do jogo: o registro de suas viagens.

Além disso, neste capítulo se discutirá como é possível através da história de Ibn Battuta ofertar a possibilidade aos estudantes de conhecer pelo olhar do peregrino muçulmano, certos olhares sobre sociedades africanas anteriores à chegada da estrutura colonialista europeia.

Após essa apresentação do personagem e de sua trajetória, que é o fio condutor do jogo proposto como produto pedagógico nesta dissertação, se utilizará de partes dos relatos de Ibn Battuta para retornarmos brevemente sobre as questões de positivamente de ensino de História da África e suas possibilidades de trabalho em sala de aula, para ao fim deste capítulo elaborar como esses trajetos que Battuta construiu no século XIV podem oferecer um ponto de partida para o ensino de história de África pela ótica de um africano.

O jogo proposto tem como base a ideia de oportunizar aos estudantes uma visão dos caminhos que Ibn Battuta viajou e como esses caminhos em forma de jogo conversam entre si, portanto também neste capítulo vamos aproximar mais os elementos da história de Battuta das possibilidades de ensino que se encontra com jogos em sala de aula

2.1. Ibn Battuta , o príncipe dos viajantes

Ibn Battuta, conhecido também como Abu Abdallah Muhammad ibn Abdallah ibn Muhammad ibn Ibrahim al-Luwati at-Tanjî, foi um aventureiro e viajante islâmico, nascido em 1304 na cidade de Tânger, no Marrocos, durante o domínio da dinastia Merínida. Sua origem remonta aos povos imazighen, sendo mais precisamente ligado à tribo Lawita, como é evidenciado pelo seu nome completo, al-Luwati.

Sua jornada ao redor do globo teve início em 1325, quando partiu em uma peregrinação à Meca. No entanto, sua busca espiritual logo se transformou em uma

série de expedições que se estenderam por aproximadamente três décadas.⁶⁶

Com suas viagens, Ibn Battuta percorreu uma ampla variedade de territórios, abrangendo três continentes. Ele explorou extensivamente o Oriente Médio, visitando cidades como Meca, Damasco e a Eurásia, abordando diversos locais como Constantinopla, onde teve a oportunidade de interagir com diversas culturas e tradições religiosas. Como anteriormente mencionado, seu próprio nome sugere sua origem, at-Tanjî, indicando sua ligação com a cidade de Tânger.

Além disso, viajou pela Índia, onde foi nomeado *cadi* (ou *Qadi*⁶⁷) pelo sultão de Delhi e serviu como embaixador, e até mesmo alcançou a China, testemunhando a grandiosidade da dinastia Yuan. Sua curiosidade e desejo de conhecimento o levaram a atravessar as estepes geladas da Ásia Central, explorar as terras da Pérsia, percorrer as costas da África e aventurar-se nas ilhas do sudeste asiático. Uma de suas expedições mais notáveis foi sua jornada ao Mali, onde presenciou a riqueza e o poder do império negro, deixando registros detalhados sobre a região subsaariana, o que contribuiu significativamente para a compreensão histórica dessa área.

Ibn Battuta além de seu papel de peregrino por diversos lugares, também estabeleceu contatos com autoridades locais, desempenhou funções administrativas e ganhou reconhecimento por seus vastos conhecimentos geográficos e culturais. Seus relatos de viagem, documentados em um "Rihla" ou "Rihlat", palavra que vem do árabe e que significa jornada. Esses relatos são uma fonte histórica riquíssima que trazem muitos detalhes de sociedades do século XIV que Ibn Battuta visitou.

José Rivair Macedo e Roberta Pôrto Marques nos detalham um pouco mais sobre esse tipo de registro, que é:

"um gênero ambíguo e pode ser lida tanto de uma perspectiva literária, com ênfase em sua forma e nas particularidades de sua narrativa, quanto de uma perspectiva religiosa, uma vez que seu conteúdo está essencialmente vinculado à experiência da peregrinação. Seus dois mais notáveis autores, o andaluz Ibn Jubair e o marroquino Ibn Battuta, iniciaram suas viagens quando decidiram realizar a peregrinação a Meca. Mas a descrição da experiência da viagem comporta informações de natureza econômica (produtos comercializáveis, atividades locais desenvolvidas), de natureza política (forma de governo, condições e possibilidade de intercâmbio), de natureza social (grupos e instituições particulares) e de natureza cultural

⁶⁶ MACEDO, J. R.; MARQUES, R. "Uma viagem ao Império do Mali: o testemunho da Rihla de Ibn Battuta". In: Ciências & Letras: Revista da Faculdade Porto-alegrense (Porto alegre), nº 44, pp. 17-34, 2008

⁶⁷ Espécie de juiz do mundo do islam que julga com base nas leis presentes na sharia.

(crenças, tradições, mitos, lendas; hábitos e costumes).⁶⁸

Tais fontes são muito valiosas, pois servem como material de análise e reflexão sobre a vida cotidiana, as atividades comerciais e as diferentes sociedades encontradas durante as viagens, porém sempre tomando cuidado com o olhar que Ibn Battuta apresenta durante suas aventuras e que serão melhor apontadas mais para frente no texto.

Ao final de sua vida, Ibn Battuta deixou um legado duradouro, sendo lembrado como um dos maiores exploradores e viajantes da história islâmica em diversos países do mundo muçulmano, sendo homenageado com monumentos e nomes de locais, por exemplo, Ibn Battuta é o nome de um gigantesco shopping em Dubai, também nome de estádio de futebol na cidade de Tanger, no Marrocos e ainda tem estátua do viajante magrebino na cidade de Quanzhou na China,

O espaço geográfico que Ibn Battuta circulou em seus longos trajetos e parte também da história desse personagem e tem um papel fundamental na influência e construção de suas *Rihlas*.

Battuta ficou viajando por mais de 28 anos em um longo percurso que rodou por diversos caminhos do mundo muçulmano da época. Vamos conhecer mais dos périplos que ele fez durante o século XIV.

2.2. Pelos caminhos de Dar al-Islam

Viajar é uma prática fundamental dentro da cultura muçulmana. Ele é encarado como algo fundamental devido a um dos cinco pilares do islã: o *Hajj*. A peregrinação a Meca, que toda pessoa muçulmana deve realizar pelo menos uma vez na vida, se tiver meios físicos e financeiros para fazê-lo. O Hajj ocorre durante o último mês do calendário islâmico, Dhu al-Hijjah.

Ao longo dos séculos, o fluxo contínuo de peregrinos aos Lugares Santos foi constante, exceto em períodos de guerra que impediam tal prática. Esses peregrinos vinham de todas as partes do mundo, inclusive de regiões distantes como al-Andalus (a Península Ibérica muçulmana), Índia, Iêmen, Mali ou China. Além de seu significado ritual, a jornada desempenhou um papel proeminente nos primeiros séculos do Islamismo na formação da doutrina. Durante esse período, houve uma

⁶⁸ MACEDO, J. R.; MARQUES, R. 2008. op. cit. 20

transição gradual do Islã sendo uma religião com várias interpretações para a sua adoção da forma que conhecemos hoje na versão sunita e nas várias correntes xiitas.

Citada essa informação, é preciso compreender que viajar é algo inerente à cultura muçulmana e isso estava muito presente no tempo de Battuta, pois além dele outros famosos viajantes do mundo muçulmano se aventuraram pelo *Dalal-islam* e deixaram seus relatos escritos para a posteridade, como Ibn Jubayr⁶⁹, Ibn Khaldun⁷⁰, al-Bahkri⁷¹ ou al Idrisi⁷²

Além disso, os deslocamentos e a redação sobre tais viagens reforçavam os conhecimentos geográficos e políticos sobre os diversos Estados islâmicos e seus vizinhos. Em apenas alguns séculos após a revelação do Corão para o profeta Muhammad, os domínios islâmicos expandiram-se por boa parte da Ásia, norte da África e oeste da Europa. Estes novos domínios estavam situados dentro de antigas e movimentadas rotas comerciais, muitas das quais bem conhecidas pelos neófitos muçulmanos de origem persa, turca e imazighen.

Construir conhecimento escrito em árabe sobre os caminhos e povos não foi uma atividade que demorou a ocorrer. O termo "*Dar al-Islam*", que significa "território islâmico", é empregado no Islã para classificar territórios sob controle muçulmano, onde se aplica a lei islâmica (charia). Segundo esta visão, o resto do mundo está sob controle infiel (não muçulmano), sendo conhecido como *Dar al-Harb*⁷³, "a casa da guerra".

De acordo com a tradição islâmica, os muçulmanos são obrigados a subjugar *Dar al-Harb* (qualquer território que não está sob controle islâmico) e transformá-lo em *Dar al-Islam* (em um território governado pelo Islã). Esse processo geralmente é realizado através da guerra, onde o papel principal do Islã é subjugar

⁶⁹ Foi um geógrafo, viajante e poeta árabe de al-Andalus. Sua crônica de viagem descreve a peregrinação que fez a Meca de 1183 a 1185, nos anos anteriores à Terceira Cruzada

⁷⁰ Conhecido por seu Muqaddimah (conhecido como Prolegômenos no Ocidente) e seus tratados sobre diversas áreas do conhecimento, também se aventurou por Al Andalus (atual Espanha), por regiões do Magrebe e também pelo Egito, vivendo entre os anos de 1332 a 1406

⁷¹ foi um geógrafo e historiador hispano-muçulmano. Filho de um governador de província, Albacri passou sua vida no Alandalus, vivendo em Córdova, e nunca viajou para outros locais sobre os quais escreve entre os anos de 1040 a 1094

⁷² foi um geógrafo, cartógrafo e botânico árabe, famoso pela qualidade de seus mapas, tanto no desenho quanto na precisão. Em 1154 confeccionou um grande mapa-múndi, orientado em sentido inverso ao utilizado atualmente, conhecido como a Tabula Rogeriana, acompanhado por um livro, denominado Geografia

⁷³ Qualquer território que não está sob controle islâmico.

os infiéis (adeptos de qualquer outra religião pagã ou ateus) ao Islã, pois reivindica para si o status de única religião verdadeira. E aqui cabe, o detalhe que dep

Essa ideia de território muçulmano do *Dar al-Islam* advém da ideia que existiam três zonas em que os primeiros sábios islâmicos dividiram o mundo, segundo uma visão que remonta aos primórdios da expansão do Islã a partir da Península Arábica, embora não seja mencionado no Alcorão. As outras duas zonas são, como já citadas, *Dar al-Muahadah* ("terra de tratado", ou seja, as terras que estabeleceram acordos com a terra do Islã) e *Dar al-Harb* ("terra de guerra", como explica Beatriz Bissio⁷⁴:

No período compreendido entre os séculos VII e IX, existiam narrativas árabes de viagens referidas a experiências nas terras exteriores ao mundo muçulmano, cujos costumes e sociedades constituem o seu eixo temático. É oportuno lembrar que, mesmo em tempos de paz, as relações com o mundo dos infiéis não eram incentivadas. A Lei muçulmana distingue entre os atos proibidos (haram) e aqueles que não são recomendados (makruh). A viagem às terras do dar-al-harb estava incluída nesta última categoria⁷⁵.

É crucial ressaltar que após o falecimento do profeta Maomé, os seguidores do Islã logo perceberam a inadequação do Corão, no qual inicialmente confiavam exclusivamente para orientação, para lidar com todas as circunstâncias que surgiam. Especialmente durante o período do Império Abássida, os muçulmanos dedicavam-se meticulosamente a reconstruir aspectos da vida de Maomé em busca de orientação.

Surgiram movimentos importantes para coletar exemplos de suas ações, palavras, escolhas e até mesmo seu silêncio, os quais passaram a servir como referências para interpretação. Dessa forma, além das peregrinações devido ao Hajj, estabeleceu-se uma tradição de coleta minuciosa de testemunhos em todos os lugares habitados por muçulmanos, conforme explica Beatriz Bissio:

Especialistas foram encarregados de reunir, em todos os domínios do Islã, o maior número possível de testemunhos e de perenizá-los através da escrita. Inicialmente, as viagens eram feitas pelos membros dos primeiros círculos de estudo, constituídos nos centros urbanos da Península Arábica (Meca e Medina), do Iraque (Basra e Kufa) e da Síria (Damasco), que trocavam informações entre si. Alguns desses estudiosos costumavam fazer périplos bem mais abrangentes, chegando à Pérsia, Iêmen, Kurasan e Transoxiana.³ Mais tarde, por volta do século X, esses materiais seriam

⁷⁴ **BISSIO**. Beatriz As viagens e suas narrativas no Islã medieval. Revista Litteris: Dossiê Estudos Árabes-Islâmicos, [S.l.], v. 4, edição quadrimestral, p. 14-20, 2010.

⁷⁵ *Ibid.*, p.6

agrupados e codificados em função de critérios predeterminados, principalmente pelos assuntos tratados⁷⁶

Assim, além do Hajj, que já criava as condições para existência de grande fluxo de muçulmanos peregrinos, havia também uma tradição religiosa de confeccionar escritos a partir de testemunhos desses viajantes para assegurar evidências fáticas dos acontecimentos do profeta Mohammed. Futuramente, todas esses escritos dariam origem à chamada “ciência da tradição” (*ilm al-hadith*)⁷⁷, todo esse saber acumulado e tradicional mais tarde seria base da *Sunna*⁷⁸, que tem uma importância tão grande para muçulmanos quanto o próprio *Corão*.

Essa questão da escrita é muito importante para entendermos não só o registro de peregrinos em direção à Meca, mas também por que há tantos relatos de viajantes, pois para os muçulmanos tudo que existe provinha de *Allah* e por isso a busca por conhecimento era admirada e todo esforço para registrar fenômenos, paisagens ou eventos históricos era incentivado e fascinava muitos sábios, por isso é muito comum essas viagens de exploração que acabavam por se transformarem em Rilhas.

Havia diversos objetivos com viagens, como observa Beatriz Bissio:

É possível distinguir pelo menos quatro tipos de viagens nas narrativas da época anterior ao século X, em função das suas motivações e protagonistas: testemunhos deixados por mercadores e marinheiros (entre os temas abordados por esses autores, o comércio é o mais destacado); relatos de funcionários, entre eles, embaixadores; memórias dos peregrinos, e, finalmente, todos aqueles relatos que - não se encaixando em nenhuma dessas categorias - correspondiam a viajantes movidos por motivos pessoais ou pela curiosidade da própria viagem.⁷⁹

Ibn Battuta no século XIV quando iniciou suas viagens aos 22 anos em 1326, estava imerso em um contexto de ebulição cultural e também de uma grande malha de caminhos em imensas extensões de onde o mundo muçulmano podia atingir, havia diversos périplos, relatos de viagens e também literatura onde a viagem tinha papel central como as “*Mil e umas noites*”⁸⁰.

⁷⁶ Ibid., p.2

⁷⁷ Ibid. p. 2

⁷⁸ A palavra árabe Suna significa ‘caminho trilhado’, e logo, suna do profeta significa os caminhos trilhados pelo profeta, ou aquilo que é normalmente conhecido como Tradições do Profeta

⁷⁹ BISSIO, Beatriz. 2010. Op. Cit. p.6

⁸⁰ LEME, Elaine Cristina Senko. UMA ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA “AS MIL E UMA NOITES”. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Volume 8, Número 14, janeiro-junho de 2018.

Agora tendo esse conhecimento tanto sobre Ibn Battuta e também como funcionava as lógicas do *Dar al-Islam*, que o viajante percorreu, podemos compreender melhor suas viagens e seus relatos que depois de 28 anos de viagem foram transformados em livro por um funcionário do sultão merínida Abu Inan(1321-1356), conhecido como Ibn Juzayy alKalbi (1321-1356). A obra *Tuhfat al-Nuzzar fi Ghara'ib al-Amsar wa-'Aja'ib al-Asfar* (que poderia ser traduzido como “Um presente para aqueles que contemplam as Belezas das Cidades e as Maravilhas da Viagem”) é resultado dos relatos de viagem de Ibn Battuta.

2.3 Deslocamentos de Ibn Battuta pela África ou um “presente oferecido aos observadores sobre coisas curiosas e maravilhosas vistas em países e em viagens”⁸¹

O jogo que será proposto tem como base as viagens de Battuta, porém essas viagens são múltiplas e foi preciso fazer um recorte sobre suas viagens, pois poderia se diluir o foco no continente africano, mesmo que seja a visão de um viajante africano sobre o encontro com o outro, preferimos escolher uma parte de suas viagens, contudo, que viagens são essas?

A motivação que impulsionou Ibn Battuta em sua viagem a Meca foi inicialmente a peregrinação que todo muçulmano deve fazer por causa do *Hajj*⁸². Além da obrigação espiritual, esse momento permitia às comunidades islâmicas de diferentes regiões terem acesso a acontecimentos científicos, filosóficos, literários ou políticos, contribuindo para a troca de conhecimentos e informações diversificadas.

Contudo, ao chegar em Alexandria, o viajante teve um sonho que mudou seus rumos. Durante o sono, ele se viu sendo carregado nas asas de um grande pássaro em direção a Meca, depois ao Iêmen e em seguida para o Oriente, Sul e, por fim, para o Oeste, onde foi deixado. Interpretado por um *xeique*⁸³ na manhã seguinte, o sonho revelou as longas jornadas que ele realizaria. Levando a sério essa visão, o viajante devoto, havia descoberto sua alma aventureira e fez a promessa de evitar, sempre que possível, repetir os caminhos já percorridos.

⁸¹ Nome da Rihla de Ibn Battuta terminada em 1355

⁸² Peregrinação à Meca

⁸³ Título outorgado a quem detém uma autoridade superior em assuntos islâmicos.

Durante sua primeira viagem, que ocorreu entre 1325 e 1326, Ibn Battuta percorreu uma extensa rota que incluiu visitas ao Norte da África, Egito, Síria e Palestina, explorou a Península Arábica, incluindo as cidades sagradas de Medina e Meca, além de ter viajado pelo Iraque e Irã antes de retornar à cidade de Meca.⁸⁴

Em 17 de novembro de 1326, Ibn Battuta parte novamente de Meca, desta vez acompanhado por uma caravana, iniciando uma nova jornada rumo a destinos significativos na história islâmica. Durante essa viagem, ele revisita o túmulo do profeta Maomé em Medina, antes de seguir para o Iraque, onde tem a oportunidade de visitar o túmulo de Ali, genro de Maomé e figura chave no desenvolvimento do xiísmo. Após essa parada importante, ele continua sua jornada, passando por Basra no atual Iraque, e seguindo em direção a Ispahan, uma cidade de grande importância cultural e política na época. Após explorar essas regiões, ele retorna mais uma vez ao Iraque, antes de finalmente regressar a Meca, onde permanecerá pelos próximos três anos, de 1327 a 1330.

Battuta partiu de Meca em direção a Jidda, à beira do Mar Vermelho, onde embarcou em um pequeno navio com outros peregrinos até chegar em Kilwoa, por volta de 1328. Nesta etapa de sua viagem, Ibn Battuta circulou pela África Oriental, local que nos interessa devido à sua exploração à outra região da África bastante distante do Mali.

A região por onde ele perambulou tem forte influência da cultura árabe que veio pelo oceano Índico e se misturou às diversas culturas que tem como base linguística e cultural bantu. Essa mistura deu origem à cultura swahili que é presente em quase toda costa oriental africana, desde o sul da Somália até o norte de Moçambique.

Contudo, Ibn Battuta foi bastante objetivo nas palavras dele sobre sua passagem por Zeila, Mogadíscio, Mombaça e Kilowa, por se tratarem de locais que servem de passagem para seu destino ao sultanato da Delhi, nos territórios de Paquistão e Índia. Porém, o fato de ser mais econômico nessa passagem, não impede que o leitor conheça algumas especificidades da região pela ótica do viajante magrebino.

Da cidade de Zeilá, Battuta cita algumas características da população, do local e só:

⁸⁴ VERAS, Bruno. 2015.Op. Cit. p. 70

Saindo de Aden, viajei quatro dias por mar e cheguei para Zayla' [norte da Somália], cidade das Bárbaras, uma taifa⁸⁵ de negros que seguem a escola Chafeíta⁸⁶ seu país é um deserto que tem a extensão de dois meses de marcha, começando em Zayla e terminando em Mogadíscio. Eles têm rebanhos de camelos e ovelhas, famosas pela sua manteiga; Gente de Zayla são negros e a maior parte são rafidas⁸⁷. É uma vasta cidade, com um grande souk, mas é a cidade mais suja, mundo triste e fedorento. O fedor é devido ao grande quantidade de peixes que existe e o sangue de camelos que eles matam nos becos. Justamente por isso sujeira, quando chegamos lá preferimos passar a noite no mar, apesar do medo que tínhamos dele, em vez de passar a noite na cidade. (Tradução nossa)⁸⁸⁸⁹

Após essa curta passagem pela cidade pesqueira, Battuta avança para a cidade de Mogadíscio (atualmente pertencente ao território da Somália) onde encontra com o sultão do local chamado Abu Bakr⁹⁰.

Battuta é levado ao Sultão por *cadí* e quando se encontram, ocorre um belo banquete, mostrando que a questão do *Zakat*⁹¹, um dos pilares do islã é levado muito a sério quando o peregrino se apresenta:

Ainda resta um tempo em seu relato para uma breve, mas importante descrição de Kilwa (ou Quiloa), cidade que mistura a influência muçulmana levada por diversos povos como iemenitas, árabes, persas e malgaxes com as populações de origem bantu. Tal mistura é bastante reconhecida num dos idiomas mais falados até os tempos atuais, onde aproximadamente detém 150 milhões de falantes no continente⁹².

Battuta nos revela que Kilwoa era:

⁸⁵ Uma espécie de principado no mundo muçulmano.

⁸⁶ É uma das quatro escolas de jurisprudência islâmica do sunismo.

⁸⁷ Termo pejorativo que xiitas usavam para se referir aos muçulmanos sunitas

⁸⁸ BATTUTA, Ibn. A través del Islam...2010 op. cit., p. 430

⁸⁹ Versão original En saliendo de Aden, viajé cuatro días por mar y llegué a Zayla' [áct., al norte de Somalia], ciudad de los Barbara, una taifa de negros que siguen la escuela chafeíta; su país es un desierto que tiene la extensión de dos meses de marcha, empezando en Zayla' y acabando en Maqdašaw [Mogadiscio o Mogadiso]. Tienen rebaños de camellos y ovejas, famosas éstas por sus mantecas; la gente de Zayla' es de color negro y la mayor parte son rāfiḏīes. Es una vasta ciudad, con un gran zoco, pero es la población más sucia, triste y maloliente del mundo. El hedor se debe a la gran cantidad de pescado que hay y a la sangre de los camellos que degüellan en los callejones. Precisamente por esta suciedad, al llegar allí preferimos pasar la noche en el mar, a pesar del temor que le teníamos, en vez de pernoctar en la ciudad.

⁹⁰ BATTUTA, Ibn.2010 A través del Islam... op. cit., p. 432

⁹¹ Zakat é o pilar que aborda a importância da caridade aos desafortunados. É tradição dentro do islã peregrinos

⁹² The African Language Program at Harvard. Disponível em: <https://alp.fas.harvard.edu/introduction-african-languages#:~:text=The%20Niger%2DCongo%20languages%20inhabit,Congo%20language%20family%20on%20Ethnologue>. Acesso em 27 de Jul de 2024

“uma importante cidade ribeirinha habitada em sua maior parte por Zanjes, de cor muito negra, que têm incisões no rosto semelhantes às dos Līmī da Guiné. Um comerciante me disse que a cidade de Sofala está a meio mês de marcha de Quiloa, e que entre Sofala e Ifé, no país dos Līmī, há uma distância de um mês; de Ifé, trazem o ouro em pepitas para Sofala. Quiloa é uma cidade muito bela e bem construída; todas suas casas são de madeira, com telhados de palha. As chuvas são abundantes aqui.(tradução nossa)”⁹³⁹⁴

Além dos elogios do viajante ao sultão da época, o governante Al-Hasan ibn Sulaiman, cabe algumas observações sobre este pequeno trecho citado. A primeira é que, Battuta aponta a cor das pessoas daquele lugar, os apontando como “muito negros”, ou seja, o viajante intensifica a característica da cor da pele para apontar seu encontro com uma população que ele indetifica como “zanjes”.

“Zanj” é um termo bastante comum em documentos de cronistas muçulmanos e aparece em diversas obras do período, porém é um termo que detém diversos significados dependendo de quem o usa e quando o usou, pois:

"É um termo presente em textos árabes desde os tempos do Islã clássico, e empregado como designação étnico-geográfica para sociedades negras da África Oriental (mas não restrito a estas). Como nos demonstra Marina Tolmacheva (1986, p. 105), o substantivo coletivo Zanj foi empregado ao longo do tempo, no mundo islâmico, tanto como topônimo (em referência à costa leste-africana como um todo) quanto etnônimo (em designação a seus habitantes, sobretudo bantu); ao passo que não diz respeito a nenhuma sociedade específica, sendo, portanto, um termo externo, de natureza depreciativa. Incidentalmente, Zanj era, nos domínios do Califado Abássida, sinônimo para 'escravizado'."⁹⁵

Tal termo apresenta diversos debates sobre seu real significado e não pretendemos adentrar no debate sobre eles, porém há um consenso que é um demarcador de diferenciação entre povos do “*Bilad al-Zanj*”, como Giacomazzi retifica em seu artigo ao apontar que era comum em documentos reafirmar que práticas que não fossem culturalmente por muçulmanos na costa swahili eram práticas “zanj”, sendo “ *mais um marcador de diferenciação entre os Zanj, de virtudes não-islâmicas,*

⁹³ BATTUTA, Ibn, 2010 Op. Cit p. 436

⁹⁴ Versão original: Na importante ciudad ribereña habitada en su mayor parte por Zanÿ de color muy negra, que tienen sajaduras en la cara como las de los Līmī de Guinea [Yanāwa][294]. Un mercader me dijo que la ciudad de Sufāla[295] está a medio mes de marcha de Quiloa, y que entre Sufāla y Yūfī, en el país de los Līmī, hay una distancia de un mes; de Yūfī traen el oro en pepitas a Sufāla. Quiloa es ciudad muy bella y bien construída; todas sus casas son de madera, con la techumbre de aldiza. Las lluvias son abundantes aquí.

⁹⁵ GIACOMAZZI. Gabriel dos Santos. do Kitāb al-Zunūj e do Kawkab al-Durrīyah al-Aḥbār Ifrīqīyah de al-Bawrī (c. 1890-1913). 2022 .Revista Aedos 14 (31), 10-28 Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/119218> Acesso em 29 de Jul de 2024

e os árabes tementes.”⁹⁶.

Ibn Battuta relaciona novamente os “Zanj” com outros povos africanos ao comparar as incisões que tinham no rosto (provavelmente escarificações) com povos da região da Guiné que ele identifica como “*Līmi*”.

Este termo, “*Līmi*” é outra forma como Battuta rotula povos que não eram muçulmanos e que tinham hábitos culturais muito diferentes dos dele, ao ponto de chamá-los de canibais em outro momento da Rhila. Citar essa visão do viajante, nos evidencia como a diversidade de olhares dentro do continente era bastante complexa, e no caso de Battuta, era amparada por pré definições baseadas nos valores da sociedade muçulmana do Magrebe.

Ainda sobre esta passagem, cabe ressaltar que Ibn Battuta pode criar uma confusão geográfica no leitor, ao apontar que Sofala (que fica no atual território de Moçambique e era o ponto mais austral do continente que muçulmanos da época chegavam) ficava apenas a um mês de “*Yūfi*”, que é uma arabização do termo mande “*Ufé*” que se refere à cidade iorubana de Ifé. Essa região era produzida objetos que eram vendidos em regiões que Battuta viajou e sua fama era conhecida em alguns lugares, como aponta Akinwumi Ogundiran⁹⁷:

"As contas dicróicas azuladas, esverdeadas e amareladas, com as mesmas propriedades químicas HLHA das de Ilé-Ifè., foram identificadas em locais mais distantes, desde Igbo-Ukwu no sudeste da Nigéria e Birnin Lafiya no nordeste da República do Benin até Kissi no Burkina Faso, Diouboye no Senegal, Gao Ancien e Essouk no Mali, e Koumbi Saleh na Mauritânia, todos em contextos dos séculos XII a XIV. Ilé-Ifè., o único centro industrial conhecido para a produção de vidro HLHA, era o fornecedor dessas contas para vários locais na África Ocidental. À medida que esses requintados produtos importados permeavam o mercado subcontinental e a vida social, a fama da cidade se espalhava por grandes distâncias (tradução nossa)⁹⁸⁹⁹

Tal citação demonstra que mesmo que o Mali ou outras regiões islamizadas da África evitasse o contato com povos “*Līmi*”, havia trocas comerciais e algum câmbio

⁹⁶ GIACOMAZZI. Gabriel. Op. Cit p. 24

⁹⁷ OGUNDIRAN, Akinwumi. The Yoruba: A new history. Indiana University Press. 2020. p.107

⁹⁸ Ibid., p.107

⁹⁹ Trecho original: "The dichroic bluish, greenish, and yellowish beads of the same HLHA chemical properties as those of Ilé-Ifè. have been identified farther afield, from Igbo-Ukwu in southeastern Nigeria and Birnin Lafiya in northeast Benin Republic to Kissi in Burkina Faso, Diouboye in Senegal, Gao Ancien and Essouk in Mali, and Koumbi Saleh in Mauritania, all in twelfth- to fourteenth-century contexts. Ilé-Ifè., the only known industrial center for HLHA glass production, was the supplier of these beads to several locations in West Africa..

cultural. E Battuta comete o engano em aproximar geograficamente Sofala de Ifé (que está há mais de seis mil quilômetros de distância) por não ter informações que não sejam de povos islamizados e pelas limitações das informações cartográficas da época. Por isso que Ogundiran faz correspondência entre “*Yuḥfi*” e a cidade de Ifé, como ele explica:

O nome do reino é registrado na narrativa de viagem de Ibn Battuta como *Yuḥfi*, que seus informantes descreveram como 'um dos maiores países do Sudão, e seu sultão um dos maiores sultões deles'. Ilé-Ifè. era o maior centro urbano, o maior entreposto e o mais rico polígono na faixa de floresta tropical da África Ocidental ao sul do Rio Níger durante meados do século XIV, com mais de dois séculos de contato comercial com o Sudão Ocidental. Por conta desses fatos, é a melhor correspondência para o *Yuḥfi* de Ibn Battuta. Além disso, por razões linguísticas, *Yuḥfi* é uma transliteração em Mandé ou em árabe de 'Ufè.', o nome próprio para 'Ifè.' no dialeto central Yorùbá. (Tradução nossa)¹⁰⁰

As próximas etapas de suas jornadas o conduziram até a Índia, onde ele encontra territórios sob domínio islâmico tanto no norte quanto no centro do país.

Durante sua estadia na Índia, ele permaneceu por quase uma década, aproveitando as políticas do sultanato que incentivava a migração de muçulmanos para fortalecer sua estrutura administrativa diante de uma população local muitas vezes hostil. Sua habilidade em falar árabe e sua formação em ciências jurídicas acabam por render a Ibn Battuta o cargo de juiz (*cadi*) em Délhi, uma posição que o permite exercer influência e autoridade em questões judiciais na região.

Além disso, Ibn Battuta também explora as Ilhas Maldivas durante sua jornada, permanecendo por mais de um ano nesse arquipélago tropical exuberante. Posteriormente, ele estende sua jornada até a China, um país onde encontra poucas comunidades muçulmanas, o que o leva a tomar a decisão de empreender o retorno para sua terra natal, no atual Marrocos. Assim, ao no seu retorno para Délhi, Ibn Battuta decidiu navegar de volta para a península arábica e em 28 dias retornou para Zafar, localizado no território do atual Iêmen.

Pelo Golfo Pérsico, navegou mais um pouco até chegar à cidade de Bagdá,

¹⁰⁰ OGUNDIRAN, Akinwumi Op. Cit.p.105 Versão original: “The name of the kingdom is rendered in Ibn Battuta’s travel account as *Yuḥfi*, which his informants described as 'one of the biggest countries of the Sudan, and their sultan one of their [sic] greatest sultans.' Ilé-Ifè. was the largest urban center, the biggest emporium, and the wealthiest polity in West Africa’s rain forest belt south of the Niger River during the mid-fourteenth century, with more than two centuries of trading contact with the Western Sudan. On account of these facts alone, it is the best match for Ibn Battuta’s *Yuḥfi*. Moreover, on linguistic grounds, *Yuḥfi* is a Mandé or an Arabic transliteration of 'Ufè.', the proper name for 'Ifè.' in central Yorùbá dialect.”

organizou uma caravana para atravessar o deserto até Damasco em 1348. Lá, em sua passagem, descobriu que seu pai havia morrido há 15 anos e um filho de dez que ele nunca havia conhecido também havia morrido. Todo esse périplo de retorno de Ibn Battuta é marcado por imensas dificuldades, principalmente pela terrível pandemia de peste bubônica, que não afetará somente a Europa, mas se disseminou por centros urbanos daquele período na região da península arábica até o crescente fértil. Cabe aqui colocar um trecho de seu relato assustador da mortalidade da peste naquele período:

“No início do mês de Rabi al-Awwal no ano 49 [749 Hégira = junho de 1348 d.C.] recebemos a notícia, em Aleppo, de que em Gaza havia se declarado a peste, alcançando o número de mortos mais de mil em um dia. Parti para Hims e, no dia da minha chegada, a mortalidade pela peste na cidade já havia subido para trezentas pessoas. Segui para Damasco, onde cheguei em uma quinta-feira. Os habitantes haviam jejuado durante três dias e saíram na sexta-feira em direção à “Mesquita dos Pés”, como relatamos no primeiro livro. Deus os aliviou da epidemia, mas o número de falecidos havia alcançado dois mil e quatrocentos em um dia.”¹⁰¹¹⁰²

Battuta, mesmo com a ameaça terrível da peste, seguiu sua viagem até a região da Palestina, para se deslocar para a cidade do Cairo, no atual Egito, que também era assolada pela temível pandemia. E é interessante frisar aqui que Battuta, nas duas passagens pela cidade do Cairo, destaca as belezas arquitetônicas e a situação política de quando ele passou pela primeira vez, abordando muito pouco sobre os moradores do local¹⁰³. Possivelmente, Battuta não teve o estranhamento que teve em outras regiões pelo da região do crescente fértil ter sido umas das primeiras regiões da África a receber muçulmanos e ter um forte laço cultural com a região de onde surgiram judaísmo, cristianismo e islamismo.

Após sua passagem pela cidade do Cairo, Battuta faz novamente um *Haji* pela cidade de Meca, é acolhido novamente, segue de volta para o continente africano, passa pela cidade de Túnis. Inexplicavelmente, o espírito aventureiro do marroquino o levou para a cidade da Sardenha junto de alguns catalães e pelo seu

¹⁰¹ BATTUTA, Ibn.2010. op. cit., p.954

¹⁰² Versão original: “A principios del mes de Rabī I del año 49 [749 H = junio de 1348, de J. C.] nos llegó la noticia, en Alepo, de que en Gaza se había declarado la peste, alcanzando el número de muertos más del millar en un día. Salí hacia Hims y ocurrió que el día de mi llegada ascendió la mortandad por la peste, ya en la ciudad, a trescientas personas. Seguí a Damasco, donde entré un jueves. Los habitantes habían ayunado durante tres jornadas, saliendo el viernes hacia la Mezquita de los Pies, según relatábamos en el primer libro. Dios les alivió de la epidemia, pero el número de fallecidos había alcanzado los dos mil cuatrocientos en un día.

¹⁰³ BATTUTA. Ibn.,2010., op. cit. p. 954

relato, ele passou mal bocados com a população cristã da ilha e retornou de lá disposto de uma vez por todas retornar para sua terra natal. Assim, se desloca até a cidade de Fez e encerra por um breve período suas viagens em sua cidade de origem, a cidade de Tânger.

Depois de alguns meses de parada, Ibn Battuta se direciona para Ceuta, fica doente dois meses, se recupera e decide se aventurar por algum tempo por *Al Andalus*¹⁰⁴, onde conheceu algumas cidades que estavam sobre o controle da dinastia Nacérida, como Gibraltar, Málaga e a imponente Granada, que existia desde os tempos romanos, que passou pelas mãos de cartagineses e também passou por diversas dinastias muçulmanas como a zérida, dos almorávidas, almóadas e por fim dos nacéridas, ou seja, um local com uma extrema relação com africanos e asiáticos da península ibérica. Neste trajeto, Battuta por muito pouco não esbarrou com cristãos que haviam atacado cavaleiros muçulmanos que lhe fariam companhia, como ele conta:

Lá, encontrei um grupo de cavaleiros que se dirigiam a Málaga e tive a intenção de partir na companhia deles, mas Deus Altíssimo me protegeu com seu favor, pois saíram antes de mim e foram capturados no caminho, como lembraremos mais adiante. Assim, saí seguindo seus rastros e atravessei o território de Marbella, entrando no de Suhayl [Fuengirola], e foi então que passei por um cavalo morto em um fosso. Depois, encontrei uma cesta de peixe jogada no chão. Tudo isso me preocupava, e como tinha diante de mim a torre de vigia, disse a mim mesmo: «Se houvesse inimigos por aqui, o vigia teria dado o alarme». Continuei avançando até uma casa que havia ali e encontrei nas proximidades um cavalo degolado. (Tradução Nossa)¹⁰⁵¹⁰⁶

Esse relato demonstra que a região da Al Andaluzia estava passando por momentos de tensão entre cristão e muçulmanos. Battuta depois de passar pela cena brutal descobre ao conversar com o alcaide do castelo Suhayl, nos conta qual foi o destino dos cavaleiros:

¹⁰⁴Al-Andaluz ou al-andaluz) foi o nome dado à Península Ibérica no século VIII, a partir do domínio do Califado Omíada, tendo o nome sido utilizado para se referir à Península independentemente do território politicamente controlado pelas forças islâmicas.

¹⁰⁵ BATTUTA, Ibn. A través del Islam... op. cit., p.954

¹⁰⁶ Versão Original: “En él encontré una tropa de jinetes que se dirigían hacia Málaga y tuve intención de ponerme en marcha en su compañía, pero Dios el Altísimo me protegió con su favor porque salieron antes que yo, siendo apresados en el camino como recordamos más adelante. Así pues, salí tras sus huellas y franqué el alfoz de Marbella entrando en el de Suhayl [Fuengirola] y fue entonces cuando pasé junto a un caballo muerto en un foso. Luego me topé con una banasta de pescado tirada en el suelo. Todo esto me preocupaba y como tenía ante mí la torre de atalaya, me dije a mí mismo: «Si hubieran aparecido enemigos por aquí, el vigía habría dado la alarma». Seguí avanzando hasta una casa que allí hay y encontré en las cercanías un caballo degollado.”

Assim, vi que vinham com o alcaide do castelo de Suhayl, que me informou sobre a aparição de quatro galeras inimigas e que parte de seus tripulantes haviam desembarcado em um momento em que o vigia não estava na atalaia. Os cavaleiros que partiram de Marbella — que eram doze — passaram pelos cristãos e estes mataram um deles, capturaram dez e o último conseguiu escapar. Com eles, morreu um pescador que os acompanhava e cujo cesto encontrei jogado no chão.¹⁰⁷¹⁰⁸

Depois de toda essa situação perigosa, Battuta nos conta sobre sua estadia em Málaga e depois avança para ficar por um tempo em Granada e descrevendo com detalhes as cidades e características políticas daquele lugar.

Ao fim de 1350, o viajante magrebino retorna pelo mesmo caminho e chega em Gibraltar, para mais uma vez retornar para o Marrocos e se preparar para seu último périplo.

2.4. A última viagem de Battuta e a região de Bilad Al-Sudan

Ibn Battuta, quando começou suas viagens, tinha 21 anos e em 1350 já estava com 50 anos vividos, onde conheceu diversos locais e suas realidades, mas ainda conhecia pouco sua própria terra, o Marrocos. Assim, ele decide empreender mais uma viagem para o sul da região e aos poucos foi se aventurando pelas rotas caravaneiras que o levariam até *Bilad Al-Sudan*, que significa “país dos negros”.

Nosso viajante se direciona para Salé, no noroeste marroquino, e faz uma viagem de mais duzentos quilômetros até Fez, para se preparar para mais um périplo.

Em seu relato, ele nos conta que sai de Fez diretamente para Sijilmassa, distante quinhentos quilômetros de Fez¹⁰⁹. Essa cidade teve um papel muito importante nas relações comerciais da época, principalmente pelo fato de estar no limiar do colossal deserto do Saara, porém atualmente ela está abandonada, desde 1818, quando foi arrasada por conflitos da região e esvaziada.

¹⁰⁷ BATTUTA, Ibn.2010 A través del Islam... op. cit., p.954

¹⁰⁸ Versão original: ““así vi que venían con el alcaide del castillo de Suhayl quien me comunicó la aparición de cuatro galeras enemigas y que parte de sus tripulantes habían desembarcado en un momento en que el vigía no se hallaba en la atalaya. Los jinetes que salieran de Marbella —que eran doce— pasaron junto a los cristianos y éstos dieron muerte a uno de ellos, capturaron a diez y el último pudo escapar. Con ellos pereció un pescador que les acompañaba y cuyo cofín encontré tirado en el suelo.””

¹⁰⁹ BATTUTA, Ibn.2010 A través del Islam... op. cit., p.983

É o ano de 1352 e Battuta avança pelo imensurável deserto, se locomovendo por mais de quatro mil quilômetros até chegar à cidade Tagaza, no território do atual Níger, num deslocamento que demorou vinte e cinco dias.

Nessa sua passagem, é interessante notar a riqueza de detalhamento daquele lugar, além das questões sociais que aparecem com um pouco mais de ênfase no texto como a existência de escravos que trabalham nas minas de sal e também um certo desdém de Battuta ao colocar que as aldeias daquele lugar não tinha cultura, como pode-se ver no seguinte trecho abaixo:

No lugar, habitam apenas os escravos dos Massūfa, que trabalham na mina de sal e se alimentam com tâmaras trazidas do Draa [Dar'a] e Sijilmassa, da carne dos camelôs e do *anlī* [milho] proveniente do Sudão. Os negros, procedentes de seu país, chegam até aqui para trocar milho por sal, e uma carga deste produto, em Īwālātan [Ualata], é vendida entre oito e dez meticais de ouro, mas na cidade de Mālī [Malí] sobe para vinte, trinta e até quarenta meticais. Os negros usam o sal como moeda, como se fosse ouro ou prata, cortam-na em pedaços e com ele negociam. Apesar de sua pouca importância, em Tagāzà, são fechados acordos por muitos quintais de ouro em pó. Passamos dez dias lá, em meio a grandes rigores, porque sua água é salobra e é o lugar com mais moscas que já vi. Lá, acumulamos água para entrar no deserto que se estende por dez jornadas de marcha, sem fontes de água, exceto raramente. No entanto, encontramos água em abundância em poças formadas pelas chuvas. Certo dia, encontramos um lago natural, entre duas colinas rochosas, cuja água era doce, e com ela saciamos nossa sede e lavamos nossas roupas. Neste deserto, abundam trufas e piolhos, a ponto de as pessoas colocarem fios com mercúrio ao redor do pescoço para matá-los.(Tradução nossa)¹¹⁰¹¹¹

A descrição de Battuta sobre a realidade em Tagaza aponta para algumas questões bem importantes, que devem ser levadas em consideração dentro do jogo, como a importância de produtos como o sal e o ouro. Também, ali é pontada as

¹¹⁰ Ibid p.984

¹¹¹ Versão original: En el lugar no habitan más que los esclavos de los Massūfa[410], que trabajan en la mina de sal y se alimentan con dátiles traídos del Draa [Dar'a] y Siyilmāsa, de la carne de los camellos y del anlī [mijo] proveniente del Sudán. Los negros, procedentes de su país, llegan hasta aquí para trocar mijo por sal y una carga de este producto, en Īwālātan[411], se vende entre ocho y diez meticales de oro, pero en la ciudad de Mālī [Malí] sube a veinte, treinta y hasta cuarenta meticales. Los negros se sirven de la sal como moneda, igual que si fuera oro o plata, la cortan en pedazos y con ella negocian. Pese a su escasa importancia, en Tagāzà se cierran tratos por muchísimos quintales de oro en polvo. Allí pasamos diez días entre grandes rigores, porque su agua es salobre y es el lugar con más moscas que he visto. En él se hace acopio de agua para entrar en el desierto que hay a continuación y que se extiende a lo largo de diez jornadas de marcha, sin aguadas, a no ser raramente. Sin embargo, nosotros encontramos agua en abundancia en charcas que las lluvias formaran. Cierta día dimos con un estanque natural, entre dos colinas rocosas, cuya agua era dulce y con la que nos hartamos y lavamos nuestras ropas. En este desierto abundan las trufas y los piojos hasta el punto de que la gente se coloca en el cuello hilos con azogue que los matan.

dificuldades que podem ser encontradas numa jornada pelo deserto, como a questão da água ou da existência de piolhos e sem dúvida, chama a atenção que existe um povo específico, os Massufa, que são um dos povos do deserto da região¹¹² onde Battuta estava viajando e são usados como escravos naquele lugar.

É inescapável o tema da escravidão dentro do continente africano e recorreremos a Paul Lovejoy, que se dedicou com bastante empenho nesse tema para evidenciar como se dava as dinâmicas dessa forma de trabalho em sociedade africanas.

Paul Lovejoy aponta que dentro de sociedades africanas, como as do Mali que Battuta visitou, havia a presença muito forte da questão do parentesco, sendo uma das formas de relação de trabalho. A escravidão nesses lugares com essa característica, apenas incorporavam as necessidades geradas dentro dessa lógica, pois:

"A escravidão era um dos muitos tipos de relações de dependência e era um meio eficaz de controlar as pessoas em situações onde o parentesco continuava predominante. Os escravos não tinham ligações com a rede de parentesco e possuíam apenas aqueles direitos que eram concedidos por tolerância. Não existia uma classe de escravos. Ao mesmo tempo em que desempenhavam muitas funções econômicas, sua presença estava relacionada com o desejo das pessoas, fosse indubitavelmente ou de pequenos grupos de parentes, de contornar as relações tradicionais de modo a aumentar o seu poder."¹¹³

Primeiramente, não existe apenas uma forma e um objetivo de escravidão no continente, tanto espacialmente quanto temporalmente, tendo diversas formas de funcionamento¹¹⁴. Portanto, seria um imenso erro pensar que a escravidão que vemos pelos olhos de Battuta é a mesma que se entende com a escravidão motivada pelo colonialismo europeu, pois diferem em várias questões, como o caso de mulheres que fossem concubinas. Caso elas tivesse, filhos não poderiam ser vendidas e seus filhos seriam livres, no mundo muçulmano.¹¹⁵

Em parte das África se dava as lógicas do mundo muçulmano, em outras partes onde a lógica de comércio caravaneiro de escravos não havia viscejado, ficava mais atrelado à perspectiva da escravidão ligada ao parentesco, na forma de

¹¹² A. KHELIFA, "Masufa (Massoufa)", Enciclopédia Berbere [Online], 30 | 2010, Diponivalem: <https://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/507#quotation> consultado em 28 de jul de 2024

¹¹³ LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Tradução Regina AR Bhering e Luiz Guilherme B. Chaves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.p. 44

¹¹⁴ Ibid. p. 29.

¹¹⁵ Ibid. p.. 41

pagamento de dívidas ou por punição por derrota na guerra.

Lovejoy ainda repercute que a escravidão em muitos lugares da África, principalmente em locais como o Mali (que ainda estavam em processo de islamização recente) ou em locais que ficavam mais distante da lógica caravaneira muçumana, estando muito atrelada a uma sociabilidade calcada em laços de parentescos que não colocavam a escravidão como algo basilar para sua economia, em contrapartida da exploração europeia. A condição de escravo era uma relação de trabalho que era de falta de autonomia social, mas que poderia trazer alguma vantagem por questão de sobrevivência, pois:

"Se lhes fosse permitido, os escravos podiam tornar-se membros integrantes desses grupos ou poderiam ser mantidos como dependentes sem voz ativa, mas o seu bem-estar estava relacionado com a fortuna de seu senhor e sua família. Nesse contexto, as pessoas tinham escravos juntamente com outros tipos de dependentes, mas a sociedade não era organizada de tal maneira que a escravidão fosse uma instituição essencial. Essas não eram sociedades escravocratas."¹¹⁶

Seguindo nos trechos que se seguem em Tagaza, Ibn Battuta nos explica como funciona uma espécie de guia, que geralmente são do povo Massufa e que são chamados de *takšif*¹¹⁷. Esses homens, de acordo com Battuta podem se perder no deserto, serem tentados por seres malignos conhecidos como *gênios (djins)* que os enganam e os fazem morrer, além da terrível, e natural, ameaça de serpentes do deserto, que Battuta alega ter encontrado aos montes¹¹⁸.

Retomando a discussão sobre como Battuta vê a si mesmo, o viajante quando de encontro com os massufa, não os vê como “Sudan”, mas sim “Bidan” de costumes diferentes do seu, a primeira característica a chamar sua atenção é a:

"diferença que constrói em sua representação do berbere bidan do Sahara é que os homens massufi não tomam os nomes de seus pais, mas sim de seu tio materno. Bem como, a herança recai nos sobrinhos (filhos da irmã) e não nos filhos próprios. Essa forma de linearidade baseada na descendência da família materna."¹¹⁹

Depois de dois meses, desde a saída de Sijilmassa, Battuta e sua comitiva

¹¹⁶ Ibid., p. 44

¹¹⁷ Espécie de guia, explorador e de carteiro, que tem o papel de guiar viajantes e avisar em outras cidades, pode onde andam os donos da carta.

¹¹⁸ BATTUTA, Ibn. 2010. op. cit., p.986

¹¹⁹ VÉRAS, Bruno., 2015.. op. cit. p 150

chegam à primeira cidade que se refere como pertencente ao “*Bilad al-Sudan*”. Em Ualata, o viajante marroquino nos aponta em seu texto a cor dos habitantes do local, utilizando o termo “negro” ou “*sudan*” em árabe, para se referir aos locais e deixa bem evidente seu descontentamento com a situação por entender-se como “branco” ou “*bidan*” em árabe, como esse trecho *rihla* aponta:

Ao chegar, os comerciantes colocaram suas bagagens em uma esplanada e confiaram aos negros para guardá-las, depois dirigiram-se ao *farbã*, que estava sentado em um tapete sob um toldo, com sua escolta diante dele, armados com lanças e arcos. Os principais dos *Massûfa* estavam atrás. Os mercadores pararam diante do *farbã* e este lhes falou por meio de um intérprete, apesar de estarem muito próximos, como demonstração de desprezo. Naquele momento, me arrependi de ter ido a tal país, pelos maus hábitos de comportamento de seus habitantes e seu desdém para com os brancos.¹²⁰

Essas diferenciações são usadas em diversas ocasiões nos relatos de Battuta e também em outras obras de viajantes muçulmanos daquele período.¹²¹ Ali estão presentes ainda outras formas de diferenciação de populações que são vistas culturalmente como diferentes. Bruce Hall aponta que:

"O uso da terminologia de cor ao marcar a diferença humana não era incomum na África do Norte medieval e no Oriente Médio. O que Ibn Battuta quis trazer como significado quando usou categorias de cor para fazer a distinção entre pessoas que encontrou na África Ocidental era uma série de diferenças que deveríamos reconhecer como primariamente culturais. Apesar da similaridade física entre berberes e aqueles que Ibn Battuta classificou, variadamente, como brancos, árabes, marroquinos e assim por diante, os berberes poderiam não ser incluídos entre os brancos por conta de sua distância de, e da estranheza em relação a normatividade das práticas culturais do mundo árabe-muçulmano, ao menos aquele que era entendido por Ibn Battuta."¹²²

Essas formas como Battuta pontua as diferenças na aparência da pele entre ele e as pessoas de “*Bilad al-Sudan*” devem aparecer no jogo, justamente para que quem estiver jogando compreende que havia toda uma dinâmica bastante complexa entre um viajante que vem de uma cultura magrebina do norte africano com pessoas, que mesmo sendo muçulmanas, pelas diferenças culturais e sincretismo na forma como exerciam o Islã, eram vistas como merecedoras de adjetivos como

¹²⁰ BATTUTA, Ibn. 2010 op. cit., p.987

¹²¹ BISSIO, Beatriz. 2010. Op. Cit. p.6.

¹²² HALL, Bruce S. A History of race in Muslim West Africa, 1600-1960. Nova York: Oxford University Press, 2011, p. 35

pessoas “mau hábitos”.

Ainda mais a frente em seu relato Battuta demonstra desconforto com as relações de gênero entre homens e mulheres em Ualata, separando dois subcapítulos para reclamar dessa questão e depois decide se retirar de lá para ir até a “cidade do Mali”.

Em seu deslocamento, descreve com incrível detalhamento a paisagem, conta ao seu leitor sobre alimentos que experimentou, mas o que mais chama a atenção é a confusão geográfica que faz ao confundir o Rio Níger com o Rio Nilo, que ao leitor mais desatento pode lhe confundir a localização do viajante, mas ele está próximo da região próxima às cidades de Tombuctu e Djenné, até chegar à “cidade do Mali”, que atualmente não se tem muito bem noção de onde ficava, mas se sabe que é a principal cidade da antiga sociedade do Mali, fundada ainda no século XIII, pelo Mansa Sundjata Keitá, que de acordo com as fontes históricas produzidas a partir da memória oral de griots, teria sido o primeiro soberano do Mali, advindo da etnia mandinga (ou malinke), que já tinha relações estreitas com o islã anteriormente, ainda quando o povo que dominava a região era da sociedade de Gana, do povo Soninquês¹²³. Como Rivair Macedo aponta a importância do clã Keita ao descrever que:

O clã Keita é tido como a principal dinastia real, fundadora do império cuja capital passou mais tarde a ser chamada de Niane. Quando Sundjata Keita (1230-1255) unificou o reino e constituiu o império mandinga, as atividades agrícolas e artesanais prosperaram. Foi nesse período que se intensificaram os contatos do Mali com os mercadores das caravanas transaarianas, principalmente devido à exploração das minas auríferas de Bambuk e de Bure, ao comércio do sal e ao comércio de escravos. O apogeu da dinastia ocorreu durante o século XIV, no governo de mansa Mussa (1307-1332). Ele consolidou as bases administrativas nos domínios já existentes e ampliou a área de influência do império com o apoio de tropas disciplinadas de ocupação.¹²⁴

Quando Battuta finalmente chega à cidade do Mali, fica perceptível de vez todo descontentamento com algumas características daquela sociedade, principalmente com a manutenção de aspectos regionais misturados às práticas do islamismo, como no caso da hospitalidade, onde o viajante ao chegar na cidade,

¹²³ MACEDO, José Rivair. História da África. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 2015. p.46

¹²⁴ MACEDO, José Rivair e MARQUES, Roberta Pôrto. Uma Viagem ao Império do Mali no Século XIV: O Testemunho da Rihla de IBN Battuta (1352-1353). In Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 44, pp. 17-34, jul./dez. 2008. p.30

aguarda presentes do Mansa Sulayman, como ouro ou tecidos, mas recebe carne e pão, ficando extremamente desgostoso.

O termo “*Mansa*” era o título que os soberanos tinha na sociedade mandinga do Mali e Ibn Battuta em seu relato nos apresenta o quarto Mansa daquela sociedade, Mansa Sulayman, filho do famoso Mansa Musa, que Ibn Battuta já sabia de sua existência devido à peregrinação que o soberano havia feito até a Meca e passado pelo Cairo, abarrotado de ouro e cativos. Este tipo de cargo, não deve ser interpretado como um monarca, pela chave de leitura política eurocêntrica mas, de acordo com Rivair Macedo:

Os mansas personificavam os ancestrais e, nessa condição, eram cercados de carisma e tratados com grande reverência. Associados à figura mítica dos caçadores, reconheciam-se neles poderes excepcionais, a capacidade de dominar a natureza e os seres humanos devido ao seu vasto conhecimento e aos poderes ocultos que lhes eram atribuídos. Suas aparições públicas eram acompanhadas de cerimônias complexas, e ninguém podia falar-lhes diretamente, exceto seu intérprete autorizado, chamado *dugha*, e os griots – os guardiões da memória das linhagens e dos clãs.¹²⁵

Ainda mais a frente, após passar por um inicial encontro com o Mansa, onde uma espécie de intérprete (*Dūgā*) constrói a possibilidade de diálogo entre o soberano e o viajante, Battuta descreve toda a corte do Mansa de maneira detalhada, apontada a existência de um corpo administrativo, uma guarda pessoal e a existência de trezentos escravos, onde alguns armados com arcos, outros com lanças e escudos, apontando a opulência de metais preciosos nas vestimentas e armamentos.¹²⁶

Na sociedade mandinga, é interessante aqui como era a divisão desta sociedade, principalmente pela questão da existência de escravos em um local que é anterior ao colonialismo europeu mercantilista, que se iniciou no século XV, portanto de acordo com José Rivair Macedo, no Mali:

A sociedade tradicional mandinga encontrava-se dividida, em grandes linhas, entre homens considerados plenamente livres (*horonw*), constituídos por

¹²⁵ MACEDO, José Rivair. Antigas formações sociais mandingas da África ocidental: introdução histórica, seguida de uma versão em língua portuguesa do relato de viagem de Ibn Battuta ao Bilad al-Sudan em 1352-1353. In: THOMAZ, Fernanda (org). Afrikas: histórias, culturas e educação. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019, pp. 17-66. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2022/09/Afrikas-1.pdf> Acesso em 20 de Jul de 2024

¹²⁶ BATTUTA, Ibn. A través del Islam... op. cit., p.996

guerreiros ou “portadores de arco e flecha” (tuntigiw) e “poderosos” (fantanw); por diferentes castas artesanais (nyamakalaw); e por escravos domésticos ou públicos (jonw). A estes grupos devem-se acrescentar, na cidade-sede do governo, chamada Niani, os negociantes locais ou de outras partes – residentes nos quarteirões reservados aos “brancos” – que para lá se deslocavam através das rotas saarianas¹²⁷

Durante o período da estadia de Ibn Battuta em Mali, as festividades mais destacadas foram a do sacrifício e a do fim do Ramadã. Estas celebrações possuíam uma relevância tanto religiosa quanto social, refletindo a importância do calendário islâmico na vida cotidiana dos habitantes. O oratório, situado próximo ao palácio do sultão, era o centro das cerimônias, onde todos se reuniam vestidos de branco. O sultão, que fazia sua entrada a cavalo e coberto por um véu especial, participava ativamente das orações e pregações conduzidas pelo pregador. Um homem com uma lança, incumbido de traduzir as palavras do pregador, facilitava a compreensão dos presentes. Após as orações, o sultão se posicionava no penpi, uma bancada elevada e ricamente adornada com seda, onde escudeiros e guardas com armas ornamentadas se reuniam.

Essa configuração não apenas reforçava a autoridade do sultão, mas também ilustrava a sofisticação dos rituais cortesãos em Mali, combinando práticas religiosas e símbolos de status.

A apresentação do *Dugha*, citado anteriormente como uma espécie de intérprete, aparece como um dos eventos mais marcantes. O *Dugha*, acompanhado por suas mulheres e escravas vestidas de maneira elaborada e adornadas com diademas de ouro e prata, ocupava um assento especial e tocava um instrumento confeccionado com canas e cabaças. Suas performances, que incluíam cânticos louvando o sultão e celebrando suas conquistas, eram acompanhadas por acrobacias e exibições de habilidades marciais por jovens escravos vestidos com túnicas vermelhas. A generosa recompensa recebida do sultão sublinha o prestígio e a relevância das artes performáticas na corte de Mali, evidenciando a importância econômica e cultural desses eventos para a manutenção da hierarquia e prestígio das camadas mais altas daquela sociedade.

Também, nessa mesma festividade, há uma apresentação de poetas, conhecidos como *djuála* ou *djali*, que desempenhavam um papel crucial nas festividades, utilizando uma figura decorativa composta por penas de pássaro e uma

¹²⁷ MACEDO, José Rivair. Antigas op.cit p.13

cabeça de madeira com bico vermelho durante suas apresentações. Eles recitavam poemas que não apenas elogiavam o sultão, mas também o exortavam a seguir os passos de seus predecessores.

Battuta ainda deixa uma observação no final do relato que, apesar da influência islâmica, essas tradições de apresentação com penas eram anteriores ao Islã e continuavam a ser valorizadas.

Esse detalhe demonstra a resistência e a preservação das práticas culturais locais, destacando a complexa interação entre tradições pré-islâmicas e as novas influências religiosas no contexto do Mali.

O relato de Ibn Battuta se alonga bastante em algumas questões relacionadas às normas da sociedade e algumas questões políticas, porém chama a atenção que o viajante reservou uma parte de seu relato para fazer uma análise da sociedade, onde elenca qualidades e defeitos dos habitantes daquele lugar, sendo questões positivas.

Em primeiro lugar, destaca-se a raridade dos abusos e a aversão à injustiça, com um rei que não tolera qualquer desvio das normas. Essa postura resulta em uma sociedade em que a segurança é garantida tanto para locais quanto para estrangeiros, com a ausência de medo de ladrões ou salteadores. Outro aspecto positivo para ele é o respeito pela propriedade dos falecidos, onde os tesouros dos brancos são cuidadosamente guardados até a chegada dos herdeiros legítimos.

O respeito pelas práticas religiosas é igualmente evidenciado, com uma assiduidade exemplar às orações e reuniões comunitárias, onde faltas são punidas rigorosamente. A importância atribuída à vestimenta branca nas sextas-feiras e a atenção rigorosa ao estudo do Alcorão, incluindo medidas disciplinares severas para garantir que as crianças aprendam o texto sagrado, refletem o comprometimento com a religiosidade e a educação.¹²⁸

Pelos aspectos negativos, Battuta critica a presença pública de escravas e meninas nuas, observando que elas transportam alimentos durante o Ramadã e que muitas delas, assim como as filhas do rei, aparecem nuas e sem véu na presença do soberano. Essas observações refletem uma falta de modéstia e privacidade que choca o viajante, contrariando os princípios islâmicos de pudor.

Além disso, Battuta desaprova práticas como o ato de jogar poeira e cinza

¹²⁸ BATTUTA, Ibn. 2010., op. cit., p.1004

sobre a cabeça como sinal de obediência, que ele vê como uma forma de humilhação. Menciona descontentamento com as "bufonarias" durante as citações de poesias e expressa repulsa pela dieta local, que inclui carniça, cães e asnos. Essas críticas revelam a tensão cultural entre os valores do viajante e as práticas do Mali que ele encontrou.¹²⁹

Após esse momento de análise de Battuta, ele segue seu relato de viagem, ao partir do Mali, se deslocando pelas cidade Djumaã, Muharam e Mima, atravessando o Rio Níger, esbarrando por seres que ele não conhecia, mas que aparentemente eram hipopótamos, bastante comuns na região e assim rumando até Tombuctu.

Em meio ao deslocamento, Battuta conta uma história envolvendo povos que ele chama de "canibais" e que exercem antropofagia apenas com habitantes da região, evitando brancos. Ainda em Tombuctu, o viajante elogiou a hospitalidade que encontra no lugar, adquire um menino como escravo após uma boa relação com outro peregrino.

Saindo de Tombctu, Battuta avança pela cidade de Gao, um entreposto comercial de bastante pujança, se direciona para um local famoso pela extração de cobre, chamado Takeda, descrevendo a mineração do local e os perigosos escorpiões da região, segue por mais um tempo pelo deserto até passar pela cidade Tuat, retorna para Sijilmassa e finalmente em 1353 chega à cidade marroquina de Fez, onde em seu relato devida algumas páginas para elogiar o chefe local (prática bastante comum em todas cidades que visitou) e as características da capital da dinastia merinida, encerrando seu último périplo de uma vida bastante agitada e nômade. Será em Fez que ele relatará todas suas aventuras para o poeta Ibn Jazuy, responsável por escrever a Rhila. Ibn Battuta depois de sua viagem ao Mali, não trouxe mais outros relatos e viveu na região até o ano de 1369.

2.5. Propor como forma de ensino o jogo "Caminhos de Battuta

Apresentado a origem da ideia de se propor um produto pedagógico de característica lúdica, gostaria de apresentar as motivações que se ligam às ideias de trabalhar ERER com um jogo, para isso é necessário primeiramente dialogar com

¹²⁹ BATTUTA, Ibn. A través del Islam... op. cit., p.1005

uma literatura que exponha as dinâmicas e possibilidades que jogar e ensinar oferecem.

Assim, é inescapável a referência ao trabalho do historiador e linguista holandês Johan Huizinga, que teorizou sobre a relação de elementos lúdicos do ser humano na formação de aspectos basilares das culturas humanas. Estes apontamentos são encontrados principalmente na obra *Homo Ludens*¹³⁰, que apresenta a tese de que o jogo é um elemento intrínseco à cultura humana, com importância histórica significativa e fundamental para o seu desenvolvimento. Ele argumenta que o jogo é uma atividade capaz de desempenhar um papel essencial na evolução cultural e social.

A função do jogo é entendida como algo significativo que proporciona sentido através da manipulação de imagens e da imaginação da realidade. Conforme Johan Huizinga, o jogo se diferencia da vida cotidiana por ser uma atividade temporária e com duração limitada, ocorrendo fora da satisfação imediata das necessidades¹³¹. É uma atividade livre em que os participantes entram espontaneamente, mas, embora seja considerada como brincadeira, uma atividade despretensiosa, é sempre realizada com grande seriedade, pois:

“O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.”¹³²

No jogo, existe harmonia, ritmo, fabulações e expectativas que trazem fascínio, tensão, alegria e diversão, mas também há ordem, e as regras estabelecidas devem ser seguidas por todos. Quando as regras são violadas, a ilusão do jogo se rompe.¹³³ Lidar com essas limitações da natureza do jogo são o que o tornam o propulsor para a criação de uma realidade a parte daquilo que se chama do real, apenas cumprindo o estabelecido pelas suas regras, porém apenas as regras não garantem a entrada nesse mundo alternativo, onde as pessoas adentram uma outra realidade, ou seja, é extremamente necessário o componente imaginação, pois Huizinga aponta novamente:

¹³⁰ HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2010

¹³¹ *Ibid.* .p.20

¹³² *Ibid.*, p.33

¹³³ *Ibid.*, p.14

[...] o jogo autêntico possui, além de suas características formais e de seu ambiente de alegria, pelo menos um outro traço dos mais fundamentais, a saber, a consciência, mesmo que seja latente, de estar apenas “fazendo de conta”.¹³⁴

Huizinga tinha a intenção de associar o jogo como elemento fundamental da cultura e se utiliza de diversos exemplos históricos e antropológicos para explicitar essas dinâmicas. A partir desses estudos, ele criou o conceito de “círculo mágico”, ideia que tem como sustentação a noção que quando aceitamos entrar naquele jogo, adentramos em outro mundo, uma outra realidade onde a imaginação e a criatividade são elementos chaves para fazê-lo funcionar.

Sendo assim, quando se propõe jogar em sala de aula, a ideia é mobilizar apropriação e aplicação de conhecimentos próprios do estudante, juntamente das possibilidades de se brincar com uma narrativa imaginada a partir de um contexto histórico que pode ensinar e estimular a reflexão sobre ensino de História da África.

Jogos podem é um elemento presente na vida das pessoas, principalmente na fase da infância, fazendo parte do imaginário desse período como apontam Edson Antoni e Jocelito Zalla:

"Seu uso como recurso pedagógico acaba por agenciar, de um lado, elementos da memória afetiva do estudante, estabelecendo pontes entre a experiência socialmente adquirida e os saberes formais e, de outro, apela às suas sensibilidades corporais e expressivas, oportunizando espaços de ação e criação."¹³⁵

Sendo assim, importar jogos para a sala de aula, é uma maneira de trazer o cotidiano e práticas lúdicas muito comuns à vida dos estudantes, de maneira que permita aprendizado de uma maneira diferente do usual. E o jogo em sala de aula acaba se tornando mais uma ferramenta a serviço dos objetivos educacionais que o professor pensa em alcançar em sua aula.

Retomando Carla Meinerz, para esta discussão sobre papel de jogos em sala de aula, ela expressa que quando mobilizamos conhecimento em sala de aula, seja para:

¹³⁴Ibid., . p.26

¹³⁵ ANTONI, Edson; ZALLA, Jocelito. O que o jogo ensina: práticas de construção e avaliação de aprendizagens em História. In. PEREIRA; GIACOMONI, Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013.p.113

“Ensinar ou estudar é simbolicamente jogar com o conhecimento, mesmo quando a ludicidade não está presente em nossas proposições pedagógicas. Isso ocorre porque, ao escolher a forma e o conteúdo de nossas aulas, sempre nos vinculamos epistemologicamente.”¹³⁶

Então, joguemos com a história em sala de aula para oferecer aos estudantes uma perspectiva diferente sobre as dinâmicas africanas do século XIV, oferecer distintas experiências, no sentido de experimentar. Pois, dentro da prática de educar não há garantias que aquilo que se está sendo trabalhado alcançará o que se espera, portanto se tenta formular estratégias e recursos que impactam tanto aspectos racionais quanto emocionais.¹³⁷ pois todo dia em sala de aula é lugar de novidades e a aula de história:

é, portanto, compreendida como um espaço de interação e experimentação, organizado para a realização de múltiplas e diferenciadas aprendizagens, onde o ato de jogar é admitido e valorizado.¹³⁸

Propor jogos que estimulem ao mesmo tempo o aprendizado e a cooperação não deixa de ser algo muito relacionado a outras rotinas de sala de aula, como montar grupos, elaborar soluções para problemas, a situação de se chegar a consensos diante de diversos pontos de vistas, formas de cooperação, solidariedade e formas de lidar com o tempo e espaço que jogos oferecem¹³⁹.

Porém, é necessário pontuar que um jogo é apenas mais uma ferramenta pedagógica oferecida em sala de aula para o professor e não se pretende a substituir aulas expositivas ou um texto de história das sociedades do Sahel do período que Battuta viajou, pois como alerta Carla Meinerz:

Argumentamos a favor da inclusão de situações didáticas constituídas a partir do uso de jogos de tabuleiro, jogos digitais ou de dinâmicas de grupo, nos planejamentos e nos processos de ensinar História na Educação Básica. Incluir significa fazer também, somar, diversificar a ação, jamais substituir propostas já existentes (embora possamos fazer a crítica das bases interativas das mesmas) ou tornar o jogo uma espécie de receita milagrosa para garantir o aprendizado e o desejo dos alunos em estudar História¹⁴⁰

¹³⁶ 9RZ. Carla., 2013., op. cit. p. 72

¹³⁷ Ibid., p. 74

¹³⁸ Ibid., p. 74

¹³⁹ ANTONI, Edson; ZALLA, Jocelito., 2013. .op. cit.116

¹⁴⁰ MAINERZ. Carla., 2013. op. cit. p. 72

O jogo aqui proposto não pode ser um substituto de algo que professores já sabem fazer, é um jogo que prima pela arte do imaginar, brincar e estar em contato com o outro, portanto, oferecer esta possibilidade de estudantes das mais diversificadas matizes de classe, cor ou gênero, oportuniza a jovens, crianças e adultos a experimentar um olhar para a história da África onde o protagonista da história é si próprio dentro de um contexto de trajetória de um viajante que não era europeu e sim do continente da África.

É um material que busca dialogar com a legislação que tem por objetivo uma educação para as relações étnico raciais e diante do que já foi exposto, a intenção é que esteja muito transparente o objetivo do jogo ter isso como um lastro para seu uso no ensino de história da África.

2.6. Apontamentos e relações entre a proposta do jogo e base curricular

O jogo pode englobar diferentes habilidades e competências expostas na Base Curricular Comum Nacional (BNCC), que serve como norteador para a formação de currículos de ensino no país.

É essencial que o proposto neste jogo dialogue com estas demandas, que apontaremos aqui, pois denota que o produto pedagógico pensado busca estar orientado conforme a necessidade de muitos professores e professoras que precisam cumprir com as orientações expressas do currículo.

Iremos neste parte apontar as relações com BNCC¹⁴¹ e também com o Referencial Curricular Gaúcho¹⁴²

Sendo assim, partimos primeiro das habilidades da BNCC para o ensino fundamental. Neste documento, identificamos uma maior proximidade dos temas dos jogos às duas unidades temáticas de História sendo uma do sexto ano e outra do sétimo ano.

Para o sexto ano, há a unidade temática “*Trabalho e formas de organização*”

¹⁴¹ BRASIL. .BNCC–Base Nacional Curricular Comum. Brasília: SEE, 2017c. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc> Acesso em: 30 jul. 2024

¹⁴² RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação (Seduc). Referencial Curricular Gaúcho: Humanas. Porto Alegre: Seduc, 2018. Disponível em: Disponível em: <http://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1529.pdf> . Acesso em: 2 ago. 2024.
» <http://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1529.pdf>

*social e cultural*¹⁴³, no qual os objetos de conhecimento: *”Senhores e servos no mundo antigo e no medieval, Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África) e Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval”* podem servir como sustentação para o uso do jogo em uma sequência didática onde explore as dinâmicas do comércio caravaneiro no continente africano e a existência de tráfico escravo pelas rotas do Saara nas sociedades relatadas do jogo e nos relatos de Battuta, atendendo assim as seguintes habilidades da BNCC

(**EF06HI14**) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços. (**EF06HI15**) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado. (**EF06HI16**) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos Para o sétimo ano, a unidade temática¹⁴⁴

Para o sétimo ano, na BNCC, identificamos nas unidades temáticas *“O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias”* e *“Lógicas comerciais e mercantis da modernidade”*¹⁴⁵, que apresenta objetos de conhecimento que dialogam diretamente com todo aspecto cronológico, espacial e temático do jogo: *“Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial”* e *“As lógicas internas das sociedades africanas”*. Estas unidades temáticas apresentam as seguintes habilidades que são contempladas pelo jogo:

(**EF07HI02**) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

(**EF07HI03**) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas

(**EF07HI14**) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente.

(**EF07HI15**) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.

¹⁴³ BRASIL., 2017. p. 416

¹⁴⁴ BRASIL. .BNCC–Base Nacional Curricular Comum. op. cit p. 416

¹⁴⁵ BRASIL. .BNCC–Base Nacional Curricular Comum. op. cit p. 418

(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.¹⁴⁶

Na parte da BNCC que se relaciona ao Ensino Médio, é trabalhado com a idade de competências e habilidades¹⁴⁷.

Assim, organizamos uma tabela para identificar melhor as habilidades e competências que são relacionadas com o jogo:

Figura 2: Competências e habilidade de Ciências Humanas da BNCC para o Ensino Médio

Competência da BNCC	Habilidades Relacionadas
Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<ul style="list-style-type: none"> • (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. • (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. • (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.). • (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. • (EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar as tipologias evolutivas (como populações nômades e sedentárias, entre outras) e as oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/sensibilidade, material/virtual etc.), explicitando as ambiguidades e a complexidade dos conceitos e dos sujeitos envolvidos em diferentes circunstâncias e processos. • (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Fonte: Elaboração própria a partir da BNCC

O ensino médio no Brasil apresenta em seu currículo comum a característica de não apresentar objetos de conhecimento como no ensino fundamental, assim nas Ciências Humanas as habilidades acabam sendo mais norteadoras para se pensar conteúdos trabalhados em aula. Como o jogo se propõe a colocar os estudantes diante de conhecimentos de partes da África do século XIV pela ótica do viajante Battuta, entendemos que as habilidades citadas acima se correlacionam com os objetivos do jogo, tanto há habilidade **M13CH106** que propõe a utilização linguagem

¹⁴⁶ BRASIL. .BNCC–Base Nacional Curricular Comum. op. cit p. 418

¹⁴⁷ BRASIL. .BNCC–Base Nacional Curricular Comum. op. cit p. 560

cartográfica, algo que faz parte do tabuleiro da atividade, mas também as duas primeiras habilidades da tabela oferecem aos participantes do jogo a possibilidade de se trabalhar com os relatos de Ibn Battuta que estarão presente no jogo para refletir sobre representação do outro no continente africano e ao seu próprio contexto.

Encerrada as relações com a BNCC, cabe ainda relacionar com o Referencial Curricular Gaúcho, pela questão deste trabalho ser construído por um professor gaúcho e oportunizado pelo ProfHistória ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesta parte, iremos nos ater ao referencial de História do ensino fundamental. Assim, identificamos inicialmente no sexto ano, na unidade temática *“História: tempo, espaço e formas de registros”* no objeto de conhecimento *“As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização”* a seguinte habilidade¹⁴⁸:

(EF06HI05RS-02) Analisar as modificações realizadas pela ação humana sobre a natureza, no sul do continente americano e no continente africano (Reino do Cuiche, Império do Mali, Império do Gana, Império Benin, cultura Nok, entre outros)¹⁴⁹

Ainda em outra unidade temática do sexto ano, temos a unidade *“O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio”* existe a habilidade:

(EF06HI15RS-1) Identificar o Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, África e Oriente Médio¹⁵⁰

No sétimo ano, identificamos diversas habilidades que se repetem com a BNCC, por isso vamos evitar repetir as anteriores e colocar apenas uma habilidade que está diferente da BNCC. Assim, na Unidade Temática *“O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias”* no Objeto de Conhecimento *“A construção da ideia de Modernidade e seus impactos na concepção de História: a ideia de 'Novo Mundo' ante o Mundo Antigo; permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.”* temos essas

¹⁴⁸ RIO GRANDE DO SUL..., 2018. p.151

¹⁴⁹ Ibid., p. 151

¹⁵⁰ Ibid., p. 152

duas habilidades que dialogam com as propostas do jogo:

(EF07HI02RS-2) Relacionar a construção do mundo moderno com seus impactos e contribuições para a sociedade, identificando as suas contribuições, tanto para o Ocidente como o Oriente. **(EF07HI02RS-3)** Compreender que os tempos históricos são decorrentes da ação humana e que refletem a sociedade daquele momento histórico¹⁵¹

E por fim, a última habilidade relacionada ao jogo no Referencial Gaúcho, está localizada no objeto de conhecimento “*Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial*”, onde as seguintes habilidades são apresentadas:

(EF07HI03RS-1) Conhecer e listar a diversidade dos povos africanos e americanos, com suas principais características, antes da chegada dos europeus a esses continentes no período das navegações. **(EF07HI03RS-2)** Conhecer e valorizar a cultura africana e americana (pré-colombiana) material e imaterial, através da leitura de contos e textos literários. **(EF07HI03RS-3)** Identificar o desenvolvimento sociocultural e a religiosidade dos africanos e americanos¹⁵²

O documento depois acaba repetindo habilidades que já foram listadas antes por estarem na BNCC e não iremos reproduzir novamente.

Após, esses apontamentos de quais habilidades estão apontadas na BNCC e no Referencial Curricular Gaúcho, podemos avançar para as questões mais específicas ao funcionamento do jogo e as escolhas que foram tomadas para montar as dinâmicas e propostas do jogo.

¹⁵¹ Ibid., p. 154

¹⁵² Ibid., p. 155

CAPÍTULO 3 - Nos caminhos de Battuta

Neste capítulo, será detalhado o funcionamento do jogo “Os Caminhos de Battuta”, que foi desenvolvido com o objetivo de promover um entendimento mais aprofundado sobre a história da África. A primeira seção abordará o funcionamento do jogo, expondo suas regras, estrutura e mecânicas. Serão descritos os principais componentes do jogo, como a dinâmica de rodadas, a gestão de recursos e as ações disponíveis para as equipes participantes. Esta descrição permitirá compreender como o jogo operacionaliza a temática histórica e as interações entre os jogadores.

A seguir, serão explorados os objetivos pedagógicos do jogo. O foco estará em como o jogo contribui para a compreensão dos processos históricos, sociais e culturais africanos ao longo do tempo. Serão discutidos os objetivos principais que o jogo visa atingir, como o incentivo à análise crítica das sociedades africanas antes da colonização europeia e o desenvolvimento de habilidades de raciocínio histórico e crítico entre os estudantes.

Por fim, o capítulo abordará a integração entre o ensino de História da África e o jogo. A análise se concentra em como o jogo pode servir como uma ferramenta educacional eficaz, aproximando os estudantes do contexto histórico africano e facilitando uma compreensão mais concreta e interativa dos eventos e processos históricos discutidos em sala de aula. A seção destaca as possibilidades que o jogo oferece para complementar o ensino de história e engajar estudantes de maneira mais dinâmica e participativa nas possibilidades que o jogo oferece.

3.1. Caminhos de Battuta: suas regras, funcionamento e aplicabilidade

O jogo "Nos Caminhos de Battuta" é estruturado para simular a jornada do viajante Ibn Battuta através de uma série de cidades históricas na África e na Península Ibérica. O objetivo é que as equipes, chamadas Caravanas, percorrem essas cidades, coletando recursos e explorando as características culturais e históricas de cada local.

Contudo, primeiramente, vamos organizar algumas questões que são bem importantes no processo de construção desse jogo, como Marcelo Giacomini aponta, que são:

"O jogo é uma via de equilíbrio! Equilíbrio entre o sério e a brincadeira, entre as regras e o acaso, entre os objetivos pedagógicos e o desejo do aluno, entre a indução do professor e a liberdade dos alunos. Dada essa peculiaridade, desenvolver jogos para o ensino nem sempre é uma tarefa fácil. Procuraremos nesse guia oferecer aos professores-alunos um passo a passo para a elaboração de jogos, com especial ênfase nas dinâmicas de tabuleiro. Destacamos que o processo criativo nem sempre seguirá a ordem desse guia, já que as ideias costumam surgir de forma pouco sistêmica. Mesmo assim, levar em conta os principais elementos necessários à criação de jogos pode ser útil ao processo criativo: a temática, os objetivos, a superfície, a dinâmica, as regras, o layout."¹⁵³

Logo, a temática do jogo é História da África, que tem como base as viagens de Ibn Battuta e as dinâmicas das rotas caravaneiras dentro do mundo Islâmico. Contemplado esse elemento, deve-se destravar quais são os objetivos pedagógicos e os objetivos do jogo em si.

Pelo lado pedagógico, o jogo tem como objetivo apresentar para o estudante as dinâmicas históricas da África anteriores à chegada dos europeus, através de uma perspectiva que as equipes desbravam os desafios do jogo como se estivessem lidando com a diversidade cultural que Ibn Battuta relatou.

Temos como o objetivo do jogo que os alunos consigam conhecer o máximo de cidades visitadas, que foram selecionadas previamente. A cada deslocamento de cidade em cidade da equipe, eles toparam com sujeitos históricos, características de nove cidade africanas e uma cidade europeia, que fazia parte do mundo islâmico.

Assim, o jogo todo é voltado para simular a jornada do viajante Ibn Battuta através de uma série de cidades históricas na África e na Península Ibérica onde as equipes, chamadas Caravanas, percorrem essas cidades, coletando recursos e explorando as características culturais e históricas de cada local. O jogo não está preso ao período histórico de Ibn Battuta, a ideia é que esse viajante tenha acesso aos locais onde o viajante passou e alguns anos depois, eles decidiram se aventurar por elas. Esse fato vem da ideia que o professor Rivair Macedo durante a banca de qualificação em 2023, sugeriu de em vez de tentar emular o próprio Battuta no jogo, as pessoas que jogam, tivessem acesso aos "Caminhos de Battuta", ideia que acabou virando o nome do jogo.

A superfície do jogo, é ao mesmo tempo um tabuleiro, onde as equipes deslocaram suas caravanas (representadas por fichas coloridas) e também as

¹⁵³ GIACOMONI, Marcello Paniz. Construindo jogos para o Ensino de História. In: GIACOMONI, PEREIRA, 2013, p.107

classes de sala de aula, pois a sala deverá ser organizada da seguinte maneira: dez mesas espalhadas em círculo e uma mesa ao meio. Cada mesa do círculo é uma cidade. A mesa do meio contém o tabuleiro e ao mesmo tempo é nela que devem ser feitas uma das ações do jogo, que é a troca de recursos.

A dinâmica do jogo se dá por três rodadas, onde inicialmente recebem seus recursos, depois podem praticar cinco tipos de ações e por fim vão à mesa que fica no meio da sala para fazerem as trocas de recursos na "Medina".

As "cinco ações" estão localizadas no segundo momento do jogo onde as equipes deverão organizar suas estratégias para poder avançar para uma cidade ou conseguir recursos.

Uma das ações disponíveis é "Atacar", onde uma equipe pode desafiar outra para tentar "roubar" um recurso, aumentando assim seus próprios suprimentos. Nesta ação, o desafiante e o desafiado devem ir ao centro da sala. O desafiante jogará dois dados de seis lados e o desafiado joga um dado de seis lados. Soma-se o resultado dos dois dados e se diminui pelo número do dado do desafiado para descobrir quem venceu o desafio e quantos pontos de vida serão descontados do perdedor.

Outra opção de ação é "Responder uma Pergunta", onde a equipe responde a uma questão baseada no texto de referência sobre Ibn Battuta e suas viagens. Toda equipe terá acesso a esse texto. Se a resposta estiver correta, a equipe pode escolher ganhar um recurso, como 2 kg de sal, 2 metical de ouro, ou 2 litros de água. Caso erre, a equipe perde 1 ponto de vida.

Para "Avançar para a Próxima Cidade", as equipes precisam pagar um tributo de 2 litros de água, 21 meticais de ouro, e 2 kg de sal. Esta ação representa o avanço da caravana para a próxima etapa de sua jornada.

As equipes também têm a opção de "Passar a vez", se preferirem não gastar recursos ou realizar movimentos. Esta ação permite que a caravana permaneça na cidade atual, talvez para planejar melhor os próximos passos.

Por fim, existe a ação de "Rolagem de dados na cidade", que envolve um elemento de sorte. As equipes jogam um dado de seis lados e, dependendo do resultado, podem encontrar diferentes situações: com um resultado de 1 a 2, a equipe interage com uma "Personalidade Histórica", o que concede uma vantagem; com um resultado de 3 a 4, a equipe vivencia um "Relato de Battuta", o que permite ganhar uma unidade de recurso e, se acertar a pergunta associada, escolher uma

desvantagem para usar contra outra caravana; com um resultado de 5 a 6, a equipe enfrenta uma "Desvantagem", que resulta em alguma penalidade. Essas ações permitem que o jogo seja dinâmico e envolvente, oferecendo múltiplas estratégias para que as equipes alcancem a vitória.

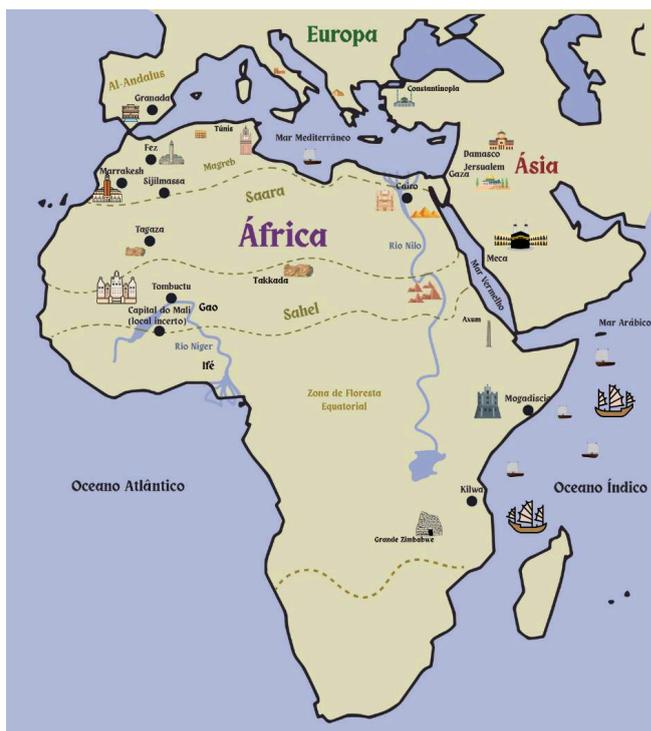
As regras do jogo já foram expostas anteriormente, mas as regras partem da ideia de tentar simular as dificuldades de se viajar pelo continente africano na época das caravanas, apresentando cartas de desvantagens, os perigos da caravana ser assaltada durante o traslado, mas também expõe que aquele mundo dependia fortemente dos conhecimentos dos locais que eram visitados e também das redes de conexões sociais que eram construídas em cada cidade. As trocas na "Medina" estão no jogo para que seus participantes entendam a importância das trocas e comércio da época, podendo criar estratégias para conseguir recursos.

Tais recursos foram pensados a partir da leitura da Rihla de Ibn Battuta, que pode diversas vezes apontar a necessidade de usar a unidade "metical" e também quando vai ao Mali, percebe o valor que o sal tinha naquela sociedade. A água foi deixada para que o estudante perceba a importância desse recurso na vida dos viajantes, tanto que caso a equipe zere este recurso, é praticamente uma derrota, pois deverá retornar para o início da viagem. Todos esses recursos devem ser anotados na ficha de cada equipe, que também há espaço para anotar as cidades visitadas, os pontos de vida e ao final do jogo, deve ser entregue para o organizador da partida que contará o número de cidade e em caso de empate, contará a quantidade de recursos. Na contagem, cada recurso vale um ponto. Em caso de empate, quem tiver mais cidade ganha e se o empate persistir o metical vira o recurso que desempata.

Por fim, Giacomoni aponta que se deve observar o layout do jogo¹⁵⁴. Pensamos em simplificar a identidade visual do jogo por um simples motivo. Quem está na sala de aula de escolas públicas, principalmente, sabe que conseguir materiais impressos nem sempre é uma tarefa fácil. Assim, todos materiais do jogo ou são preto e branco ou tem cores que não interfiram na hora de impressão, justamente para que seja um material de fácil acesso. Para se ter exemplo, este é o mapa do jogo:

¹⁵⁴ GIACOMONI, Marcello Paniz. Op. cit. 111

Figura 2 - Tabuleiro do jogo com mapa das cidades que devem ser visitadas



Fonte - De autoria própria

Os materiais foram feitos a partir do aplicativo Canva educacional, portanto todos elementos do jogo são pensados para usos pedagógicos e todas imagens usadas no jogo são de “Creative Commons”, que são imagens que não tem direitos de imagens e que foram obtidas através do buscador virtual de imagens, Google.

Cada equipe que será chamada de caravana, deverá portar seguinte ficha para controle de recursos, pontos de vida e cidades visitadas:

Figura 3 - Ficha de jogadores de “Nos caminhos de Battuta”

Ficha da Caravana

Viajantes: _____ Número da caravana no mapa: _____

Pontos de Vida:	Recursos		
10 9 8 7 6 5 4 3 2 1	Litros de água Cada: peça de ouro para cada litro de água. Perda: peça de brânco cada peça. Total: _____	Misticos de Oura Cada: peça de ouro cada moeda. Perda: peça de brânco cada peça. Total: _____	Quilos de Suf Cada: peça de ouro cada quilômetro de sul. Perda: peça de brânco cada falo. Total: _____

Fonte - Elaborada pelo próprio autor

Atrás da ficha, deixamos como sugestão um espaço para uma possível atividade, caso o professor queira dar continuidade em aulas posteriores:

Figura 4 - Parte posterior da ficha de jogadores “Nos caminhos de Battuta”



Fonte - Elaborada pelo próprio autor

O jogo "Nos Caminhos de Battuta" é estruturado para simular a jornada do viajante Ibn Battuta através de uma série de cidades históricas na África e na Península Ibérica. O objetivo é que as equipes, chamadas Caravanas, percorrem essas cidades, coletando recursos e explorando as características culturais e históricas de cada local.

O jogo é composto por até 10 rodadas, nas quais as Caravanas devem gerenciar seus recursos e avançar pelo mapa. Inicialmente, cada equipe começa com 1 kg de sal, 1 metical de ouro e 1 litro de água. Para avançar para a próxima cidade, uma Caravana deve pagar 2 kg de sal, 2 meticais de ouro e 2 litros de água.

Esse sistema de rodadas e ações, é importante apontar aqui que ele foi baseado na experiência do jogo “Guerra Feudal”, relatada em artigo e exemplificando como funcionava a dinâmica. Inclusive, pude experimentar o jogo em sala de aula e observar a funcionalidade do sistema de ações do jogo. Assim, decidimos usar uma forma semelhante de organização dos movimentos dos jogadores.¹⁵⁵

Durante as rodadas, as equipes têm várias ações disponíveis: a possibilidade de atacar outras equipes para roubar recursos através da rolagem de dados;

¹⁵⁵ 1 Jogo desenvolvido em 2009, por Marcello Paniz Giacomoni, Rafael Vicente kunst e Alessandro Gützel. in GIACOMONI, M. P.;PEREIRA,N. M. 2018. op. cit p.87

responder perguntas relacionadas ao texto base para ganhar recursos adicionais; avançar para a próxima cidade mediante o pagamento dos tributos necessários; passar a vez; acionar as cartas de vantagens e desvantagens, onde dependendo do número que for tirado no dado de seis lados, a equipe pode ganhar uma vantagem da cidade em que está (lados 1 ou 2), pegar uma carta de relato de Ibn Battuta para ganhar uma vantagem (lados 3 ou 4) ou pegar uma carta desvantagem (lados 5 ou 6). A carta de relatos de Ibn Battuta ainda oferece a possibilidade do estudante escolher responder uma pergunta sobre aquele relato, porém só pode ser acionada uma vez no jogo. Se ela foi usada uma vez por uma equipe, não pode mais ser acionada.

Além disso, cada rodada inclui a distribuição de recursos adicionais, ações específicas e a possibilidade de realizar trocas na medina, onde os jogadores podem negociar recursos entre si.

Cada equipe deve registrar seu progresso em uma ficha, onde anota o nome dos membros, a quantidade de recursos, as cidades visitadas e os pontos de vida. Se uma equipe ficar sem pontos de vida ou água, deve retornar à cidade inicial. Ao final do jogo, a equipe que tiver visitado mais cidades ou acumulado mais recursos será a vencedora. Em caso de empate, o critério de desempate é o número de meticais de ouro.

O funcionamento do jogo é projetado para refletir os desafios e as decisões enfrentadas por Ibn Battuta em suas viagens, permitindo uma compreensão prática e interativa do contexto histórico e cultural das cidades que ele visitou.

Caso ocorra dúvidas sobre as regras do jogo durante a partida, é possível acessar um livro de regras que estará com a pessoa responsável por organizar a partida¹⁵⁶.

3.2. As cidades, vantagens e desvantagens das cartas

No jogo “Nos Caminhos de Battuta”, um dos pontos principais é a possibilidade de passar por diversas cidades que o viajante passou. Devido à mecânica do jogo e a forma como se desenvolve, se optou por fazer uma seleção de dez cidades, das dezenas que conheceu em seus anos de viagem, pois seria muito

¹⁵⁶ Ver Apêndice A - Capa, manual do jogo e regras

difícil reproduzir a quantidade de cidades em sala de aula e propor a movimentação dos estudantes em sala de aula.

Assim, delimitamos a escolha das cidades ao continente africano, pois diminuiria o número de locais visitados e ofereceria aos participantes do jogo uma mensagem de que o jogo se passa na África e que o objetivo é conhecer um pouco da diversidade do continente, através de dez cidades que Battuta viajou.

As dez cidades são: Marrakech, Fez, Sijilmassa, Tagaza, Capital do Mali, Tombuctu, Kilwa, Mogadíscio, Cairo e Granada. As Caravanas devem escolher uma delas e usar como ponto de partida, registrando a primeira cidade na ficha que cada equipe receberá.

São nove cidades africanas e uma presente na península ibérica e antes de adentrarmos suas particularidades e questões históricas, é importante justificar porque Granada está presente entre as cidades escolhidas.

Entendemos que pela presença africana na península ibérica, desde a conquista por Tarik ibn-Ziyad no século VIII até a saída da dinastia merínida, havia uma espécie de Estado “*afro-europeu*”, termo utilizado pelo historiador José Rivair Macedo para se referir àquele território¹⁵⁷, que passou por almóadas, almorávidas e merínidas, todas dinastias vindas do norte da África, de forma que por um bom tempo foi um território de imenso trânsito de africanos, o que explica o passeio tranquilo de Ibn Battuta até Granada.

A intenção ao colocar essa cidade para o estudante poder visitar, é subverter a ideia que somente europeus conquistaram territórios africanos, pois neste caso visitariam um território europeu que fora conquistado e habitado por africanos por mais sete séculos.

Resolvido essa questão, agora apresentaremos as dez cidades, colocando o texto da carta, a vantagem que ela apresenta caso retire 1 e 2 dos lados, explicando as escolhas envolvidas com elas e as desvantagens que acontecem caso o jogador tenha os números 5 e 6 no dado.

As imagens das cartas de desvantagens, são elementos gráficos disponibilizados pelo aplicativo Canva.

¹⁵⁷ MACEDO, José Rivair. Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval. SIGNUM: Revista da ABREM, Vol. 3, p. 101-132, 2001.

3.2.1. Marrakech

“Cidade fundada no século IX (9), na época de Battuta era o centro político da dinastia Merínida e um local de referência para viajantes na África, principalmente, pelo seu centro comercial”¹⁵⁸

No relato de Ibn Battuta há um ponto de partida e é na cidade de Tânger, local de seu nascimento, porém há pouquíssima descrição do lugar e ações que se passam em sua cidade natal. Assim, dentro do jogo optamos por escolher três cidades da região do Magrebe, para que as equipes percebessem a importância da região para Ibn Battuta.

Como o jogo não tem uma “cidade inicial”, não há necessidade de se preocupar com um ponto de partida fixo. Assim, pensamos na cidade de Marrakesh, que o viajante a descreve com mais detalhes em seu último périplo¹⁵⁹ e pela sua importância política e comercial, por ter sido sede das dinastias almorávidas e almóadas até seu declínio a partir do século XIII e também pela riqueza arquitetônica que pode ser vista na sua carta, ao ter o portal Bab Agnou¹⁶⁰, que é uma das dezenove entradas existentes nas muralhas da Almedina de Marrakech e ela é a referência visual na carta.

Quando a equipe aciona a carta da cidade, através da rolagem de dados, a Caravana recebe como vantagem “*Proteção contra um ataque na próxima rodada*”, justamente para dar ideia de segurança que a cidade ofereceu por muito tempo.

A desvantagem dessa cidade traz o seguinte enunciado: “*Você foi um mau hóspede e deve escolher 3 adversários para dar 1 tipo de recurso para cada, para se redimir.*” Esta desvantagem destaca a importância da hospitalidade na cultura da época e a necessidade de manter boas relações com outros viajantes. A penalidade simula a necessidade de compensar a falha na etiqueta e a importância das relações interpessoais na época.

3.2.2. Fez

¹⁵⁸ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

¹⁵⁹ BATTUTA, Ibn. A través del Islam. 2010. op. cit., p. 982

¹⁶⁰ YEOWATZUP. Marrakesh, Morocco (8141914885). 2012. Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marrakesh,_Morocco_%288141914885%29.jpg Acesso em: 30 jul. 2024

“A cidade de Fez era um centro cultural do mundo islâmico,. Funda em 789 d.C. por Mulei Idris, é o local da Universidade al Quaraouiyine, mais antiga do mundo.”¹⁶¹

A “cidade branca”, como Ibn Battuta se refere à cidade de Fez, está presente no jogo também. Escolhemos essa cidade pelo fato que diversas vezes o viajante se refere à ela e ao sultão merínida Abu Inane Farisn, governante da região entre os anos de 1348 a 1358.

É nela que suas aventuras se encerram, assim como também é nela que Battuta conta toda sua jornada para Ibn Juzzay, o responsável por escrever a “*Rihla*”.

Mesmo o jogo não tendo um ponto fixo de início nem de chegada, compreendemos que seria interessante e simbólico essa cidade estar presente no jogo, fora toda sua importância histórica para a região.

A imagem escolhida para estar na carta é a madraça Al Quaraouiyin¹⁶²e, fundada em 859 por uma importante mulher vinda do território onde atualmente se encontra a Tunísia, chamada Fátima al-Fhiri.

Quando uma equipe aciona a vantagem da cidade pela rolagem de dados em sua ação, a vantagem é “*poder responder 3 perguntas até acertar sem perder pontos de vida*”.

Essa vantagem está relacionada justamente à presença da madraça que é considerada uma das universidades mais antigas do mundo¹⁶³ e oferece à equipe a possibilidade de obter diversas tentativas de erro e acerto nas questões relacionadas ao texto base de Ibn Battuta.

No jogo, a desvantagem associada a Fez é a seguinte: "Em meio à viagem, enfrentou uma nevasca em um desfiladeiro perto de Tuwat. Fique uma rodada sem jogar e perca um recurso de cada (sal, água e ouro)." Esta penalidade simula as dificuldades inesperadas enfrentadas pelos viajantes, como condições climáticas adversas, que impactam a progressão da jornada e a disponibilidade de recursos. A penalidade destaca a imprevisibilidade e os desafios que viajantes poderiam ter encontrado durante suas expedições.

¹⁶¹ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

¹⁶² FLICKR UPLOAD BOT. University karawiyine. 2007. Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:University_karawiyine.jpg. Acesso em: 29 jul. 2024.

¹⁶³ FRIAS, Sónia. Fatima al-Fihri: um retrato possível da fundadora da Universidade Qarawiyyin em Fez. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, n. 32, p. 177-182, 2014.

3.2.3. Sijilmassa

“Centro comercial da “Rota do Sal”, teve seu auge no século XV, sendo frequentada por muitas caravanas, porém aos poucos foi perdendo importância até ser abandonada em 1818 d.C.”¹⁶⁴

Sijilmassa nos relatos de Ibn Battuta tem uma importância muito grande, justamente por ser um local de passagem para viajantes e Battuta passa duas vezes por ela, antes de ir para o Mali e no seu retorno à Fez. Era extremamente comum que qualquer viajante que fosse entrar no deserto do Saara ou saísse dele, passasse por lá, para reabastecer ou se preparar para um grande deslocamento.

Ela fica localizada no atual território do Marrocos, porém atualmente só restam ruínas, pois foram abandonadas em 1818 após uma série de ataques de povos bérberes Ait Atta.

A imagem que estampa a carta da cidade é uma foto das ruínas¹⁶⁵ do portão da entrada norte da antiga cidade e a vantagem que esta carta oferece é “*Ganhe 2 litros de água.*”, pois se a cidade servia para abastecer recursos, os viajantes terão a possibilidade de recarregar um recurso vital para o jogo e para as caravanas.

A desvantagem associada a Sijilmassa no jogo é: “Após a Tempestade de Areia, você ficou com apenas 1 kg de sal, pois a areia se misturou com o sal.” Esta penalidade reflete a realidade enfrentada pelos viajantes em condições extremas, como tempestades de areia, que poderiam comprometer a qualidade e a quantidade dos recursos, como o sal. A desvantagem ilustra os desafios imprevistos que os viajantes, incluindo Ibn Battuta, enfrentaram e como eventos naturais podem impactar diretamente seus suprimentos e progresso na jornada.

3.2.4. Cairo

“Fundada no ano 969 d.C. por Jauar, do califado Fatímida, sempre foi um das maiores centros urbanos do mundo islâmico e africano, às marges do Rio Nilo, englobando a necrópole de Menohis, lar das colossais pirâmides de Gizé, Qeops e Miquerinos.”¹⁶⁶

¹⁶⁴ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

¹⁶⁵ HMIDANIXTHE. northern gate of sijilmassa. 2008. Wikimedia Commons. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File.jpg>. Acesso em: 1 ago. 2024.

¹⁶⁶ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

Outra cidade que nosso viajante magrebino perpassa diversas vezes, é a cidade do Cairo, cidade de grande relevância nos relatos de Ibn Battuta, servindo como um ponto crucial de intercâmbio cultural e comercial durante suas viagens. Escolhemos incluir o Cairo no jogo devido à sua importância histórica como centro do mundo islâmico.

No jogo, o Cairo representa um local de confluência de conhecimento e aprendizado. A imagem escolhida para a carta da cidade é a própria Mesquita de Al-Azhar¹⁶⁷, simbolizando o papel do Cairo como centro de saber e erudição. Quando uma equipe ativa a vantagem do Cairo através da rolagem de dados, a caravana recebe a oportunidade de “ganhar 4 litros de água”, refletindo a ideia de cidade de passagem para muitos viajantes e por estar por uma colossal fonte de água: Rio Nilo.

Optamos por não colocar a imagem das pirâmides do Egito, mesmo sendo um patrimônio material incontornável da cidade, pois a necrópole de Memphis e suas titânicas pirâmides são estruturas muito mais ligada à civilização egípcia e na época de Battuta, havia outras dinâmicas acontecendo naquele local. Deixamos as pirâmides para as cartas de relatos, que serão expostas mais adiante.

A desvantagem relacionada ao Cairo é: "Devido à pandemia de peste bubônica, sua caravana corre perigo. Jogue um dado e o número que cair será a quantidade de pontos de vida que você perderá." Esta penalidade ilustra a severidade da peste que afetou extensas áreas durante a Idade Média, incluindo o Cairo, e o impacto devastador que poderia ter sobre as caravanas e seus integrantes. A perda de pontos de vida representa o risco elevado e os danos que as condições de saúde adversas poderiam causar durante as viagens e deslocamentos na época.

3.2.5. Kilwa

“Kilwa foi um dos maiores centros comerciais da África até o século XVI. Com seus prédios de “coral pedra”, foi centro do sultanato de Kilwa, de cultura muçulmana e swahili.”¹⁶⁸

¹⁶⁷ Desconhecido. The Al-Azhar mosque, built in 969 AD, in downtown Cairo. Data desconhecida. Picryl. Disponível em: <https://picryl.com/media/the-al-azhar-mosque-built-in-969-ad-in-downtown-cairo-exact-date-shot-unknown-3376bc>. Acesso em 28 de jul de 2024

¹⁶⁸ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

Kilwa é uma cidade que ganha destaque nos relatos de Ibn Battuta, sendo um dos portos mais prósperos da costa swahili durante o século XIV. Sua inclusão no jogo reflete a importância de Kilwa como um centro de comércio, onde mercadorias preciosas, como ouro e marfim, eram trocadas. A escolha de Kilwa para estar no jogo permite que as equipes explorem a diversidade cultural e econômica que caracterizava a região.

A imagem escolhida para aparecer na carta é das ruínas da Grande Mesquita de Kilwa Kisiwan¹⁶⁹, uma das mais antigas da costa leste africana, é famosa por seu plano arquitetônico único, sua estrutura feita de pedras e corais e suas dezesseis baias abobadadas. Escolhemos esta imagem por representar a herança muçulmana na região de cultura swahili.

No relato de Ibn Battuta, é descrita como uma cidade de intenso comércio marítimo e que recebe produtos de diversos locais do continente, local de saída e chegada, por isso que com a rolagem dos dados oferece a seguinte vantagem: “Não pague tributos para viajar por duas rodadas”.

A desvantagem associada a Kilwa se apresenta assim: "Você não entende o idioma Swahili e arranhou confusão com barqueiros. Retorne para a cidade anterior e perca 1 kg de sal e 1 metical de ouro." Esta penalidade destaca as dificuldades de comunicação que Ibn Battuta e outros viajantes poderiam enfrentar ao interagir com povos de diferentes culturas e línguas. A confusão com os barqueiros representa um contratempo logístico, resultando na necessidade de retroceder e na perda de recursos essenciais para a jornada.

3.2.6. Mogadíscio

“Sabe-se que essa cidade tem um passado muito mais antigo que os povos persas e cuxitas, sendo citada no Périplo do Mar Eritreu do séc. I. Local de comércio marítimo intenso, teve laços comerciais até com viajantes da China.”¹⁷⁰

A cidade de Mogadíscio, uma das paradas importantes no itinerário de Ibn Battuta, destaca-se por sua rica história de comércio e hospitalidade. Quando

¹⁶⁹ KHALIDSALEWA. Great Mosque Kilwa Interior. 8 jul. 2021. Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kilwa_Mosque_Interior.jpg. Acesso em: 28 jul de 2024.

¹⁷⁰ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

Battuta visitou Mogadíscio, ele ficou impressionado com a generosidade dos mogadisheus, que é uma característica marcante do povo local. O jogo "Nos Caminhos de Battuta" incorpora essa cidade utilizando a imagem de uma ilustração do século XIX do Farol Almnara¹⁷¹, uma estrutura que, embora tenha sido construída no século XV, simboliza a contínua importância de Mogadíscio como um próspero porto comercial.

Mogadíscio era um importante centro de comércio na costa leste da África, servindo como ponto de saída para ouro, marfim e outros bens valiosos que eram altamente cobiçados em mercados distantes. No jogo, ao ativar a cartar desta cidade, a equipe recebe "5 meticais de ouro" como vantagem, refletindo a significativa contribuição econômica de Mogadíscio para as rotas comerciais da época.

A escolha do farol como imagem emblemática representa a função da cidade como um farol de comércio e troca cultural, iluminando as rotas que ligavam a costa leste da África ao resto do mundo pelo Oceano Índico.

A desvantagem associada a Mogadíscio no jogo está relacionada à sua característica portuária e apresenta a seguinte frase: "No meio da viagem de barco, foi atacado por piratas. Perca 2 pontos de vida e fique apenas com 1 metical de ouro." Este evento ilustra o risco constante de ataques piratas nas rotas comerciais ao longo da costa leste africana. O ataque pirata representa uma ameaça significativa, resultando em perda de pontos de vida e uma redução drástica nos recursos financeiros, o que pode impactar severamente a progressão da caravana.

3.2.7. Tagaza

"As minas de Sal de Tagaza foram responsáveis por fornecer sal para viajantes e servia como ponto de parada de caravanas. Foi abandonada após o séc. XVII (17)"¹⁷²

A cidade de Tagaza desempenha um papel significativo nos relatos de Ibn Battuta, sendo mencionada com bastante detalhe em sua narrativa de viagens. Tagaza era um importante centro de mineração de sal, e seu valor econômico estava intrinsecamente ligado a esse recurso natural. No contexto do jogo, a cidade

¹⁷¹ SOMALIA, 1800s. [Imagem de uma cidade na Somália]. GetArchive.net, s.d. Disponível em: <https://garystockbridge617.getarchive.net/amp/media/somalia-o1800s-63f486>. Acesso em: 1 ago. de 2024

¹⁷² Ver Apêndice B - Cartas de cidades

oferece uma vantagem de “3 kg de sal” para as caravanas, refletindo sua importância histórica como fonte de sal, um bem precioso no comércio trans-saariano.

A escolha de Tagaza no jogo permite a exploração de temas complexos, como a relação entre as comunidades locais, em particular o povo Massufa, e a dinâmica da escravidão, que Ibn Battuta descreve em seus relatos. Essa cidade, assim, serve como um ponto de partida para discussões mais amplas sobre as interações sociais e econômicas no Saara durante o período medieval.

A imagem escolhida para representar Tagaza é uma fotografia contemporânea de estivadores¹⁷³ transportando imensas placas de sal, simbolizando a continuidade histórica e a relevância econômica do sal na região. Este recurso visual não só evoca o passado comercial de Tagaza, mas também conecta essa herança histórica às práticas modernas, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada das rotas comerciais que moldaram a África Ocidental.

Em Tagaza, a desvantagem enfrentada pelas caravanas é uma consequência das difíceis condições ambientais da região. A desvantagem é: "Perca 1 litro de água devido à água salobra local. Há muitas moscas e lama. Tomar essa água é perigoso." Esta situação reflete a realidade da região de Tagaza, onde a escassez e a qualidade questionável dos recursos hídricos podem prejudicar severamente a sobrevivência e o progresso das caravanas. A água salobra, contaminada e difícil de obter, representa um desafio significativo para os viajantes, obrigando-os a perder um recurso essencial e a enfrentar as adversidades naturais da região.

3.2.8. Capital do Mali

“Não há evidências históricas que apontem o local correto da capital. Talvez, a capital até poderia ser móvel. De qualquer forma, era o local onde ficava o Mansa do Mali”¹⁷⁴

No contexto do jogo "Nos Caminhos de Battuta", a carta da "Capital do Mali" oferece uma oportunidade para explorar a rica história e a complexidade política do

¹⁷³ TAGELMOUST. Estivadores transportando placas de sal em Tagaza. 2010. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1342/o-comercio-de-sal-na-antiga-africa-ocidental/>. Acesso em: 15 jul de 2024

¹⁷⁴ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

Império Mali durante o século XIV. A capital do império, visitada por Ibn Battuta, é descrita em seus relatos com grande atenção aos detalhes da corte e da figura do Mansa, o soberano do Mali. Embora não haja consenso sobre a localização exata da capital — sendo Niani e Bamako apontadas como possíveis locais — há também teorias que sugerem a possibilidade de uma capital móvel, refletindo a flexibilidade administrativa do império.

Independentemente de sua localização precisa, a capital era o centro do poder do Mansa, e Battuta testemunhou em primeira mão a riqueza e a organização desta corte.

Para evitar confusões históricas, optamos por não utilizar uma ilustração da Grande Mesquita de Djenné na carta, um ícone arquitetônico da região. Assim, preferimos utilizar a imagem do Atlas Catalão produzido no século XIX por Abraão Cresques¹⁷⁵, que destaca a figura do Mansa Musa.

A vantagem associada a essa cidade é "*não ser atacado por duas rodadas*", refletindo os elogios de Battuta à segurança e à estabilidade proporcionadas pelo governo do Mali na época.

A desvantagem associada à Capital do Mali é: "Sua caravana passou mal comendo uma comida típica. Perca uma rodada e 2 pontos de vida." Esta desvantagem reflete as dificuldades descritas por Ibn Battuta em seus relatos sobre as dificuldades alimentares durante sua passagem pela região:

"Dez dias depois de chegar lá, comemos uma 'asīda temperada com algo semelhante à colocasia — que chamam de qāfi e que é mais apreciada entre eles do que qualquer outra comida — e todos nós ficamos doentes. Éramos seis e um de nós morreu. Quanto a mim, fui cumprir a oração da aurora e desmaiei enquanto rezava. Pedi a um egípcio algum remédio purgante, e ele me trouxe um chamado baydar, composto de raízes de plantas, misturado com anis e açúcar, dissolvido em água. Tomei o remédio e vomitei tudo o que tinha comido, junto com muita bīlis amarela. Deus me salvou da morte, mas estive doente por dois meses." (tradução nossa)¹⁷⁶

¹⁷⁵ CRESQUES, Abraham. Détails de l'Atlas Catalan - Le roi Mansa Musa tenant une pépite d'or. 1375. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:D%C3%A9tails_de_l%27Atlas_Catalan_-_Le_roi_Mansa_Musa_tenant_une_p%C3%A9pite_d%27or.png. Acesso em: 28 jul de. 2024.

¹⁷⁶ BATTUTA, Ibn., 2010.op. cit., p.993

Versão original: "Diez días después de llegar allí comimos una 'asīda condimentada con algo semejante a la colocasia —que llaman qāfi y que es más apreciada entre ellos que cualquier otra comida— y caímos todos enfermos. Éramos seis y uno de nosotros murió. En cuanto a mí, marché a cumplir la oración de la aurora y me desvanecí mientras rezaba. Pedí a cierto egipcio algún remedio purgante y me trajo uno llamado baydar compuesto de raíces de plantas, lo mezcló con anís y azúcar y lo disolvió en agua. Ingerí el brebaje y vomité cuanto comiera junto con mucha bilis amarilla. Dios me salvó de la muerte pero estuve enfermo dos meses."

A adaptação às condições alimentares locais pode ter sido um desafio para o viajante, resultando em problemas de saúde que impactam o progresso da caravana no jogo. A penalidade reflete a seriedade das adversidades enfrentadas e a necessidade de cuidado ao lidar com novos alimentos em um ambiente desconhecido.

3.2.9. Tombuctu

"Lar da Universidade Sankoré e do Instituto Cultural Ahmed Baba, Tomctu era um local muito desejado para se estudar na região do Sahel."¹⁷⁷

Tombuctu, uma cidade de profunda relevância histórica e cultural, destaca-se em nossos relatos não apenas por seu papel essencial na difusão do Islã, mas também pela riqueza dos detalhes fornecidos por Ibn Battuta em sua jornada. Em suas descrições, Battuta exalta a segurança de Tombuctu e a vida dos moradores voltadas para o estudo do Islã.

A imagem escolhida para a carta é uma ilustração da Universidade de Sankore no Mali¹⁷⁸, que, embora não seja a única instituição educacional de Tombuctu, representa a cidade como um núcleo de conhecimento e cultura. Esta escolha visual destaca a relevância histórica e a influência da cidade na educação islâmica, proporcionando aos jogadores uma imersão mais profunda na importância cultural de Tombuctu.

No jogo, a vantagem oferecida pela cidade de Tombuctu é particularmente estratégica: "*Se errar uma pergunta, pode pedir outra e, se acertar, ganha o dobro de recursos nesta rodada.*" Esta vantagem reflete a importância de Tombuctu como um local de aprendizado e estudo, oferecendo aos jogadores a oportunidade de maximizar seus ganhos e aproveitar a chance de reavaliar suas respostas, em consonância com o prestígio acadêmico da cidade.

Em Tombuctu, a desvantagem enfrentada pelas caravanas é resultado das dificuldades associadas à vida nos ambientes ribeirinhos da região. A desvantagem é: "Crocodilos e hipopótamos arrasaram sua viagem. Fique uma rodada sem jogar e

¹⁷⁷ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

¹⁷⁸ SENANI, P. Sankore Mosque in Timbuktu, Mali. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Timbuktu_Mosque_Sankore.jpg. Acesso em: 1 ago de 2024.

perca 1 metical de ouro." Esta situação reflete os perigos que os viajantes encontram em áreas próximas aos rios, onde a fauna selvagem pode causar danos inesperados e comprometer o progresso das caravanas. A ameaça de ataques por parte de grandes animais aquáticos força os viajantes a uma interrupção significativa em sua jornada, resultando na perda de tempo e recursos¹⁷⁹.

3.2.10. Granada

"Granada é um local povoado desde os tempos de Roma e Cartago, antes de Cristo. No séc. XIV, pertencia à dinastia Nascérida e era local muito frequentado por africanos, como Battuta."¹⁸⁰

Granada, uma das últimas cidades sob domínio muçulmano na Península Ibérica, está representada no jogo devido à sua relevância histórica e cultural no período medieval. A cidade é mencionada nos relatos de Ibn Battuta, que destacou a hospitalidade e a riqueza cultural da região. A imagem escolhida para a carta da cidade é uma foto do interior da Alhambra¹⁸¹, um dos marcos arquitetônicos mais emblemáticos da presença africana muçulmana na Espanha. Esta escolha ilustra a influência duradoura e a herança cultural que os muçulmanos deixaram na região.

Quando uma equipe aciona a vantagem da cidade através da rolagem de dados, recebe "*3 meticais de ouro*". Essa vantagem é um reflexo da hospitalidade reconhecida por Ibn Battuta em seus relatos, que ressalta a generosidade e o acolhimento encontrados em Granada. Esta recompensa em recursos simboliza a riqueza e a importância econômica de Granada na época, reforçando o papel crucial da cidade como um centro de intercâmbio cultural e comercial.

Em Granada, a desvantagem que as caravanas enfrentam ilustra as tensões da região durante a expansão dos reinos cristãos na Península Ibérica. A desvantagem é: "No caminho para Granada, você topou com cruzados portugueses que atacaram para roubar recursos. Perca 1 ponto de vida e fique com 1 metical de ouro." Esta desvantagem reflete o contexto histórico de conflito e rivalidade que caracterizou a época, quando os reinos cristãos estavam em expansão e frequentemente entravam em confronto com comerciantes e viajantes muçulmanos. O ataque de cruzados portugueses representa as hostilidades e os desafios

¹⁷⁹ BATTUTA, Ibn. A través del Islam... op. cit., p.1006

¹⁸⁰ Ver Apêndice B - Cartas de cidades

¹⁸¹ GORDON, Jim. Alhambra, Granada. 31 out. 2007. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alhambra_-_Granada.jpg. Acesso em: 28 Jul de 2024.

adicionais que os viajantes enfrentavam ao se deslocar por áreas de intenso interesse estratégico e político. A tensão na região, alimentada por essas disputas, pode levar a perdas significativas e a uma maior dificuldade na jornada das caravanas

Como citado anteriormente no capítulo anterior, quando Battuta fez sua viagem para Granada, enfrentou uma situação tensa de quase ataque de cristãos¹⁸². Naquele relato, pode-se observar que a região da Andaluzia oferecia para muçulmanos possíveis dificuldades geradas pelos conflitos entre Castela e o califado da dinastia Nacérida, por isso consideramos interessante isso aparecer de alguma maneira no jogo, através da carta de desvantagem,

3.3. Cartas de personalidade das cidades e suas vantagens

As cartas de personagens¹⁸³ desempenham um papel crucial no jogo, oferecendo vantagens estratégicas e refletindo as características históricas e culturais das cidades representadas. Cada carta é projetada para imergir os jogadores em um contexto histórico e geográfico específico, proporcionando uma experiência enriquecedora e diversificada. O uso dessas cartas não apenas enriquece a narrativa do jogo, mas também introduz elementos de estratégia que podem influenciar significativamente o progresso das equipes.

Essas cartas representam figuras históricas e culturais cujas características e ações têm impacto direto na dinâmica do jogo. Por exemplo, um barqueiro local de Mogadíscio pode fornecer água adicional e isenção de tributo, refletindo a hospitalidade da cidade. Da mesma forma, um comerciante de camelos em Sijilmassa oferece recursos essenciais para a travessia do deserto, destacando a importância do comércio na região.

Escolhemos misturar dentro das cartas personalidades que existiram e eram da época de Ibn Battuta, como dois sultões, mas também não ficou restringido a um limite cronológico, pois escolhemos colocar Fatima Al-Fhiri, personagem de séculos anteriores às viagens de Ibn Battuta, justamente para oferecer às equipes o contato com uma personagem mulher durante o jogo. E por fim, não focamos apenas em

¹⁸² BATTUTA, Ibn. A través del Islam... op. cit., p.954

¹⁸³ Ver Apêndice B - Cartas

personagens históricos, mas também colocamos profissões comuns da época, de sujeitos comuns que Ibn Battuta topou em suas viagens ou que poderiam existir naquele período.

Utilizar essas cartas permite que os jogadores se beneficiem das vantagens específicas associadas a cada personagem, facilitando a navegação, a sobrevivência e o avanço no jogo. Além disso, o uso estratégico dessas cartas pode ser decisivo para superar desafios e otimizar recursos, proporcionando uma vantagem competitiva às equipes. Dessa forma, as cartas de personagens são uma ferramenta essencial para a construção de uma estratégia eficaz e para uma experiência de jogo mais envolvente e autêntica.

3.3.1. Barqueiro Local - Mogadíscio

Em Mogadíscio, a hospitalidade é um aspecto fundamental da cultura local, refletido na generosidade de seus habitantes, relata nas viagens de Ibn Battuta, quando ele passa pelo local, por isso escolhemos a figura de um barqueiro que recepciona a equipe quando chega ao local.

O barqueiro local, em consonância com esta tradição de acolhimento, oferece aos viajantes uma oportunidade única de participar de um banquete, o que simboliza a recepção calorosa da cidade. Além do aspecto social da recepção, a vantagem prática desta interação é a concessão de 1 litro de água, um recurso vital para a travessia dos desertos e para a manutenção das necessidades básicas dos viajantes. Adicionalmente, a isenção de tributo para avançar destaca o papel de Mogadíscio como um ponto de passagem estratégico e facilitador para as caravanas, proporcionando um alívio significativo nos custos de viagem.

3.3.2. Mulher Estudiosa no Islã - Tombuctu

Em Tombuctu, uma cidade reconhecida por sua proeminência acadêmica e cultural, a presença de uma estudiosa do Islã é particularmente relevante. A interação com essa figura é significativa, pois a cidade abriga a famosa Biblioteca Ahmed Baba, um centro de conhecimento e pesquisa islâmica.

Ao permitir que o viajante faça uma pergunta sobre o texto, a estudiosa oferece uma oportunidade de acesso ao saber acadêmico e intelectual da região. Este encontro não apenas enriquece o conhecimento dos viajantes, mas também

resulta na concessão de dois recursos adicionais, refletindo a importância de Tombuctu como um hub de aprendizado e intercâmbio cultural.

3.3.3. Comerciante de Camelos - Sijilmassa

Sijilmassa, um ponto crucial na rota do comércio trans-saariano, é notoriamente associado ao comércio de camelos, essencial para a travessia do deserto.

A presença de um comerciante de camelos na cidade ilustra a função vital de Sijilmassa no fornecimento desses animais indispensáveis para a sobrevivência e transporte nas vastas distâncias do deserto. O comerciante, ao oferecer camelos e adicionar 3 litros de água, proporciona um suporte crucial para a continuidade da jornada dos viajantes. Esta assistência destaca o papel de Sijilmassa como um ponto estratégico de abastecimento e comércio, fundamental para a logística das caravanas.

3.3.4. Dugha (Conselheiro do Mansa) - Capital do Mali

Na Capital do Mali, a presença de Dugha, um conselheiro do Mansa e intérprete, é de grande importância para os viajantes. O Dugha oferece uma garantia de segurança, informando que as terras do Mali são seguras para estrangeiros. Esta vantagem é refletida na concessão de duas rodadas sem a preocupação de ataques, o que assegura um período de estabilidade para a equipe. A função de Dugha como conselheiro e intérprete destaca a posição do Mali como uma região relativamente segura e estável para os viajantes, proporcionando uma proteção essencial durante as jornadas.

3.3.5. Takšif (Guia) - Tagaza

Tagaza, conhecida por suas difíceis condições desérticas e pelas minas de sal, é o local ideal para a presença de um guia experiente como Takšif. Este guia, ciente dos perigos do deserto, como djins e serpentes, oferece assistência valiosa para a navegação e sobrevivência na região.

A vantagem conferida pelo guia, que inclui a concessão de 3 kg de sal, é particularmente significativa dado o valor do sal no comércio e na sobrevivência no deserto. A ajuda de Takšif sublinha a importância de Tagaza como um ponto crítico para a travessia desértica e o comércio de recursos essenciais, que fora citado por

Ibn Battuta como um tipo de guia muito especial, principalmente pelo fato que os Takšif mais experientes e mais efetivos, eram cegos e não temiam nem se perdiam no deserto.¹⁸⁴

3.3.6. Comerciante - Marrakech

Marrakech, um centro comercial vibrante e uma importante rota caravaneira, é representada por um comerciante que entende as demandas das longas viagens. A interação com este comerciante é vantajosa, pois ele fornece 1 kg de sal e 11 litros de água, recursos essenciais para a continuidade da jornada.

Este suporte reforça o papel de Marrakech como um ponto de abastecimento crucial para as caravanas, destacando a cidade como um ponto estratégico de suporte e comércio em rotas extensas.

3.3.7. Sultão Yusuf Iº - Granada

Granada, sob a influência de Sultão Yusuf Iº, demonstra a importância da hospitalidade e do apoio aos viajantes. O sultão, ao oferecer camelos e 3 litros de água, reflete a posição de Granada como um ponto estratégico e acolhedor na rota caravaneira.

Este apoio é crucial para a continuidade da viagem, sublinhando a função de Granada como um facilitador importante para as caravanas. A generosidade do sultão representa a capacidade de Granada de proporcionar suporte significativo durante as longas jornadas.

3.3.8. Fatima Al-Fihri - Fez

Fatima Al-Fihri, fundadora da Universidade de Al-Qarawiyyin em Fez, é uma figura emblemática no contexto acadêmico e cultural da cidade. Escolhemos essa personalidade do século IX para oferecer aos estudantes um pequeno vislumbre de uma figura histórica pertinente da tradição islâmica. Mesmo não sendo da época de Ibn Battuta, na carta de Fátima é apresentado para a equipe que a personalidade histórica é de outra época.

Assim, o reconhecimento da história de Fatima Al-Fihri resulta na vantagem de dobrar a quantidade de um recurso que o viajante possui. Esta vantagem destaca a importância de Fez como um centro de educação e conhecimento, refletindo o

¹⁸⁴ BATTUTA, Ibn. 2010 op. cit. p. 985

legado intelectual de Al-Fihri e o impacto cultural da cidade. O benefício oferecido ressalta a influência duradoura de Fez no desenvolvimento acadêmico e intelectual.

3.3.9. Imame Influyente - Cairo

Em Cairo, a interação com um imame influente é um reflexo do papel vital que a cidade desempenha no contexto religioso islâmico. Escolhemos esta figura, pois em sua passagem pelo Cairo, no retorno da China, quem auxilia Ibn Battuta é uma imame, demonstrando a importância dessa figura naquela época.

O imame oferece a vantagem de escolher um recurso para receber duas unidades adicionais, o que reforça a importância de Cairo como um centro de liderança espiritual e apoio para os viajantes. Este suporte é um testemunho do impacto da influência religiosa na assistência prática, destacando Cairo como um ponto significativo para a orientação espiritual e material.

3.3.10. Mercador de Marfim - Kilwa

Kilwa, um importante centro comercial na costa leste da África, é representada por um mercador de marfim que contribui para a assistência dos viajantes. Após negociar marfim, o mercador oferece uma vantagem crucial ao permitir que não se gastem recursos para avançar nesta rodada.

Esta vantagem sublinha o papel estratégico de Kilwa no comércio e a capacidade da cidade de fornecer suporte significativo durante as jornadas comerciais. A ajuda do mercador reflete a importância de Kilwa como um ponto de apoio vital na rota comercial.

3.4. Os relatos de Battuta

Nesta seção, serão apresentados os trechos selecionados para as cartas de relatos, seu uso no jogo e o motivo de sua escolha. Os relatos de Ibn Battuta, extraídos diretamente da obra *Através do Islã*, foram cuidadosamente selecionados para proporcionar uma experiência de jogo que reflete a autenticidade e a riqueza de suas viagens. Para garantir uma compreensão mais ampla e acessível para os jogadores, optou-se por traduzir os trechos do espanhol para o português, preservando a integridade e a precisão do conteúdo original.

Esses trechos são fundamentais para o jogo, pois oferecem uma perspectiva histórica e detalhada das regiões e figuras mencionadas por Battuta. Cada passagem foi escolhida com base em sua relevância para o contexto das cidades e personagens representados no jogo, proporcionando não apenas um vínculo direto com a narrativa histórica, mas também enriquecendo a experiência de jogo com informações significativas. A escolha dos trechos se baseou na importância de refletir aspectos essenciais das cidades e das figuras históricas envolvidas, contribuindo para uma imersão mais profunda e uma compreensão mais completa das dinâmicas e desafios enfrentados durante as viagens de Battuta.

3.4.1. Marrakech e os elogios de Battuta à linda cidade

Escolhemos o seguinte relato para a cidade de Marrakech:

"Marrakech é uma das cidades mais belas, extensa e vasta, bem provida de todo tipo de produtos. Há grandiosas mesquitas, como a sua aljama, conhecida por Kutubiyīn ('dos livreiros'), que possui um imenso e colossal minarete, ao qual subi, permitindo-me ver toda a cidade, da qual a ruína se apodera e só é comparável a Bagdá, embora esta última tenha melhores mercados. Em Marrakech está a maravilhosa madraça, destacando-se por sua boa localização e execução perfeita, construída por nosso senhor o Príncipe dos Crentes Abū I-Ḥasan."¹⁸⁵¹⁸⁶

O relato de Ibn Battuta sobre Marrakech oferece uma visão detalhada e apreciativa da cidade, ressaltando sua beleza, extensão e diversidade de produtos disponíveis. Marrakech é destacada não apenas por seu tamanho e riqueza, mas também por suas grandiosas mesquitas, especialmente a mesquita aljama, conhecida como Kutubiyīn, ou 'dos livreiros'. Esta mesquita é notável pelo seu imponente minarete, que Battuta menciona ter escalado, proporcionando-lhe uma visão panorâmica de toda a cidade. A menção de que Marrakech é apenas comparável a Bagdá em termos de grandeza, apesar de Bagdá possuir mercados

¹⁸⁵ BATTUTA, Ibn. 2010 op. cit. p. 982

¹⁸⁶ Versão original: "Marrakech es una de las más hermosas ciudades, extensísima y vasta, bien dotada de todo género de productos. Hay grandiosas mezquitas, como su aljama, la conocida por Kutubiyīn («de los librerros»), que tiene un tremendo y colosal alminar, al que subí, mostrándoseme a la vista la totalidad de la población, de la que se va adueñando la ruina y en ello sólo es comparable a Bagdad, pero esta última dispone de mejores zocos. En Marrakech se halla la maravillosa madrasa, que se distingue por su buena situación y ejecución perfecta, edificada por nuestro señor el Príncipe de los Creyentes Abū I-Ḥasan.

superiores, sugere o prestígio e a importância da cidade no contexto do mundo islâmico medieval.

Além das mesquitas, Marrakech é elogiada por sua madraça, uma instituição de ensino religioso e cultural, que se destaca tanto por sua localização privilegiada quanto pela excelência de sua construção.¹⁸⁷

A descrição de Marrakech como um centro vibrante e influente de comércio e aprendizado sublinha sua posição como um dos principais polos culturais e econômicos do mundo islâmico durante o século XIV.

Vantagem com acerto de pergunta deste relato é: se você acertar a pergunta, além de ganhar o metical de ouro, descobrirá que Marrakesh é uma cidade segura, mas seus oponentes não estão presentes lá. Em vez disso, você pode escolher dois oponentes para serem atacados, o que pode alterar o equilíbrio de poder em sua favor.

3.4.2. As pirâmides pelo olhar de Battuta no Cairo

Para a cidade do Cairo foi escolhida a seguinte citação:

As pirâmides são construídas de pedras sólidas lavradas, de altura enorme, circulares, largas na base, estreitas na cúspide. Parecidas com cones, sem portas, e não se sabe como foram edificadas. Diz-se que um dos reis do Egito antes do Dilúvio teve visões que o aterrorizaram e o forçaram a erguê-las, na margem ocidental do Nilo, para que fossem depósito das ciências e também túmulo dos cadáveres reais. Inquiriu aos astrólogos se teriam alguma abertura e lhe notificaram que se abririam pelo flanco norte, indicando o lugar por onde estaria o vão, assim como o custo que alcançaria abri-lo. Então mandou colocar neste local uma quantidade equivalente à comunicada pelos astrólogos e se aplicou à construção, concluindo-a em sessenta anos. E fez escrever o seguinte: «Construímos estas pirâmides em sessenta anos. Quem quiser, destrua-as em seiscentos, embora destruir seja mais fácil que construir».(Tradução nossa)¹⁸⁸¹⁸⁹

¹⁸⁷ VÉRAS, Bruno., 2015. op. cit. p 46

¹⁸⁸ BATTUTA, Ibn 2010. op. cit. p. 164

¹⁸⁹ Versão original: “Las pirámides están construidas de piedras sólidas labradas, de altura enorme, circulares, anchas de base, estrechas de cúspide. Parecidas a conos, sin puertas, y no se sabe cómo fueron edificadas. Se dice que uno de los reyes de Egipto antes del Diluvio tuvo visiones que le aterrorizaron y forzaron a levantarlas, en la margen occidental del Nilo, para que fuesen depósito de las ciencias al tiempo que enterramiento de los cadáveres reales. Inquirió a los estrelleros si tendrían alguna abertura y le notificaron que se abrirían por el flanco norte, indicándole el lugar por dónde estaría el vano, así como el monto que alcanzaría abrirlo. Entonces mandó colocar en este sitio una cantidad equivalente a la comunicada por los astrólogos y se aplicó a la construcción, concluyéndola en sesenta años. E hizo escribir lo siguiente: «Construimos estas pirámides en sesenta años. Quien quiera, destrúyalas en seiscentos, aunque destruir es más fácil que construir».

”

O relato de Ibn Battuta sobre as pirâmides do Egito fornece uma perspectiva histórica e cultural rica em detalhes, oferecendo uma visão das percepções medievais sobre essas estruturas icônicas. Battuta descreve as pirâmides como edificações imponentes, construídas com pedras sólidas e lavradas, com uma forma cônica que se estreita na cúspide. Essa descrição destaca a grandiosidade das pirâmides e sua durabilidade ao longo dos séculos, capturando a admiração que essas estruturas suscitam no viajante magrebino.

É interessante perceber as dificuldades de conhecimento sobre aspectos históricos das pirâmides, a partir das falas de Ibn Battuta. relato que é uma bela oportunidade para pensarmos sobre diferenças de conhecimento daquelas pessoas no século XIV.

Ao acertar a pergunta, o jogador não só ganha a vantagem de ter uma reserva de água generosa, mas também provoca um impacto direto nos adversários. Um de seus oponentes, que tentou explorar as pirâmides, acaba preso, resultando em uma penalidade para a competição deles. O jogador tem a oportunidade de escolher uma caravana adversária para ficar sem ações na próxima rodada. Esta estratégia limita a capacidade dos adversários de tomar decisões e realizar movimentos, criando uma vantagem tática para o jogador. O efeito da penalidade pode desestabilizar o progresso dos adversários, enquanto o jogador mantém uma posição estratégica vantajosa e avança no jogo.

3.4.3. Suntuosa e marítima, quando Mogadíscio brilhava

Ao chegar na cidade de Mogadíscio, caso a equipe acerte o número correspondente ao relato, encontrará o seguinte relato:

Navegamos para o mar e, após quinze dias de navegação, chegamos a Mogadíscio, uma cidade extremamente grande. As pessoas lá possuem uma grande quantidade de camelos, que abatem aos centenas todos os dias; eles também têm muitas ovelhas e são comerciantes poderosos. Nesta cidade de Mogadíscio, fabricam os tecidos que levam seu nome e que são incomparáveis: exportam a maior parte para o Egito e outros lugares. Os mogadiscianos têm o costume de ir receber em pequenas embarcações chamadas şunbūq qualquer navio que chega ao porto; em cada şunbūq há um grupo de jovens, cada um dos quais carrega na mão um prato coberto contendo comida. Um deles oferece o prato a um dos

comerciantes do navio, dizendo: ‘Este é o meu hóspede’, e assim fazem todos eles. Nenhum comerciante desce do navio, a não ser para ir à casa do hóspede que lhe foi designado entre esses jovens, a menos que ele já tenha visitado muito a cidade e conheça pessoas de lá; então, ele pode se hospedar onde quiser.”(Tradução nossa)¹⁹⁰¹⁹¹

O relato de Battuta sobre Mogadíscio é significativo por destacar a cidade como um importante centro econômico e cultural na costa da África Oriental durante o século XIV. A menção à produção de tecidos e ao comércio marítimo indica a integração de Mogadíscio nas redes comerciais do Oceano Índico, onde mercadorias e culturas eram trocadas entre a África, o Oriente Médio e a Ásia. A descrição de Mogadíscio como um centro próspero reflete sua importância estratégica e econômica no mundo islâmico medieval, contribuindo para a difusão cultural e comercial através das rotas marítimas.

Além disso, o relato enfatiza a importância da hospitalidade como um valor central na cultura mogadishu, refletindo a ênfase islâmica na generosidade e no acolhimento dos viajantes.

A prática de designar hóspedes entre os jovens da cidade sugere um sistema social sofisticado, onde as relações comerciais são fortalecidas por meio de laços pessoais e hospitalidade.

O relato de Battuta oferece uma visão da dinâmica cultural e econômica de Mogadíscio durante o período medieval, ilustrando como as cidades costeiras africanas desempenharam papéis cruciais nas redes comerciais globais e no intercâmbio cultural.

E ainda demonstra como dentro da África, mesmo entre sociedade que tenham diferenças de cor, o islã acaba sendo o fio condutor entre essas populações e quanto mais semelhante nas tradições e rigor ao cumprimento das regras que Ibn Battuta entendia como correta, mais o viajante se sentia confortável como aponta

¹⁹⁰ BATTUTA, Ibn., 2010. op. cit. p. 431

¹⁹¹ Versão Original: Nos hicimos luego a la mar y, tras quince días de navegación, llegamos a Mogadiscio, ciudad extremadamente grande. La gente de allí tiene una gran cantidad de camellos, que degüellan por cientos todos los días; tienen también muchas ovejas y son poderosos comerciantes. En esta ciudad de Mogadiscio hacen los tejidos que llevan su nombre y que son incomparables: exportan la mayor parte al país de Egipto y a otros sitios. Los mogadiscies tienen la costumbre de ir a recibir en barquichuelas llamadas şunbūq a todo barco que llega al puerto; en cada şunbūq va un grupo de jóvenes, cada uno de los cuales lleva en la mano un plato cubierto que contiene comida. Uno cualquiera se lo ofrece a alguno de los mercaderes del barco diciendo: «Este es mi huésped», y así hacen todos ellos. Ningún comerciante baja del barco, si no es para ir a casa del huésped que le haya correspondido entre estos jóvenes, a no ser que haya frecuentado mucho la ciudad y resulte que conoce a gente de allí; entonces puede alojarse donde quiera.

Bruno Véras que na “África banhada pelo Oceano Índico, profundamente influenciada pela cultura árabe, Ibn Battuta sentiu-se em casa. Os estranhamentos em relação às práticas religiosas e de condução da justiça foram mínimos”¹⁹². Este apontamento dele vai de encontro com a forma como o islã foi se espalhando pela África, porém não de forma uniforme.

3.4.4. Swahilis, Zanjés, Muçulmanos e a cidade de Kilwa

Do relato da passagem de Kilwa

"Passamos uma noite nesta ilha e embarcamos para a cidade de Quiloa, uma importante cidade ribeirinha habitada em sua maior parte por Zanjés, de cor muito negra, que têm incisões no rosto semelhantes às dos Līmī da Guiné. Um comerciante me disse que a cidade de Sofala está a meio mês de marcha de Quiloa, e que entre Sofala e Ifé, no país dos Līmī, há uma distância de um mês; de Ifé, trazem o ouro em pepitas para Sofala. Quiloa é uma cidade muito bela e bem construída; todas suas casas são de madeira, com telhados de palha. As chuvas são abundantes aqui.(Tradução nossa)"¹⁹³¹⁹⁴

Kilwa, como já apontado anteriormente, era um dos principais portos da costa swahili na época de Battuta e sua riqueza e poder eram tais que controlava o comércio marítimo da região.

Essa posição privilegiada transformou Kilwa em um ponto de encontro de culturas, ideias e mercadorias, com influências vindas de várias partes do mundo. A descrição de Ibn Battuta oferece insights sobre essa interculturalidade dentro do jogo e sobre como uma outra parte da África era aberta a diversas rotas comerciais do Oceano Índico, indo contra a ideia de um continente fechado em si mesmo.

Aqui neste relato, novamente, é possível notar certo desconforto ou visão fechada para outras culturas de Ibn Battuta ao lembrar das escarificações.

¹⁹²VERAS, Bruno. Op.Cit. r, 2015. p. 70

¹⁹³ BATTUTA, Ibn., 2010 op. cit. p. 436

¹⁹⁴ Pasamos una noche en esta isla y embarcamos para la ciudad de Kulwā [Quiloa], una importante ciudad ribereña habitada en su mayor parte por Zaný de color muy negra, que tienen sajaduras en la cara como las de los Līmī de Guinea [Yānāwa][294]. Un mercader me dijo que la ciudad de Sufāla[295] está a medio mes de marcha de Quiloa, y que entre Sufāla y Yūfī, en el país de los Līmī, hay una distancia de un mes; de Yūfī traen el oro en pepitas a Sufāla. Quiloa es ciudad muy bella y bien construida; todas sus casas son de madera, con la techumbre de aldiza. Las lluvias son abundantes aquí. Esta gente hace la guerra santa [yihād1, porque su tierra está junto a la de los Zaný infieles. Siguen la escuela chafeíta y son sobre todo devotos y religiosos.

Recorremos mais uma vez ao apontamento de Bruno Vêras sobre a forma como Battuta se sente nesta parte do continente:

"No chamado País Swahili, uma cultura islâmica já havia se estabelecido há vários séculos. No cinturão litorâneo da costa leste africana, uma língua original se constituiu a partir dos contatos comerciais entre árabes e falantes de línguas bantu. Não só uma língua, com escrita ajami própria, como uma cultura comercial e marítima se desenvolveu nesta região fortemente influenciada pelo Islã. Não é à toa que, comparada à sua estadia no Império do Mali, seu estranhamento fora bem menor. Claro que ele apontou algumas diferenças e 'exotismos' em relação aos seus padrões, principalmente estéticos. Um exemplo para este caso foi o seu estranhamento em relação às escarificações."¹⁹⁵

Assim, mais uma vez as equipes dentro do jogo acessam mais uma perspectiva de Ibn Battuta sobre populações africanas, apontando a cor de seus habitantes, destacando a existência de populações que ele chama “*zanj*” e “*Limí*” para diferenciar muçulmanos de outras populações.

Quando a pergunta é respondida corretamente, a vantagem é intensificada com uma ação direta e punitiva contra os adversários. O sultão, irritado pela falta de cordialidade de seus oponentes, impôs uma penalidade severa a um adversário selecionado. Este adversário deve pagar 1 kg de ouro, 1 litros de água e 1 metical de ouro ao sultão, que deve ser devolvido na medina. Essa penalidade não apenas prejudica os recursos do adversário, mas também pode afetar negativamente sua capacidade de competir e realizar ações no jogo. A imposição da penalidade serve como uma forma de pressão estratégica, que pode desestabilizar a posição do adversário e criar oportunidades para o jogador que acertou a pergunta de explorar a vantagem obtida.

Ao responder corretamente à pergunta, a vantagem se amplia com um impacto estratégico sobre os adversários. O jogador que acertou a pergunta consegue aproveitar o fato de ter passado por Mogadíscio sem alertar os piratas, garantindo um acesso seguro. Em contraste, seus adversários enfrentam a desvantagem de serem afetados por piratas e ficam impedidos de jogar por uma rodada. Essa penalidade não apenas limita a capacidade dos adversários de realizar ações e tomar decisões durante esse período, mas também cria uma vantagem tática significativa para o jogador. O tempo de inatividade dos adversários pode ser usado para reforçar a posição estratégica do jogador e avançar na competição.

¹⁹⁵ VÉRAS, Bruno., 2015. op. cit. p 148

3.4.5. Os domínios muçulmanos na península Ibérica. Battuta em Granada.

Para Granada, escolhemos um relato que traz um tom elogioso para cidade da península ibérica, que ainda estava sob o controle de muçulmanos. Poderíamos ter escolhido o trecho que apontava a tensão entre cristão e muçulmanos, mas esta característica da época já aparece na carta de desvantagem de Granada, sendo assim o relato escolhido foi:

"Depois continuei a marcha até Granada, capital do país de al-Andalus, noiva de suas cidades. Seus arredores não têm igual entre as comarcas de toda a terra, abrangendo uma extensão de quarenta milhas, cruzada pelo famoso rio Genil e por muitos outros cursos de água. Hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos abraçam a cidade por todos os lados. Entre os seus lugares mais bonitos está a 'Fonte das Lágrimas', um monte onde há hortas e jardins, sem igual possível. Diz Ibn Yuzayy: 'Se não temesse ser tachado de parcial —por ser minha cidade— me estenderia largamente descrevendo Granada, já que a ocasião é propícia. No entanto, não faz sentido se prolongar falando de uma cidade tão renomada.(Tradução nossa)¹⁹⁶¹⁹⁷

O relato de Ibn Battuta sobre Granada oferece uma visão da cidade durante o período de domínio muçulmano na Península Ibérica. Descrevendo-a como a "noiva das cidades" de al-Andalus, Battuta expressa sua admiração por Granada, destacando sua beleza e riqueza natural. Ele menciona o rio Genil e os inúmeros cursos de água que atravessam a região, criando uma paisagem exuberante de hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos que rodeiam a cidade.

A referência à "Fonte das Lágrimas" como um dos lugares mais bonitos reforça a imagem de Granada como um centro de esplendor natural e arquitetônico. A narrativa de Ibn Battuta não só reflete a sua apreciação pela cidade, mas também ilustra como a arquitetura e a cultura africana foram exportadas para a Península Ibérica durante este período, contribuindo para a rica tapeçaria cultural de al-Andalus.

¹⁹⁶ BATTUTA, Ibn., 2010. op. cit. p. 978

¹⁹⁷ Versão Original: "Después continué la marcha hasta Granada, capital del país de al-Andalus, novia de sus ciudades. Sus alrededores no tienen igual entre las comarcas de la tierra toda, abarcando una extensión de cuarenta millas, cruzada por el famoso río Genil y por otros muchos cauces más. Huertos, jardines, pastos, quintas y viñas abrazan a la ciudad por todas partes. Entre sus parajes más hermosos se cuenta la «Fuente de las lágrimas» un monte donde hay huertas y jardines, sin parecido alguno posible. Dice Ibn Yuzayy: «Si no temiera que me tildasen de parcial —por ser mi ciudad— me extendería largamente describiendo Granada, puesto que la ocasión es propicia. No obstante, no tiene sentido prodigarse hablando de una ciudad tan renombrada.»

A descrição de Granada por Ibn Battuta serve como um testemunho da presença africana muçulmana na região, evidenciando a influência cultural e arquitetônica que os muçulmanos africanos exerceram na Península Ibérica. Os estudantes que analisam este relato podem perceber como a arquitetura islâmica, com seus jardins bem cuidados e sistemas de irrigação avançados, deixou uma marca duradoura na paisagem de Granada. Além disso, o entusiasmo de Ibn Battuta ao descrever a cidade sugere um profundo respeito e admiração pela civilização islâmica de al-Andalus, que era um ponto de encontro de diversas culturas e saberes durante a Idade Média. Assim, o relato destaca a importância de Granada como um símbolo do florescimento cultural e da interconexão entre o mundo islâmico africano e a Europa medieval.

Ao acertar a pergunta, além de receber o metical de ouro, o jogador pode aplicar uma penalidade estratégica aos adversários. Como punição pelo “Haram” cometido — um pecado grave como beber vinho de Portugal na Alhama de Granada — os adversários enfrentam uma consequência direta: são forçados a voltar duas cidades em seu percurso. Esta penalidade não só atrasa o avanço dos adversários, como também permite ao jogador ganhar uma vantagem competitiva ao reduzir o progresso dos oponentes e potencialmente melhorar sua própria posição no jogo.

3.4.6. As dificuldades e o povo Massufa em Tagaza

O relato selecionado para Tagaza é um rico detalhamento de uma das partes da viagem para o Mali, pois temos acesso a diversas informações daquela época::

"Após vinte e cinco dias, chegamos a Tagāzà, uma aldeia sem cultivos, cuja singularidade reside no fato de que suas casas e mesquita são construídas com blocos de sal gema, enquanto os telhados são feitos de couro de camelo. O solo é arenoso, sem árvores. Há uma mina de sal lá, onde se encontram enormes placas de sal superpostas, como se tivessem sido esculpidas e depois empilhadas sob a terra. Um camelo só consegue transportar duas dessas placas. [...] No local, residem apenas os escravos dos Massūfa, que trabalham na mina de sal e se alimentam com tâmaras trazidas do Draa e Siyilmāsa, carne de camelo e milho vindo do Sudão. Os negros, originários de sua terra, vêm até aqui para trocar milho por sal, e uma carga desse produto, em Ualatá, é vendida entre oito e dez meticais de ouro, mas na cidade de Mali sobe para vinte, trinta e até quarenta meticais. Os negros utilizam o sal como moeda, assim como se fosse ouro ou prata, cortando-o em pedaços e negociando com ele." (Tradução nossa)¹⁹⁸¹⁹⁹

¹⁹⁸ BATTUTA, Ibn.,2010. op. cit. p. 983

¹⁹⁹ Tras veinticinco días, llegamos a Tagāzà, una aldea sin cultivos y cuya singularidad consiste en que sus casas y mezquita están edificadas con pedruscos de sal gema, mientras los techos son

Tagaza, como descrita por Ibn Battuta, oferece uma visão detalhada da economia e das condições sociais do século XIV na região do Saara Ocidental. A cidade era singular devido à sua arquitetura, com casas e mesquitas construídas inteiramente de blocos de sal gema e telhados de couro de camelo, em uma região desprovida de vegetação e solo fértil. A principal atividade econômica era a mineração de sal, com enormes placas de sal extraídas do solo e transportadas por camelos.

Apenas escravizado do povo Massufa, um grupo étnico imazigh, residiam na cidade permanentemente, dedicando-se ao trabalho nas minas. Esse cenário oferece aos jogadores uma experiência rica para entender a realidade da exploração de recursos naturais em condições áridas e as complexas relações sociais e econômicas da época.

A narrativa também destaca a importância do sal como um bem comercial vital, utilizado como moeda nas transações com os povos vizinhos. As trocas comerciais entre os Massufa e os povos africanos ao sul envolviam a troca de milho e outros produtos por sal, que era altamente valorizado em cidades como Ualatá e Mali, onde seu valor aumentava significativamente.

Para os estudantes, este relato oferece uma oportunidade única de explorar as dinâmicas econômicas do comércio caravaneiro, a interdependência entre diferentes regiões e culturas e os impactos sociais da escravidão na mineração e comércio do sal. Além disso, proporciona uma compreensão mais profunda das complexidades das redes comerciais transaarianas e do papel crucial que o sal desempenhou nas economias pré-modernas da África Ocidental.

Quando o jogador acerta a pergunta, a vantagem é ampliada com uma vantagem tática que afeta diretamente a dinâmica do jogo. A descoberta de uma história assustadora sobre espíritos malignos do deserto gera um efeito psicológico sobre os adversários, fazendo com que eles fiquem temerosos. Esse medo é usado

cueros de camello. El suelo es arenoso, sin árboles. Hay allá una mina de sal, en la que se encuentran, excavando, enormes placas de sal superpuestas, como si hubieran sido labradas y luego amontonadas bajo tierra. Un camello sólo alcanza a transportar dos de estas placas. En el lugar no habitan más que los esclavos de los Massūfa, que trabajan en la mina de sal y se alimentan con dátiles traídos del Draa y Siyilmāsa, de la carne de los camellos y del anlī (mijo) proveniente del Sudán. Los negros, procedentes de su país, llegan hasta aquí para trocar mijo por sal y una carga de este producto, en Īwālātan, se vende entre ocho y diez meticales de oro, pero en la ciudad de Māllī (Malí) sube a veinte, treinta y hasta cuarenta meticales. Los negros se sirven de la sal como moneda, igual que si fuera oro o plata, la cortan en pedazos y con ella negocian.

estrategicamente para paralisar uma caravana adversária, impedindo-a de realizar qualquer ação na próxima rodada. Esse bloqueio não apenas limita a capacidade de movimento e ação dos oponentes, mas também pode influenciar o andamento do jogo, permitindo ao jogador explorar essa vantagem para otimizar suas próprias ações e estratégias enquanto seus adversários enfrentam uma rodada de inatividade.

3.4.7. Battuta na corte do Mansa Sulayman na Capital do Mali

Este seja um dos momentos na “*Rihla*” de Battuta que mais traz detalhes para o leitor, sobre a sociedade do Mali e suas dinâmicas. Foi uma tarefa bastante difícil escolher qual dos relatos escolher, mas optamos por selecionar justamente o relato que deixa muito evidente o sincretismo que foi gerado no Mali, que um pouco mais de cem anos da formação de uma sociedade calcada nos valores do Islã que ao se disseminar pelo continente:

"assumiu um caráter particular em relação a um pretense Islã ortodoxo. A presença dos 'homens santos' marabouts, o sincretismo e a dupla vivência religiosa em relação às religiões tradicionais/ancestrais africanas, a crença no poder da baraka de certos religiosos, a produção de talismãs por muçulmanos e a forte presença de irmandades sufis conferem traços distintivos a este Islã em relação à vivência religiosa muçulmana entre outras localidades (que também contêm suas especificidades)."²⁰⁰

E em dos relatos de Battuta, ele apresenta a seguinte situação:

"No dia da festa, depois do Dugha ter concluído sua apresentação, compareceram os poetas, a quem chamam de djuala ou djali, no singular. Cada um deles se apresenta dentro de uma figura feita com penas de um pássaro semelhante aos pardais e com uma cabeça de madeira com um bico vermelho semelhante ao desse pássaro. Colocam-se diante do governante dessa forma tão ridícula e recitam suas composições. Contaram-me que os poemas são uma espécie de exortação, em que dizem ao sultão: 'este penpi em que te sentas foi ocupado antes por tal rei, cujos feitos foram os seguintes, e tal outro, cujos feitos foram assim e assim. Faça tu também coisas boas que teu nome será lembrado na posteridade'. Na sequência, o líder dos poetas sobe num dos degraus do penpi e põe a cabeça no colo do rei. Passa para o degrau acima e põe sua cabeça no ombro direito do sultão e depois no esquerdo enquanto lhe diz algo em sua língua, e depois desce. Disseram-me que esse é um costume

²⁰⁰ VÉRAS, Bruno., 2015,. op. cit. p 100

antigo entre eles, anterior ao islã, que continuam a dar valor.”(Tradução nossa)²⁰¹²⁰²

Através de suas observações, é possível perceber que, embora o Islã tenha exercido uma influência significativa e estruturante sobre a sociedade malinesa, ele não substituiu por completo as tradições e práticas ancestrais. Essa coexistência e adaptação de elementos culturais revelam a dinâmica do Islã na região e fornecem insights sobre como o narrador fez escolhas seletivas na descrição de suas experiências.

Ibn Battuta destaca o papel central do Islã no Mali, que se manifesta em aspectos como a presença dos marabouts e a prática do sufismo. Contudo, suas observações também revelam uma persistente continuidade de práticas tradicionais africanas que coexistem com a nova ordem religiosa. Este fenômeno é evidenciado pela continuidade das práticas religiosas e culturais locais, que se entrelaçam com as crenças e rituais islâmicos. A presença de figuras religiosas que possuem baraka, a produção de talismãs e a influência das irmandades sufis são aspectos notáveis que se ajustam ao quadro do Islã regional, mas não substituem completamente as tradições locais.

A escolha de Battuta em relatar certos aspectos e omitir outros pode ser interpretada à luz de seu próprio ponto de vista cultural e religioso. Enquanto o narrador se concentra em aspectos da vivência islâmica que impressionam ou que considera dignos de nota, ele pode também ter omitido ou minimizado a descrição das práticas locais que poderiam ter sido vistas como contrastantes ou divergentes dos padrões islâmicos ortodoxos. Este viés na narração é um reflexo de sua própria perspectiva e dos objetivos comunicativos da obra.

Assim, as equipes que lidarem com esse documento podem ter acesso a essa percepção de que dentro do continente africano, o islã assume diferentes características assim como qualquer outra religião.

²⁰¹ BATTUTA, Ibn., 2010. op. cit. p. 1001

²⁰² Versão original: “El día de la fiesta, tras haber Dūgā concluido sus juegos, comparecen los poetas, a los que llaman Ŷūlā y en singular ŷālī. Cada uno de ellos se presenta dentro de una figura hecha con plumas semejantes a las del gorrión y con una cabeza de madera provista de un pico rojo a manera de ese mismo pájaro. Se plantan ante el soberano de esta guisa tan risible y recitan sus composiciones. Me contaron que los poemas son una especie de exhorto en el cual dicen al sultán: «ese penpi en que te sientas antes tuvo encima a tal rey cuyas hazañas fueron las siguientes y a tal otro cuyos hechos fueron así y así, por lo tanto haz el bien para que se recuerde por tu posteridad».”

Ao acertar a pergunta, o jogador recebe um reforço adicional por parte do Mansa, que, satisfeito com a conduta do jogador, disponibiliza soldados extras para auxiliá-lo. O jogador pode então escolher uma caravana adversária e atacá-la com 3 dados, aumentando suas chances de sucesso no ataque. Esta vantagem tática permite ao jogador exercer maior controle sobre o progresso dos adversários e potencialmente conquistar uma posição mais favorável no jogo.

3.4.8. O olhar estrangeiro equivocado de Battuta passando por Tombuctu

Em Tombuctu, temos o seguinte relato de Battuta:

"No canal, vi perto da margem dezesseis bestas enormes que me deixaram espantado. Pensei tratar-se de elefantes, que há aos montes por lá, mas logo vi que entraram no rio. Perguntei a Abu Bakr que animais eram aqueles e ele me respondeu: 'São os cavalos do mar que saíram para pastar em terra'. Eles são mais gordos que os cavalos, têm crina, rabo e cabeça semelhante ao dos equinos, mas as patas assemelham-se às dos elefantes. Noutra ocasião pude ver esses animais quando navegávamos pelo Nilo de Tombuctu a Kaw Kaw: nadavam n'água, levantando a cabeça e bufando. Os remadores ficaram assustados e levaram o barco até a margem. Os sudaneses recorrem a uma estratégia curiosa para caçá-los: usam lanças ocas dentro das quais amarram cordas, lançadas no pescoço ou no dorso do animal, que depois de atingido é puxado para a margem, onde os matam e comem sua carne. Na beira do rio há muitas ossadas desses animais." (Tradução nossa)²⁰³²⁰⁴

No episódio descrito, Battuta se depara com animais que inicialmente confunde com elefantes devido ao seu tamanho imponente e características visuais impressionantes. Contudo, ao ser informado por Abu Bakr de que se tratam de "cavalos do mar" — uma expressão local para o hipopótamo — ele é confrontado com uma realidade zoológica que desafia suas expectativas e conhecimentos prévios.

²⁰³ BATTUTA, Ibn., 2010 op. cit. p. 1006

²⁰⁴ Versão original: Una vez llegados al canal contemplé cerca de la ribera dieciséis bestias, de naturaleza enorme, que me dejaron asombrado y pensé que se trataría de elefantes, los cuales abundan por allá, pero luego vi cómo entraban en el río y dije a Abū Bakr b. Ya'qūb: «¿Qué animales son éstos?». Él me respondió: «Se trata de caballos de mar [sic] que salieron a pacer a tierra». Son más gruesos que los caballos, tienen crines y cola y las cabezas semejantes a las de los equinos, pero las patas se parecen a las del elefante. En otra ocasión pude ver a estos animales, cuando navegamos por el Nilo [sic] desde Tombuctú [Tumbuktu] hasta Kaw-Kaw [Gao]: nadaban en el agua, levantaban las cabezas y resoplaban, hasta el punto de que los remeros se asustaron y se acercaron a la orilla para no terminar hundiéndose. Por allá usan de una treta ingeniosa para cazarlos: disponen garrochas agujereadas por cuyos huecos se pasan sólidas cuerdas y con ellas golpean al hipopótamo. Si el golpe coincide con la pata o el cuello, lo enlazan y arrastran tirando de la soga hasta que llega a tierra, donde lo matan y comen su carne.“”

Essa confusão inicial de Battuta ilustra a dificuldade de interpretação que um viajante pode enfrentar ao encontrar faunas e práticas locais que não se alinham com seus conceitos prévios. A descrição dos hipopótamos como criaturas com características físicas parcialmente semelhantes aos cavalos e elefantes reflete a tentativa do viajante de compreender e categorizar o desconhecido com base em seu próprio repertório de referências culturais e naturais.

Para Rivair Macedo, esse estranhamento com o animal está dentro de uma tradição de cronistas que não eram da região da África Ocidental como o geógrafo andaluz Al-Brak no século XI ou Hasan ibn Muhammad al-Wazzan, conhecido como Leão o africano, no século XVI. Esses viajantes não conseguem compreender esses animais (e as formas de vivência da “Bilad al-Sudan”), devido ao filtro árabe muçulmano de suas visões constituídas, assim esse ser sempre parece algo estranho, quando na realidade é um animal admirado e respeitado pelas populações que viviam em volta do rio Níger.²⁰⁵

A reação dos remadores, que ficam assustados ao ver os hipopótamos nadando no Nilo e recorrem rapidamente à margem, sublinha o medo e a imprevisibilidade associados a esses animais na cultura local.

Além disso, a estratégia descrita para caçar os hipopótamos — utilizando lanças ocas com cordas para puxar os animais para a margem e depois matá-los — oferece um vislumbre das práticas tradicionais e do engenho dos sudaneses na interação com a fauna local.

Portanto, os estudantes podem aprender com esse relato sobre a importância da adaptação cultural e da interpretação contextual, a complexidade das práticas econômicas locais, e o impacto do conhecimento prévio na percepção do desconhecido. A análise desse relato oferece uma valiosa lição sobre a necessidade de considerar múltiplas perspectivas e contextos ao estudar e interagir com diferentes culturas.

Ao acertar a pergunta, a caravana do jogador não só se beneficia de um conhecimento essencial sobre os perigos do Rio Níger, mas também resulta em um ataque brutal contra os oponentes que não foram informados. Escolha uma das equipes adversárias para perder 3 pontos de vida. Esse benefício tático permite ao

²⁰⁵ MACEDO, José Rivair. Antigas sociedades da África negra. Editora Contexto, 2021.p.68-69

jogador enfraquecer significativamente seus concorrentes, aproveitando a vantagem adquirida para consolidar sua posição no jogo e avançar com maior segurança.

3.4.9. Local de Passagem: Sijilmassa e o comércio Caravaneiro

Em Sijilmassa, o relato que foi selecionado foi

""Ao retornar para Takada, encontrei um escravo do Saïd as-Siyilmasi que vinha com uma carta de nosso senhor, o Príncipe dos Crentes [Sultão de Fez], defensor da religião, que se apoia no Senhor dos mundos, mandando-me voltar à sua capital ilustre. Beijei a ordem e obedeci imediatamente. Adquiri dois camelos de montaria por trinta e sete meticais e um terço, preparando-me para partir para Tuwāt. Reuni provisões para setenta noites, pois entre Takada e Tuwāt não há trigo, mas há carne, leite azedo e manteiga que podem ser trocados por vestimentas. Saí de Takada na quinta-feira, onze de Saban do ano 754 H. [= 12 de setembro de 1353 d.C.] numa caravana enorme da qual tomavam parte Yafar at-Tuwati, homem muito distinto, e o alfaqui M. b. Abdallah, juiz de Takada. Conosco iam umas 600 escravas." (Tradução Nossa)²⁰⁶²⁰⁷

No relato de Ibn Battuta sobre seu retorno de Takada, o meio de transporte predominante era a caravana, composta por camelos, que eram essenciais para a travessia de longas distâncias no deserto. Os camelos, descritos como veículos de carga e montaria, desempenhavam um papel crucial na mobilidade e transporte de provisões e passageiros. A escolha de dois camelos de montaria por Battuta para sua viagem para Tuwāt reflete a prática comum de utilizar esses animais robustos para suportar as duras condições das rotas caravaneiras.

Um aspecto significativo do relato é a menção de uma caravana composta por aproximadamente 600 escravas. É importante notar que, para a sociedade do século XIV, homens como Battuta não viam problema nessa forma de trabalho, pela existência dessa forma de trabalho compulsório no continente (e em outras partes do mundo). Contudo, a escravidão de pessoas nas rotas caravaneiras estava atrelada a diversas demandas sociais do mundo muçulmano como reprodução e

²⁰⁶ BATTUTA, Ibn.2010. op. cit. p. 1016

²⁰⁷ Versão original: "Al volver a Takaddā encontré a un esclavo del ḥāỵ M. b. Sa'ïd aṣ-Ṣiyilmāsī que venía con una orden de nuestro señor el Príncipe de los Creyentes, defensor de la religión, que se apoya en el Señor de los mundos, mandándome volver a su egregia capital. Besé la orden y la obedecí al punto. Adquirí dos camellos de monta por treinta y siete meticales y un tercio, disponiéndome a salir hacia Tuwāt. Acopíé provisiones para setenta noches porque entre Takaddā y Tuwāt no hay trigo, pero sí carne, leche agria y manteca que se pueden trocar por vestidos. De Takaddā salí el jueves once de Ša'bān del año 754 H. [= 12 de septiembre de 1353 de J. C.] en una caravana enorme de la que formaban parte Ŷa'far at-Tuwātī —hombre distinguido— y el alfaquí M. b. 'Abdallāh, juez de Takaddā. Con nosotros viajaban unas seiscientas esclavas"

serviços domésticos e militares, assim não apresentar a lógica da escravidão, não citar a existência dela no mundo de Battuta, seria uma forma de cair na armadilha das “sociedades idílicas”, sem conflitos de um continente sempre vítima, sem complexidades e nenhum problema. Tal questão já foi apontada na discussão sobre positivação da história da África no primeiro capítulo.,

Logo, no texto base para o jogo, há uma parte totalmente voltada para a questão da escravidão, para que os jogadores façam a reflexão sobre como ela comum no continente, mas diferente da lógica colonial do tratamento do escravizado como objeto sem direitos nenhum, por isso foi escolhido utilizar o artigo 20 da Carta do Mande, que era uma constituição oral do Mali, criada ainda nos tempos de Sundjata Keitá²⁰⁸:

ARTIGO 20 - “Não maltrate os escravizados. Dê-lhes um dia de descanso por semana e faça-os trabalhar de maneira razoável. Somos donos dos escravos, mas não da sacola que ele está carregando.”²⁰⁹

A ideia é tentar gerar nos jogadores que lerem a carta base a ideia que havia escravidão no continente, mas ela diferente da lógica que se seguiu com a escravidão praticada por europeus sob africanos.

Ao obter a vantagem através do acerto de uma pergunta, o benefício se expande para incluir um elemento estratégico no jogo. O jogador, ao escapar de um perigo específico como os escorpiões em Takada, obtém a oportunidade de prejudicar seus adversários. Esta vantagem permite que o jogador escolha dois oponentes para retirar um ponto de vida, impactando diretamente a capacidade de sobrevivência e o progresso dos adversários. Essa capacidade de afetar a saúde dos oponentes não apenas fortalece a posição do jogador, mas também introduz uma dimensão de estratégia ofensiva que pode alterar a dinâmica da competição e proporcionar uma vantagem tática significativa na disputa.

3.4.10. A paixão de Battuta pela cidade branca de Fez

²⁰⁸Primeiro soberano da sociedade do Mali.

²⁰⁹ Kurufan Fuga – A Carta Mandinga (Técituras de 1998, Guiné). Disponível em: <https://terreirodegrios.wordpress.com/2020/08/15/kurufan-fuga-a-carta-mandinga-tecituras-de-1998-guine/>. Acesso em 28 de jul de 2024"

A descrição da cidade de Fez por Ibn Battuta revela um panorama impressionante da riqueza arquitetônica e cultural das cidades do Magrebe no século XIV:

Entre suas mais notáveis ações [do Sultão Abu Inane Faris]— que Deus o ajude — estão: a construção da Mesquita Nova na cidade branca [Fez], sede de seu ilustre reino, uma mesquita que se destaca por sua beleza, construção perfeita, luminosidade e disposição única; a construção da Madraça Maior no local conhecido como 'o Alcázar', próximo à alcáçova [forte militar] de Fez, que não tem igual no mundo habitado em termos de extensão, beleza, grandiosidade, quantidade de água e localização, a ponto de eu não ter visto entre as escolas da Síria, Egito, Iraque e Jorasan [no Irã] algo semelhante; a construção da Zagüía Maior, perto da “Piscina dos Grão-de-bico”, nos arredores da cidade branca, que também não tem rival pelo maravilhoso local em que se encontra e pela sua execução preciosa (Tradução nossa)^{210, 211}.

Segundo o relato de Battuta, o sultão Abu Inane Faris, uma figura de destaque na história de Fez, foi responsável por diversas obras de grande relevância, que ilustram a magnificência e sofisticação da cidade durante seu reinado.

A Mesquita Nova, erguida no coração da cidade branca de Fez, é apresentada como um exemplo notável de beleza e perfeição arquitetônica. Battuta descreve a mesquita como um edifício que se destaca não apenas pela sua construção impecável e luminosidade, mas também pela sua disposição única, refletindo um nível elevado de habilidade e estética na arquitetura islâmica. A descrição enfatiza a importância deste local não apenas como um espaço de culto, mas como um símbolo da grandiosidade do reino.

A madraça Maior, situada no Alcázar, próximo à alcáçova de Fez, é descrita com entusiasmo por Battuta, que a considera inigualável em termos de extensão e beleza. A grandiosidade e a quantidade de água disponível no local são destacadas, bem como a sua localização estratégica. Battuta compara a madraça favoravelmente com instituições educacionais de renome na Síria, Egito, Iraque e Jorasan, o que sugere que a madraça Maior se destacava como um centro de aprendizado de primeira linha e um marco cultural de Fez.

²¹⁰ BATTUTA, Ibn. 2010. op. cit. p. 970

²¹¹ Versão original: Entre sus más hermosas acciones —Dios le auxilie— se cuentan: la edificación de la Mezquita Nueva en la ciudad blanca [Fez], sede de su preclaro reino, mezquita que se distingue por su belleza, construcción perfecta, luminosidad y peregrina disposición; la construcción de la Madrasa Mayor en el lugar conocido por «el Alcázar» cerca de la alcazaba de Fez, sin igual en el mundo poblado en punto a extensión, belleza, grandiosidad, cantidad de agua y buen emplazamiento, hasta el extremo de que yo no he visto entre las escuelas de Siria, Egipto, Iraq y Jurāsān algo que se le parezca; haber erigido la Zagüía Mayor, junto a la Alberca de los garbanzos, extramuros de la ciudad blanca, que tampoco tiene rival por el maravilloso lugar en que se halla y por su preciosa ejecución. La más bella zagüía que yo vi en el Mašriq [oriente árabe] es la de Siryāqūš [Siryāqūs], construida por al-Malik an-Nāšir, pero ésta de Fez le aventaja en hermosura, perfección y buena construcción.

Além disso, a Zagüia Maior, localizada perto da "Piscina dos Grão-de-bico", é descrita como uma construção de execução preciosa e com um local maravilhoso, sem rival em termos de sua realização arquitetônica. Esta instituição religiosa adicional reforça a imagem de Fez como um centro de excelência espiritual e arquitetônica.

Para os estudantes, o relato de Battuta sobre Fez oferece uma valiosa oportunidade de compreender a riqueza e a complexidade da arquitetura e cultura das cidades do Magrebe. A descrição detalhada das edificações não apenas ilustra o nível de sofisticação alcançado por essas cidades, mas também proporciona uma visão sobre o papel central que as instituições religiosas e educacionais desempenhavam na vida urbana e cultural da região. Assim, a análise dessas construções pode ajudar a situar Fez dentro do contexto mais amplo da história e do desenvolvimento urbano islâmico, destacando a influência e a importância cultural das cidades do Magrebe na Idade Média.

3.4.11. Perguntas para acionar a vantagem dos Relatos

Aqui iremos somente colocar somente as perguntas necessárias para acionar a vantagem do relato

Esta vantagem só pode ser acionada uma vez. Com acerto de pergunta: Quando a vantagem é obtida por meio do acerto de uma pergunta, o benefício se amplia além da simples adição de recursos. A vantagem concedida é a capacidade de influenciar o jogo de maneira estratégica ao remover uma ação de um oponente na próxima rodada. Esta ação é particularmente significativa, pois permite que o jogador impacte diretamente o ritmo e as decisões dos adversários, reduzindo suas opções e potencialmente desestabilizando suas estratégias. Assim, a vantagem não só melhora a posição do jogador em termos de recursos, mas também oferece uma oportunidade de manobra estratégica que pode alterar a dinâmica do jogo e fortalecer sua posição competitiva.

Após ser respondida, ela não pode ser mais usada. Assim, confira na tabela abaixo, as dez perguntas dos relatos com suas respectivas respostas:

Tabela 2 - Perguntas e respostas das cartas de Relato de Ibn Battuta

Cidade	Pergunta e resposta
Marrakech	<p>Pergunta: Com base no relato sobre Marrakech, qual das seguintes afirmações é correta?</p> <p>A. Marrakech é conhecida por suas grandes mesquitas e mercados superiores a Bagdá.</p> <p>B. O minarete da mesquita Kutubiyyīn é imenso e permite uma vista panorâmica da cidade.</p>

	<p>C. A madraça de Marrakech foi construída por um príncipe da cidade de Bagdá.</p> <p>Resposta correta: 2. O minarete da mesquita Kutubiyyīn é imenso e permite uma vista panorâmica da cidade.</p>
Fez	<p>Pergunta: Com base no relato sobre o Sultão Abu Inane Faris e suas construções em Fez, qual das seguintes opções é correta?</p> <p>A. A madraça Maior foi construída perto da “Piscina dos Grão-de-bico” e é conhecida por sua pequena dimensão e localização simples.</p> <p>B. A Mesquita Nova se destaca por sua beleza e construção perfeita, enquanto a madraça Maior é notável por sua extensão, beleza, grandiosidade e localização.</p> <p>C. A Zagüia Maior foi construída no local conhecido como 'o Alcázar' e é famosa por sua localização próximo à alcáçova.</p> <p>Resposta correta: 2. A Mesquita Nova se destaca por sua beleza e construção perfeita, enquanto a madraça Maior é notável por sua extensão, beleza, grandiosidade e localização.</p>
Sijilmassa	<p>Pergunta: A partir do relato de Ibn Battuta em direção a Sijilmassa, o que podemos concluir sobre a rota caravaneira?</p> <p>A. A rota caravaneira transaariana era usada exclusivamente para o transporte de mercadorias, como trigo e especiarias, sem envolvimento significativo de pessoas escravizadas.</p> <p>B. A rota caravaneira transaariana servia para transporte de pessoas escravizadas para diversos lugares do mundo muçulmano.</p> <p>C. A rota caravaneira transaariana era predominantemente usada para a troca de camelos e outras montarias entre as cidades do Saara.</p> <p>Resposta correta: 2. A rota caravaneira transaariana servia para transporte de pessoas escravizadas para diversos lugares do mundo muçulmano.</p>
Tagaza	<p>Pergunta: A partir do relato de Ibn Battuta sobre Tagāzà, o que podemos concluir sobre a economia local e a utilização do sal?</p> <p>A. A economia local de Tagāzà é baseada principalmente na agricultura e na troca de grãos por sal, com o sal sendo usado apenas como um recurso de baixo valor.</p> <p>B. Em Tagāzà, o sal é um bem valioso e central na economia local, sendo utilizado como moeda e trocado por milho, e sua importância é destacada pela forma como é transportado e negociado.</p> <p>C. Em Tagāzà, o sal é utilizado apenas para a construção de edifícios e não possui valor econômico significativo na troca de bens.</p> <p>Resposta correta: 2. Em Tagāzà, o sal é um bem valioso e central na economia local, sendo utilizado como moeda e trocado por milho, e sua importância é destacada pela forma como é transportado e negociado.</p>
Kilwa	<p>Pergunta: Como Ibn Battuta se diferencia dos habitantes da região, nomeados de Zanje, em seu relato?</p>

	<p>A. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao comparar suas práticas comerciais, afirmando que eles utilizam o sal como moeda em vez de ouro.</p> <p>B. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao mencionar que eles vivem em casas de madeira, enquanto ele preferiria residir em construções de pedra.</p> <p>C. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao descrever a cor de pele e as escarificações faciais que eles possuem, enfatizando suas características físicas distintas.</p> <p>Resposta correta: 3. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao descrever a cor de pele e as escarificações faciais que eles possuem, enfatizando suas características físicas distintas.</p>
Mogadíscio	<p>Pergunta: De acordo com o relato de Ibn Battuta sobre Mogadíscio, como é demonstrada a hospitalidade na cidade?</p> <p>A. Os rapazes de mogadíscio recebem os navios no porto com grandes festas e oferecem camelos e ovelhas como presentes de boas-vindas.</p> <p>B. Os comerciantes de Mogadíscio são conhecidos por oferecerem generosos descontos em tecidos aos visitantes que chegam ao porto.</p> <p>C. Os homens de mogadíscio demonstram hospitalidade ao receber os navios com pequenas embarcações chamadas şunbūq, nas quais jovens oferecem pratos de comida aos recém-chegados, designando um hóspede para cada comerciante do navio.</p> <p>Resposta correta: 3. Os homens de mogadíscio demonstram hospitalidade ao receber os navios com pequenas embarcações chamadas şunbūq, nas quais jovens oferecem pratos de comida aos recém-chegados, designando um hóspede para cada comerciante do navio.</p>
Cairo	<p>Pergunta: Battuta, mesmo não sabendo muito sobre as pirâmides e caracterizando-as como uma obra anterior ao Dilúvio, aponta um aspecto correto sobre as pirâmides:</p> <p>A. Para que fossem depósito das ciências e também túmulo dos cadáveres reais.</p> <p>B. Que são construídas com uma base circular e uma cúspide estreita.</p> <p>C. Que foram erguidas apenas para exibir riqueza e poder dos reis egípcios.</p> <p>Resposta correta: 3. Para que fossem depósito das ciências e também túmulo dos cadáveres reais.</p>
Granada	<p>Pergunta: A partir da descrição de Granada feita por Ibn Battuta, qual é a característica mais destacada da cidade?</p> <p>Sua extensão é abrangida por hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos, criando um ambiente verdejante e fértil.</p> <p>A cidade é conhecida por seu famoso rio Genil e muitos outros cursos de água.</p> <p>Granada é uma cidade extensa, mas é principalmente notável por seus vinhedos e hortas.</p>

	Resposta correta: .Opção 1 Sua extensão é abrangida por hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos, criando um ambiente verdejante e fértil.
Capital do Mali	<p>Pergunta: Para Ibn Battuta, por que toda a demonstração dos dughas e poetas em Mali era considerada estranha?</p> <p>A. Pois, os poetas recitavam apenas em uma língua incompreensível para Ibn Battuta.</p> <p>B. Pois, as práticas eram realizadas com objetos e símbolos que ele não reconhecia.</p> <p>C. Pois, eram práticas anteriores ao Islã.</p> <p>Resposta correta: .Opção 3 Pois eram práticas anteriores ao Islã.</p>
Tombuctu	<p>Pergunta: A partir do relato de Ibn Battuta sobre o "cavalo do mar" no rio, qual das seguintes interpretações está correta?</p> <p>A. Os animais avistados por Battuta eram elefantes que ele confundiu com cavalos do mar devido ao seu tamanho imponente.</p> <p>B. Os animais avistados eram hipopótamos, conhecidos localmente como "cavalos do mar", e foram descritos com base nas características físicas que impressionaram Battuta.</p> <p>C. Os hipopótamos foram avistados apenas uma vez e não têm importância significativa para as práticas locais de caça.</p> <p>Resposta Correta: Os animais avistados eram hipopótamos, conhecidos localmente como "cavalos do mar", e foram descritos com base nas características físicas que impressionaram Battuta.</p>

Fonte - Elaborada pelo próprio autor

3.5. O texto base de Ibn Battuta

Nesta seção iremos apresentar o texto base que toda equipe deverá carregar, onde estarão apresentados informações básicas sobre Ibn Battuta, suas viagens, informações sobre o Islã e o mundo muçulmano da época, fora algumas observações para os viajantes sobre cuidados que deverão ter com os relatos do viajante e como ele descreveu a sociedade.

Depois colocaremos as cinquenta perguntas que podem ser usadas dentro da dinâmica do jogo, onde as equipes podem pedir para responder uma pergunta baseadas unicamente nas informações apresentadas no texto, pois a ideia é que não seja necessário nenhuma aula ou informação prévia para jogar, pois entendemos que o jogo pode funcionar sozinho sem a necessidade de sequências didáticas anteriores.

Tabela 2 - Texto base para equipes consultarem jogo

<p>Nos Caminhos de Battuta: Embarque na Aventura!</p>
<p>Olá, exploradores! Prontos para uma jornada incrível seguindo os passos de Ibn Battuta, o famoso viajante? Preparem-se para explorar cidades antigas da África e descobrir como era o mundo no tempo deste grande aventureiro. Vamos lá!</p> <p>Quem foi Ibn Battuta?</p> <p>Conheçam Ibn Battuta al-Luwati at-Tanjī, ou simplesmente Ibn Battuta! Ele nasceu em 1304 na cidade de Tânger, no noroeste do que hoje é Marrocos. Na sua época, Tânger era governada pela dinastia Merínida. Battuta vinha de uma família de estudiosos muçulmanos e, por sua formação e riqueza, tornou-se um “Qadi”, que é um juiz que julga com base nas leis do Islã. Com apenas 22 anos, ele decidiu fazer a grande peregrinação até a cidade de Meca, em junho de 1325, e a partir daí começou uma jornada fantástica que duraria 29 anos!</p> <p>Você sabia?</p> <p>Ibn Battuta viajou por impressionantes 120.000 quilômetros! Isso é mais do que a circunferência da Terra! Ele explorou terras que hoje fazem parte de 44 países diferentes. Foi tão longe que chegou na China. Que aventura, não é? Em suas aventuras ele enfrentou diversos perigos como tempestades de areia, nevascas, serpentes, os riscos do deserto, pandemias mortais, saqueadores, guerras religiosas.</p> <p>O Caminho das Caravanas</p> <p>Embarque em uma jornada pelos caminhos das caravanas e descubra cidades essenciais como Marrakech, Fez, Sijilmasa, Tagaza, Timbuktu, a capital do Mali, Cairo, Mogadíscio e Kilwa. Cada uma dessas localidades desempenhou um papel crucial nas viagens de Ibn Battuta e oferece uma rica tapeçaria de histórias e culturas.</p> <p>Conheça o Básico sobre o Islã</p> <p>O Islã é uma religião que acredita na existência de uma divindade absoluta e única chamada Alá, centrada num livro sagrado Alcorão, nos ensinamentos do profeta Muhammed (Maomé). Com aproximadamente 1,9 bilhão de seguidores, o Islã é a segunda maior religião do mundo. Os muçulmanos acreditam que o Islã é a versão completa e universal de uma fé primordial, revelada através de profetas como Adão, Abraão, Moisés e Jesus. O Alcorão é considerado a palavra literal de Deus, e Maomé é visto como o último profeta, cuja vida e ensinamentos (suna) são um guia para os muçulmanos.</p> <p>Você sabia?</p> <p>Os Cinco Pilares do Islã são: a profissão de fé (shahada), as orações diárias (salah), a caridade (zakat), o jejum no mês do Ramadã (sawm), e a peregrinação a Meca (hajj). Esses atos de adoração são fundamentais na vida de cada muçulmano.</p> <p>Mundo Muçulmano e Dar al-Islam</p>

No Islã, o termo "Dar al-Islam" refere-se a territórios onde a lei islâmica (charia) é aplicada. É uma parte da divisão tradicional do mundo, que inclui o Dar al-Harb ("terra de guerra"), representando territórios fora do controle muçulmano. Historicamente, havia também o Dar al-Muahadah ("terra de tratado"), territórios com acordos de paz com as terras do Islã.

O Olhar de Battuta

Lembre-se, exploradores! Os relatos de Ibn Battuta são como uma janela para o passado, mas eles são contados do ponto de vista de um homem muçulmano do Magrebe (norte da África). Battuta estava mais interessado em narrar suas experiências do que em refletir criticamente sobre elas. Ele usava suas histórias para mostrar o mundo do seu jeito, e isso pode influenciar como ele descreveu as pessoas e os lugares que encontrou.

Como Battuta nos conta seus encontros com "outros"

Durante o jogo você encontrará relatos de Battuta de suas viagens. Observe que Battuta tende a não estranhar locais onde a religião do Islã já estava presente a mais tempo, como em Fez, Marrakech, Cairo. Mas, em locais como Kilwa e Mogadíscio, Mali ou na Capital do Mali, Battuta sempre fez questão de apontar a cor daquelas pessoas como algo diferente da dele. Por quê? Battuta se enxerga como "Bidan", termo em árabe para branco. Tanto que era comum o uso de "Bilad al-Sudan" (Terra dos negros) para as terras que ficavam a sociedade do Mali.

Quando ele encontra pessoas negras, ele usa o termo "Sudan", que significa "negro", o termo "Zanj" também é usado para negros que não muçulmanos e "Limi" para povos que ele considerava pagãos e canibais, como o povo ioruba da cidade de Ifé, que são responsáveis por terem trazido o culto dos orixás para o Brasil.

As mulheres no relato de Battuta

Battuta vivia numa sociedade de cultura bastante patriarcal, ou seja, onde o homem tinha prioridade em cargos de poder, por isso Battuta cita pouquíssimo mulheres em sua viagem ou estranha mulheres em cargos de poder, como em sua passagem no Mali, onde descobre que o Mansa dividia seu poder com a Kasa, a mulher com que havia casado.

Algumas confusões geográficas de Ibn Battuta na África

Tome cuidado com certos apontamentos de Ibn Battuta em seus relatos, pois na época de nosso viajante, o mundo muçulmano não cobria todo continente. Assim, Battuta em alguns momentos faz algumas confusões, como achar que está navegando o famoso rio Nilo, lá próximo do Egito. Na realidade nosso viajante estava viajando no Rio Níger, do outro lado do continente.

A escravidão nas rotas Caravaneiras

Enquanto explora as aventuras de Ibn Battuta, você pode se deparar com a palavra "escravo". A escravidão foi uma realidade em muitas sociedades ao longo da história, e na África não foi diferente. No mundo muçulmano, não era permitido escravizar outros muçulmanos, mas a escravidão de não-muçulmanos era comum.

No caminho para Sijilmassa, Battuta se depara com uma caravana impressionante – e triste – composta por 600 mulheres escravizadas, que seriam vendidas para trabalhar nas casas ou nas cortes reais.

A escravidão também era praticada em várias sociedades africanas, como no Mali, onde as pessoas escravizadas poderiam servir tanto ao governo quanto a famílias privadas. No entanto, existiam leis para protegê-las, como a Carta do Mande de 1235. Um de seus artigos dizia:

ARTIGO 20

“Não maltrate os escravizados. Dê-lhes um dia de descanso por semana e faça-os trabalhar de maneira razoável. Somos donos dos escravos, mas não da sacola que ele está carregando.”

Essa lei mostra que, mesmo em tempos antigos, havia preocupações com o tratamento justo dos escravizados.

O Fim das Jornadas de Ibn Battuta

Quando Ibn Battuta voltou a Fez em 1354, o sultão do Marrocos pediu que ele contasse suas histórias de viagem. Para isso, um jovem escritor chamado Ibn Juzzay foi contratado para registrar suas aventuras em um livro chamado “Rihla”. Ibn Battuta morreu entre os anos de 1368 e 1369, e hoje há uma sepultura não confirmada em Tânger que alguns acreditam ser a sua.

Fonte - Elaborada pelo próprio autor

3.5.1 As cinquenta perguntas do texto base

Optamos por apresentar as 50 perguntas no formato de figura para otimizar a organização espacial do texto. Essa abordagem permite uma visualização clara e eficiente do conteúdo, facilitando a referência rápida e a análise das questões, além de evitar a sobrecarga de informações no corpo principal do texto.

Todas as perguntas colocadas são baseadas no material “*Texto básico das caravanas*”²¹², que todo grupo deverá ter e pode ser lido em qualquer momento do jogo.

Em qualquer momento alguém da equipe poderá estudá-la, para se preparar para as futuras ações do jogo e pode ser consultada nos apêndices deste trabalho em toda sua integridade.

Ao acertar a resposta de uma das perguntas, a caravana pode escolher um recurso em dobro para ganhar, caso erre, passa a vez.

3.6 Explorar os objetivos do jogo

²¹² APÊNDICE A

Após a exposição das mecânicas do jogo, suas regras e as cartas apresentadas, pode-se então fazer alguns apontamentos sobre as experiências que são oferecidas ao se jogar com as informações que são oferecidas às equipes.

Primeiramente, fica evidente toda a característica deste produto pedagógico ter todo um foco em História da África, mesmo tendo pequenos elementos que escapem à realidade do continente, como a cidade de Granada ou citações a locais da Ásia, estão conectados à experiência e olhar de um viajante africano, que apresenta sua forma de olhar, influenciada pelos valores do islã.

Em um primeiro momento, o jogo parece ter um fim em si mesmo, em uma redoma histórica, mas todo movimento gerado pelo jogo colocar os estudantes diante das realidades da história de um continente que ainda está conquistando seu espaço nos currículos e livros didáticos, porém as dinâmicas que estudantes terão ao jogar apresentam uma proposta de aventura em meio a diferentes problemas daquela sociedade, como conflitos e escravidão e ao mesmo tempo, oportunidades de esbarrar em soberanos, cidades antigas, construções da mais variadas arquiteturas e olhares diferentes sobre assuntos atuais.

O objetivo com esse jogo era fugir ao máximo de simplificação das relações africanas, para não reproduzir lugares comuns sobre africanos e reforçar uma educação para relações étnico raciais que:

constitui uma ferramenta necessária e importante para o rompimento com o preconceito racial que perpassa as práticas sociais. Nesse sentido, argumentamos que a História tem como papel contextualizar, problematizar e desnaturalizar as narrativas produzidas pela sociedade e pela própria escola, que tem o desafio de trabalhar com a diversidade sociocultural, a partir de um currículo multicultural²¹³.

Entendemos que este protagonismo de história da África no jogo é uma método que oportuniza tanto aos jogadores quanto ao professor centralizar as complexidades daquilo que Ibn Battuta nos deixou relatado, porém sem cair na vitimização de africanos, reforçando um olhar racista sobre a história do continente.

As cartas das cidades e as cartas de personalidade são formas do estudante perceber ao mesmo tempo a riqueza e diversidade cultural que o continente oferece, mas, ao mesmo tempo, perceber que existiam diferenças sociais que tinham um peso na vida das pessoas. Assim como as desvantagens das cidades também

²¹³ BARBOZA, Adinaly Pereira; DE CARVALHO FREIRE, Eleta., 2023. op. cit.p.199

colocar o estudante diante de problemas como pandemias ou assaltos que ajuda o estudante a aproximar sua realidade daquela que o jogo descreve, pois o impacto da pandemia de covid-19 ainda é sentido na realidade escolar é possível fazer conexão com a pandemia de Peste bubônica que aparece em uma das cartas.

Além das cartas já citadas, os estudantes e o professor tem contato com o texto básico que oferece algumas pistas para pensar questões que são atuais, como o pouco espaço que Ibn Battuta reserva para as mulheres. em seus relatos ou a forma como o viajante explora a ideia de diferenças culturais a partir da cor da pele, quando usa termos como “Negro” (Sudan) ou “Zanj”, para demonstrar diferenças culturais.

Estes temas são formas de deixar o estudante refletir como a complexa realidade africana vai muito além de grandes narrativas de impérios e reinos, que geralmente aparecem nos livros didáticos.²¹⁴. E isso é um ponto importante do jogo, pois tentamos não utilizar os termos “reinos” e “impérios”, pois não queremos reproduzir a lógica de conceitos eurocêntricos para sociedades que se organizam de formas diferentes.

São outras lógicas que são operadas dentro do jogo, pois a sala de aula é um local que serve às novidades que nem sempre os estudantes terão fora da escola, como sociedade que não eram nem reinos nem impérios, e sim outra forma de sociedade e que estavam na África. Queremos nos distanciar de leituras eurocêntricas, pois como Fannon aponta *“então é preciso inventar, é preciso descobrir. Se quisermos responder às expectativas de nossos povos, é preciso buscar em outro lugar que não a Europa”*²¹⁵

²¹⁴ OLIVA, Anderson Ribeiro. Lições sobre a África: abordagens da história africana nos livros didáticos brasileiros. Revista de história, n. 161, p. 213-244, 2009.

²¹⁵ FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p.327

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar este trabalho, podemos retornar ao problema de pesquisa que foi proposto na introdução, ao se propor um jogo como ferramenta pedagógica para uso em sala de aula na temática de ensino de História da África.

Quais seriam as possibilidades que o jogo “Nos caminhos de Ibn Battuta” oferecem para o ensino de história da África? Para responder esse questionamento, preciso retomar minha trajetória na escrita da dissertação e confecção do jogo.

Durante a pesquisa deste trabalho, durante as disciplinas do profhistória, precisei adentrar em leituras que abordassem o tema que eu queria, principalmente nos debates intelectuais que envolvem história da África e formas de refletir sobre o passado e a herança africana na realidade em que vivo enquanto educador, por isso as leituras de Paul Gilroy e Michel Trouillot me possibilitaram ter apoio teórico para desenvolver o necessário cuidado em trabalhar o passado africano de maneira positiva, sem deixar de lado suas complexidades e diversidades culturais, sociais e econômicas, de maneira que seja possível entender as diversas nuances que a história do continente pode ofertar..

Em meio a isso, refleti com múltiplas leituras sobre ensino para as relações étnico-raciais, que acabaram sendo vitais na compreensão do que está em jogo com essa dissertação, pois a ideia inicial não oferecia espaço para as complexidades necessárias para lidar com as experiências que Ibn Battuta traz em seus relatos.

Portanto, ao adentrar na literatura sobre ensino de história, ensino para relações étnico-raciais e jogos como forma de ensino de história, permitiu-me pensar e desenvolver melhor sobre objetivos que tinham mente para este trabalho e para o produto final que é o jogo.

Expostas tais considerações, as possibilidades que o jogo oferece são diversas e pretendo expô-las como forma de fechamento nessa conclusão.

Uma delas é simplesmente a oportunidade de oferecer aos estudantes uma narrativa feita a partir de um africano, observando as dinâmicas de lugares da África. Na realidade, Ibn Battuta não é o protagonista aqui nem o islã, que aparece massivamente no trabalho e no jogo, mas sim o continente africano, presente em diversos relatos, complexidades e nas particularidades das cidades e suas características que o jogo coloca como parte da dinâmica de ações, que podem

ajudar, atrapalhar, sempre baseadas em características delas que foram encontradas e exploradas nas leituras da Rihla de Battuta.

Não se deve subestimar o poder que estudantes têm para perceber que o jogo seja apenas mais uma aula de história, pois muitos que jogarem no futuro estarão de frente com novidades que podem marcar definitivamente seus olhos sobre a história da África do período que é abordado no jogo e que outras gerações do ensino brasileiro nem arranharam.

Outra possibilidade está mais ligada à natureza do meio que se propôs o ensino de história da África: o jogo. Não há só tabuleiro, é oferecido movimento em sala de aula, é preciso reconfigurar a sala para o jogo, é preciso cooperação e trabalho em equipe, é necessária atenção aos movimentos dos colegas para pensar nas estratégias e mobilizar os saberes que estão em jogo.

Organizar uma turma ou um grupo de pessoas para jogar “Nos caminhos de Battuta”, é deixar aberta uma porta de entrada para o contato com conhecimentos que a experiência oferece e seus objetivos lúdicos, sendo aqui mais importante a possibilidade de estudantes se organizarem de maneira que necessitem trabalhar em grupos buscar cooperação tanto para jogar, para aprender, mas conviver nesse “círculo mágico” que as regras de um jogo promovem.

Estou em sala de aula há quase uma década e refletir sobre minha prática, também adentrar mais em conteúdos que são importantes pessoalmente para minha trajetória, imaginar que isso poderia oportunizar um jogo lotado de possibilidades de aprendizado e dinâmicas é mais um incentivo para não desistir de acreditar no poder mobilizador que ensino e pesquisa de história oferecem.

Na infância, vivia me perguntando durante as aulas de história, diante de aulas eurocêntricas e fadadas à reprodução de um pessimismo sobre africanos, como era a vida das pessoas que vinham da África? Por que não havia esse espaço em sala de aula para isso? Talvez esse tenha sido o principal combustível para se tornar professor de história e buscar essas respostas.

Mas, e agora? Atualmente, vivemos um momento totalmente diferente de vinte anos atrás, pois há todo um amparo dado por legislação que respalda quem está decidido em trabalhar história da África e ERER. É o suficiente? Com certeza não, pois em tempos de avanços de visões obscurantistas pairando a área da educação, cada vez mais essas conquistas de movimentos sociais, e principalmente

dos movimentos negros, deverão ser encapadas, discutidas e aperfeiçoadas para receber mais demandas de EREER, como é caso da DCNERER que pode receber um maior espaço para outras necessidades étnicas de nosso ensino, principalmente as questões indígenas, mas também de romanis e asiáticos.

Encerro estas considerações, provocando a imaginação do leitor ao refletir sobre o que as próximas gerações de estudantes questionarão em sala de aula sobre a história do continente africano, quais serão os desafios que nós que estamos em sala de aula enfrentaremos e oportunizaremos?

Tudo isso, com certeza, contará com cada vez mais ferramentas pedagógicas para nos auxiliar nesses desafios e, por que não, enxergar as possibilidades que jogos que trazem, sendo mais uma maneira de enriquecer o ensino história da África na busca por se distanciar do simplismo nefasto da reprodução eurocêntrica e buscar estar mais próximo de novos olhares, novas vivências e experiências diante de um imenso passado que tem muito ainda para contribuir aos nossos saberes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 267-290, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882008000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 mar. 2023.

ADAME, Nel. O estudo da história africana : Ubuntu e cuidado de si para as relações étnico-raciais Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Vitória, 2021. Disponível em <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2135> Acesso em 03 de dez 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: Gonçalves, Marcia de A.; Rocha, Helenice Ap. de B.; Resnik, Luís; Monteiro, Ana M. F. da C. (Org.) Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 328p.

ANTONI, Edson; ZALLA, Jocelito. O que o jogo ensina: práticas de construção e avaliação de aprendizagens em História. In. PEREIRA; GIACOMONI, Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013.p.113.

ARAÚJO, Maria Bethânia de. História da África e dos africanos no ensino fundamental: análise de uma abordagem didática. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2018.

BARBOZA, Adinaly Pereira; DE CARVALHO FREIRE, Eleta. O jogo na (re) educação das relações étnico-raciais: que história é essa?. *Revista História Hoje*, v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1015/523> Acesso em 30 de Jul de 2024.

BATTUTA, Ibn. *At Través del Isla*. Trad. Serafín Fanjul & Federico Arbós. Titivillus ePub base r1.2. 2010.

BISSIO, Beatriz. As viagens e suas narrativas no Islã medieval. *Revista Litteris: Dossiê Estudos Árabes-Islâmicos*, [S.l.], v. 4, edição quadrimestral, p. 14-20, 2010.

BRASIL. .BNCC–Base Nacional Curricular Comum. Brasília: SEE, 2017c. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc> Acesso em: 30 jul. 2024.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, SECADI, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/122-secadi/30146-diretrizes-curricu>

lares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana. Acesso em: 15 fev. 2023.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. Ensinar história para uma educação antirracista campo de lutas pelas memórias silenciadas. ZARBATO, Jaqueline; RODRIGUES Jr., Osvaldo. Guerras de narrativas em tempos de crise: ensino de história, identidades e agenda democrática. Cáceres, MT: Unemat, 2021, p. 47-64. Disponível em: <https://is.gd/OfWgfm>. Acesso em: 15 jan . 2024.

FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p.327.

FERRO, Marc. A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação/ Marc Ferro: Tradução de Wladimir Araújo., São Paulo: IBRASA, 1983.

FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender. In: GIACOMONI, Marcello Paniz. PEREIRA, Nilton Mullet. (Organizadores) Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. p.47-71, p.50. 30 Ibidem, p.59.

FRIAS, Sônia. Fatima al-Fihri: um retrato possível da fundadora da Universidade Qarawiyyin em Fez. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, n. 32, p. 177-182, 2014.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2019.

GIACOMAZZI, Gabriel dos Santos. do Kitāb al-Zunūj e do Kawkab al-Durrīyah al-Aḥbār Ifrīqīyah de al-Bawrī (c. 1890-1913). 2022 .Revista Aedos 14 (31), 10-28 Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/119218> Acesso em 29 de Jul de 2024.

GIACOMONI, Marcello Paniz. Construindo jogos para o Ensino de História. In: GIACOMONI, PEREIRA, 2013, p.107.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro brasileiro como ator político. In: _____. O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____, N. L. Relações étnico-raciais: educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

HALL, Bruce S. A History of race in Muslim West Africa, 1600-1960. Nova York: Oxford University Press, 2011, p. 35.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KI-ZERBO, J. Introdução Geral. In: História Geral da África (volume I): Metodologia e pré história da África. Brasília: Unesco, 2010.

LEME, Elaine Cristina Senko. UMA ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA

“AS MIL E UMA NOITES”. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Volume 8, Número 14, janeiro-junho de 2018.

LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Tradução Regina AR Bhering e Luiz Guilherme B. Chaves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.p. 44.

LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos. In: Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África. Lisboa: Linopazas, 1995. p. 21-29.

MACEDO, José Rivair. “A viagem ao Mali na Rihla de Ibn Battuta” in MACEDO, José Rivair. Viajando pela África com Ibn Battuta: Subsídios de Pesquisa. Porto Alegre: Vidrágua, 2010.

_____; MARQUES, R. “Uma viagem ao Império do Mali: o testemunho da Rihla de Ibn Battuta”. In: Ciências & Letras: Revista da Faculdade Porto-alegrense (Porto alegre), nº 44, pp. 17-34, 2008.

_____. História da África. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 2015. p.46.

_____. Antigas formações sociais mandingas da África ocidental: introdução histórica, seguida de uma versão em português do Tarikue Sudan, com anotações e índice. Porto Alegre: EST, 1998.

_____. Introdução à história da África. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. O “reino cristão do Canem” na Rihla de Ibn Battuta. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH (Associação Nacional de História), São Paulo, 2011. p. 1-9. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1301603020_ARQUIVO_3ANPUH_SPjrv2.pdf. Acesso em 03 mar. 2023.

MAESTRI, Mário. Tarikue Sudan – História dos Negros: Texto Traduzido. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MENDES, Mariana Rocha; SANTOS, Aline Moreira dos. Uma introdução ao estudo das memórias africanas através do jogo Ilha do Boi. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 15, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/72876> Acesso em 30 de Jul de 2024.

MEINERZ, C.B. Jogar com a História na sala de aula. In: GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. Jogos e ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p.73 Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174705/001065511.pdf?sequence=1> Acesso em 24 de Jul de 2024

MOREIRA, Eduardo França. Jogos teatrais na escola: o direito de jogar. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MOURA, José Carlos de. O negro: de bom escravo a mau cidadão? São Paulo: Moderna, 1993.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Cibele C. L. Narrativas orais do Sudão ocidental na obra de Abderrahman al Sadi. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiart/article/view/2500>. Acesso em 19 abr. 2024.

_____. Terra de ninguém: identidade social e escravidão nas crônicas de al-Sa'dī (séculos XVI e XVII). 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/Ww96LPxGb7cWnSxxhjGzyFp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 19 abr. 2024.

PEREIRA, Nilton Mullet. O lugar do jogo na História: entre o cotidiano e o lúdico. In: PEREIRA; GIACOMONI, Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

PESSANHA, Eliana B. de S.; PEREIRA, Mateus B. de Souza. História e ensino de História. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013.

REIS, Liana Machado. História da África e currículo escolar: desafios e possibilidades para a educação antirracista. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 41, nº 114, p. 99-118, mai-ago, 2021.

SILVA, Ana Cláudia da. Ensino de história da África na educação básica: tensões entre a produção acadêmica e a legislação brasileira. Cadernos CEDES, Campinas, v. 41, n. 114, p. 119-138, maio/ago. 2021.

SILVA, Fernando Benedicto da. Decolonialidade e Cadernos CEDES: o caso da história e da cultura afro-brasileira e africana. Cadernos CEDES, Campinas, v. 39, n. 107, p. 211-230, jan./abr. 2019.

THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo atlântico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VASCONCELOS, Antônio; MELO, Lair. O uso de jogos de tabuleiro no ensino de História: apontamentos teórico-metodológicos. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 40, nº 110, p. 263-281, maio-ago, 2020.

VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. Tradução de Thais C. W. Grinberg. São Paulo: Corrupio, 2019.

Material com Regras do jogo:

Ações: As equipes podem realizar uma das seguintes ações:

1. Atacar: Desafiar outra equipe para "roubar" um recurso.
 - O Desafiante pode jogar dois dados e o desafiado joga um
 - Diminua o resultado dos dois dados pelo único dado jogado e você saberá quem foi o derrotado. Quem perdeu a disputa, tem o resultado descontado dos pontos de vida.
 - Caso o desafiante ganhe, escolhe um recurso para pegar do adversário.

2. Responder uma Pergunta:
 Responda a uma pergunta do texto base. Se ACERTAR, ganha um recurso de sua escolha (1 kg de sal, 1 metical de ouro, ou 1 litro de água). Se ERRAR, a equipe perde 1 ponto de vida. Há o tempo de UM MINUTO para responder. Caso, o tempo se esgote, termina a ação sem prejuízos.

3. Avançar para a Próxima Cidade: Para avançar para a próxima cidade, a equipe deve pagar:
 2 litros de água 2 metical de ouro 2 kg de sal

4. Passar a vez:
 Caso a equipe não queira gastar recursos nem exercer movimentos, pode passar a vez. Equivale a ficar um tempo na cidade que a Caravana está.

5. Rifaagem de dados na cidade:
 Personalidade Histórica, Relato de Battuta, ou Desvantagem.
 Para usar uma delas, a equipe deve jogar um dado de seis lados:
 - 1 a 2: Personalidade Histórica (Ganhe uma vantagem)
 - 3 a 4: Relato de Battuta (ganhe uma unidade de recurso, mas se a equipe quiser, poderá pedir para reponder uma pergunta sobre o relato. A equipe terá UM MINUTO para responder. Caso acertar a pergunta, escolha uma vantagem para usar contra outra caravana. Depois de respondida, nenhuma equipe pode usar novamente, mas poderá pegar a vantagem simples da carata)
 - 5 a 6: Desvantagem (A equipe sofrerá alguma penalidade)

Vamos Iniciar o Jogo?

Cada equipe deverá começar de uma cidade aleatória, para se poder iniciar o jogo e na primeira rodada, se inicia distribuição de recursos.



Nos Caminhos de Battuta - Regras do jogo

Objetivo do Jogo:

Jogadores e jogadoras devem tentar levar suas Caravanas (equipes) através de 10 cidades históricas na África e na Península Ibérica por onde o viajante Ibn Battuta passou em suas viagens, coletando recursos e explorando as características culturais e históricas de cada local.

A equipe vencedora será aquela que tiver o maior número de cidades visitadas ou recursos ao final do jogo. Se o empate persistir, vence a equipe com mais mesticais de ouro.

Estrutura do Jogo:

Número de Rodadas: Máximo de 10 rodadas (alterável, caso seja necessário)

Número de Cidades: 10 cidades.

Número de Recursos Iniciais (na 1ª rodada) por Equipe:

- 1 kg de sal
- 1 metical de ouro
- 1 litros de água

Mapa do jogo:

- O jogo tem um mapa com a localização de cada cidade presente no jogo, tendo sempre um ponto na cor preta para simbolizar que ali devem ser colocadas os totens das caravanas. Este mapa deverá ficar no meio da sala de aula, onde serão jogados dados de ações em ocasião de disputa entre equipes e também onde as trocas da Medina.

Totens:

- Cada Equipe receberá um totem de uma cor diferente para colocar em cima da cidade que está localizado no mapa. Lembre-se, enquanto a equipe fica em uma das mesas da sala, que representa uma cidade, o totem da equipe deve ficar posicionado próximo a cidade que está no mapa.

Ficha de Equipe:

- Cada equipe terá uma ficha para registrar:
 - Nome dos membros (Viajantes) da equipe;
 - Quantidade de recursos:
 - Quando se ganhar recursos, pintar os símbolos com a cor indicada;
 - Quando se perder recursos, se deverá pintar de vermelho;
 - Ao fim do jogo, deverá ser feito o cálculo de quantos itens cada caravana ficou.

ficou.

- Cidades visitadas;
- Pontos de vida (Pinte com uma cor no coração a cada ponto perdido);

Ficha Geral:

-Esta ficha ficará com quem está coordenando o jogo (professor ou colega) e nela deverá ter:

- Cor da Caravana no mapa;
- Nomes dos viajantes;
- Número de cidades visitadas;
- Pontos de vida;
- Quantidades de pontos acumulados de todos recursos;

Dados:

-Ficarão sempre a disposição das equipe e das caravanas três dados na Medina, ao lado do mpara do jogo.

Recursos Iniciais:

-Cada equipe começa com:

1 kg de sal, 1 Metical de ouro e 1 litro de água

Regras de Avanço:

-Para avançar para a próxima mesa, uma equipe deve possuir, para pagar como tributo pela viagem:

2 kg de sal 2 meticais de ouro 2 litros de água

Vida das Equipes:

- Cada equipe tem 10 pontos de vida.
- Se uma equipe ficar sem pontos de vida, deve retornar à cidade inicial.
- Se uma equipe ficar sem água, deve retornar à cidade inicial.

Condições de Vitória:

--O jogo tem um máximo de 10 rodadas. (Caso haja limitações no tempo, diminua o número de rodadas e nessa situação, a equipe com maior número de recursos é a campeã.)

--A equipe que terminar com mais recursos vence (na hora da contagem, cada recurso equivale a 1 ponto.)

- Em caso de empate em recursos, vence a equipe com mais pontos de vida.
- Se ainda houver empate, vence a equipe com mais mesticais de ouro.

Rodada: Sempre haverá três momentos em cada rodada:

1º - Distribuição de Recursos; 2º - Ações 3º - Trocas na Medina

- Recursos Iniciais: (Toda caravana começa com o número mínimo de recursos)

Distribuição de Recursos: Cada equipe escolhe dois de três recursos adicionais para coletar na rodada:

(2)kg de sal OU (2)metical de ouro OU (2) litros de água

Material com texto base:

Algumas confusões geográficas de Ibn Battuta na África

Tome cuidado com certos apontamentos de Ibn Battuta em seus relatos, pois na época de nosso viajante, o mundo muçulmano não cobria todo continente. Assim, Battuta em alguns momentos faz algumas confusões, como achar que está navegando o famoso rio Nilo, lá próximo do Egito. Na realidade nosso viajante estava viajando no Rio Níger, do outro lado do continente.

A escravidão nas rotas Caravaneiras

Enquanto explora as aventuras de Ibn Battuta, você pode se deparar com a palavra "escravo". A escravidão foi uma realidade em muitas sociedades ao longo da história, e na África não foi diferente. No mundo muçulmano, não era permitido escravizar outros muçulmanos, mas a escravidão de não-muçulmanos era comum.

No caminho para Sijlmasa, Battuta se depara com uma caravana impressionante – e triste – composta por 600 mulheres escravizadas, que seriam vendidas para trabalhar nas casas ou nas cortes reais.

A escravidão também era praticada em várias sociedades africanas, como no Mali, onde as pessoas escravizadas poderiam servir tanto ao governo quanto a famílias privadas. No entanto, existiam leis para protegê-las, como a Carta do Mande de 1235. Um de seus artigos dizia:

ARTIGO 20

"Não maltrate os escravizados. Dê-lhes um dia de descanso por semana e faça-os trabalhar de maneira razoável. Somos donos dos escravos, mas não da sacola que ele está carregando."

Essa lei mostra que, mesmo em tempos antigos, havia preocupações com o tratamento justo dos escravizados.

O Fim das Jornadas de Ibn Battuta

Quando Ibn Battuta voltou a Fez em 1354, o sultão do Marrocos pediu que ele contasse suas histórias de viagem. Para isso, um jovem escritor chamado Ibn Juzzay foi contratado para registrar suas aventuras em um livro chamado "Rihla". Ibn Battuta morreu entre 1368 e 1369, e hoje há uma sepultura não confirmada em Tânger que alguns acreditam ser a sua.

Você Sabia?

Os Cinco Pilares do Islã são: a profissão de fé (shahada), as orações diárias (salah), a esmola (zakat), o jejum no mês do Ramadã (sawm), e a peregrinação a Meca (hajj). Esses atos de adoração são fundamentais na vida de cada muçulmano.

Mundo Muçulmano e Dar al-Islam

No Islã, o termo "Dar al-Islam" refere-se a territórios onde a lei islâmica (charia) é aplicada. É uma parte da divisão tradicional do mundo, que inclui o Dar al-Harb ("terra de guerra"), representando territórios fora do controle muçulmano. Historicamente, havia também o Dar al-Mu'ahadah ("terra de tratado"), territórios com acordos de paz com as terras do Islã. Você Sabia?

O Olhar de Battuta

Lembre-se, exploradores! Os relatos de Ibn Battuta são como uma janela para o passado, mas eles são contados do ponto de vista de um homem muçulmano do Magrebe (norte da África). Battuta estava mais interessado em narrar suas experiências do que em refletir criticamente sobre elas. Ele usava suas histórias para mostrar o mundo do seu jeito, e isso pode influenciar como ele descreveu as pessoas e os lugares que encontrou.

Como Battuta nas conta seus encontros com "outros"

Durante o jogo você encontrará relatos de Battuta de suas viagens. Observe que Battuta tende a não estranhar locais onde a religião do Islã já estava presente a mais tempo como em Fez, Marrakech, Cairo. Mas, em locais como Kílwa e Mogadíscio, Mali ou na Capital do Mali, Battuta sempre faz questão de apontar a cor daquelas pessoas como algo diferente da dele. Por quê? Battuta se enxerga como "Bidan", termo em árabe para branco. Tanto que era comum o uso de "Bilad al-Sudan" (Terra dos negros) para as terras que ficavam a sociedade do Mali.

Quando ele encontra pessoas negras, ele usa o termo "Sudan", que significa "negro", o termo "Zanj" também é usado para negros que não muçulmanos e "Limu" para povos que ele considerava pagãos e canibais, como o povo ioruba da cidade de Ifé, que são responsáveis por terem trazido o culto dos orixás para o Brasil.

As mulheres no relato de Battuta

Battuta vivia numa sociedade de cultura bastante patriarcal, ou seja, onde o homem tinha prioridade em cargos de poder, por isso Battuta cita pouquíssimo mulheres em sua viagem ou estranha mulheres em cargos de poder, como em sua passagem no Mali, onde descobre que o Mansa dividia seu poder com a Kasa, a mulher com que havia casado.

Texto básico das caravanas



Nos Caminhos de Battuta: Embarque na Aventura!

Olá, exploradores! Prontos para uma jornada incrível seguindo os passos de Ibn Battuta, o famoso viajante? Preparem-se para explorar cidades antigas da África e descobrir como era o mundo no tempo deste grande aventureiro. Vamos lá!

Quem foi Ibn Battuta?

Conheçam Ibn Battuta al-Luwati at-Tanjī, ou simplesmente Ibn Battuta! Ele nasceu em 1304 na cidade de Tânger, no noroeste do que hoje é Marrocos. Na sua época, Tânger era governada pela dinastia Merínida. Battuta vinha de uma família de estudiosos muçulmanos e, por sua formação e riqueza, tornou-se um "Qadi", que é um juiz que julga com base nas leis do Islã. Com apenas 22 anos, ele decidiu fazer a grande peregrinação até a cidade de Meca, em junho de 1325, e a partir daí começou uma jornada fantástica que duraria 29 anos!

Você Sabia?

Ibn Battuta viajou por impressionantes 120.000 quilômetros! Isso é mais do que a circunferência da Terra! Ele explorou terras que hoje fazem parte de 44 países diferentes. Foi tão longe que chegou na China. Que aventura, não é? Em suas aventuras ele enfrentou diversos perigos como tempestades de areia, nevascas, serpentes, os riscos do deserto, pandemias mortais, saqueadores, guerras religiosas.

O Caminho das Caravanas

Embarque em uma jornada pelos caminhos das caravanas e descubra cidades essenciais como Marrakech, Fez, Sijlmasa, Tagaza, Timbuktu, a capital do Mali, Cairo, Mogadíscio e Kílwa. Cada uma dessas localidades desempenhou um papel crucial nas viagens de Ibn Battuta e oferece uma rica tapeçaria de histórias e culturas.

Conheça o Básico sobre o Islã

O Islã é uma religião que acredita na existência de uma divindade absoluta e única chamada Alá, centrada num livro sagrado Alcorão, nos ensinamentos do profeta Muhammed (Maomé). Com aproximadamente 1,9 bilhão de seguidores, o Islã é a segunda maior religião do mundo. Os muçulmanos acreditam que o Islã é a versão completa e universal de uma fé primordial, revelada através de profetas como Adão, Abraão, Moisés, e Jesus. O Alcorão é considerado a palavra literal de Deus, e Maomé é visto como o último profeta, cuja vida e ensinamentos (suna) são um guia para os muçulmanos.

Cinquenta perguntas para utilizar a partir do texto base:

- 1. Qual era o nome completo de Ibn Battuta?**
- Resposta: Ibn Battuta al-Luwati at-Tanjî
- 2. Ibn Battuta nasceu na cidade de _____.**
- Resposta: Tânger
- 3. A cidade de Tânger era governada pela dinastia _____.**
- Resposta: Merínida
- 4. Battuta tornou-se um _____, um juiz que julga com base nas leis do Islã.**
- Resposta: Qadi
- 5. Em que ano Ibn Battuta iniciou sua peregrinação a Meca?**
- Resposta: 1325
- 6. Battuta viajou por aproximadamente _____ quilômetros durante suas jornadas.**
- Resposta: 120.000
- 7. Verdadeiro ou falso: Ibn Battuta viajou para a China.**
- Resposta: Verdadeiro
- 8. O livro que registrou as aventuras de Battuta é chamado de _____.**
- Resposta: Rihla
- 9. Battuta não passou pela cidade de Mogadíscio, na Somália. Verdadeiro ou falso?**
- Resposta: Falso
- 10. O termo "Bilad al-Sudan" significa _____.**
- Resposta: Terra dos negros

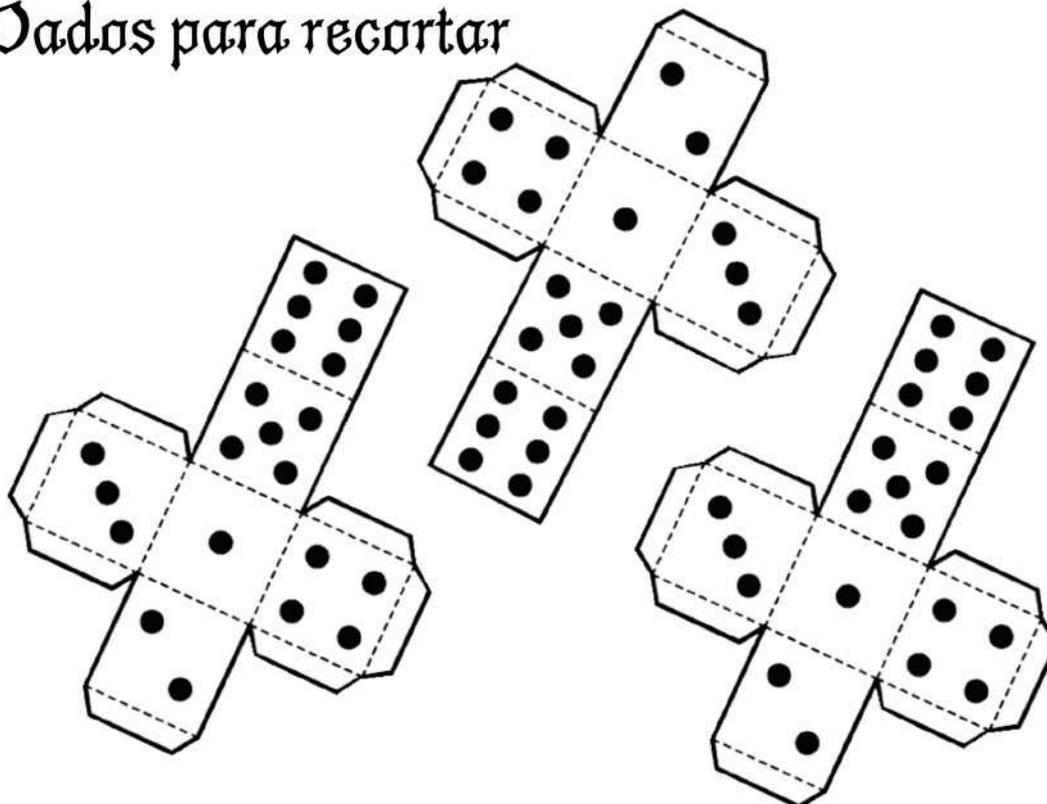
- 11. Qual é o nome do rio que Battuta confundia com o Rio Nilo?**
- Resposta: Rio Níger
- 12. O profeta do Islã é chamado de _____.**
- Resposta: Muhammed (Maomé)
- 13. A religião de Ibn Battuta era o _____.**
- Resposta: Islã
- 14. Verdadeiro ou falso: Battuta viajou para o Japão.**
- Resposta: Falso
- 15. Ibn Battuta não conheceu a capital da sociedade do Mali. Verdadeiro ou falso?**
- Resposta: Falso
- 16. Como era chamado o conjunto de leis da sociedade do Mali?**
- Resposta: Carta do Mande
- 17. Battuta encontrou uma caravana de 600 _____ em sua jornada.**
- Resposta: Mulheres escravizadas
- 18. O termo "Zanj" é usado também para se referir a negros que não eram _____.**
- Resposta: Muçulmanos
- 19. A palavra "Limi" é usada por Battuta para se referir a povos que ele considerava _____.**
- Resposta: Pagãos e canibais
- 20. O termo "Dar al-Islam" refere-se a territórios onde a _____ islâmica é aplicada.**
- Resposta: Lei

- 21. O termo "Dar al-Harb" refere-se a territórios fora do _____ muçulmano.**
- Resposta: Controle
- 22. Battuta mencionou que as mulheres em cargos de poder eram _____ para ele.**
- Resposta: Estranhas
- 23. Verdadeiro ou falso: Battuta confundiu o Rio Nilo com o Rio Congo.**
- Resposta: Falso
- 24. Qual é o nome do cargo da soberana do Mali, mencionada por Battuta?**
- Resposta: Kasa
- 25. A peregrinação à cidade de _____ é um dos cinco pilares do Islã.**
- Resposta: Meca
- 26. O _____ no mês do Ramadã é um dos cinco pilares do Islã.**
- Resposta: Jejum
- 27. Verdadeiro ou falso: Battuta não apresenta nenhuma forma de visão preconceituosa:**
- Resposta: Falso
- 28. Battuta era um homem muçulmano da região conhecida como _____?**
- Resposta: Magrebe
- 29. O povo lorubá de Ifé era visto como _____, por Battuta.**
- Resposta: Limi
- 30. **Verdadeiro ou falso: Battuta usava os termos "Sudan" e "Zanj" para descrever pessoas negras.****
- Resposta: Verdadeiro

- 31. Verdadeiro ou falso: As mulheres tem imensa importância nos relatos de Battuta?**
- Resposta: Falso
- 32. **Verdadeiro ou falso: Battuta nunca encontrou pessoas escravizadas em suas viagens.****
- Resposta: Falso
- 33. O termo "Limi" era usado por Battuta para se referir a povos que ele via como _____.**
- Resposta: Selvagens
- 34. O Rio Nilo atravessava as cidade de Tombuctu. Verdadeiro ou falso?**
- Resposta: Falso
- 35. Como era chamado as leis que a sociedade do Mali usava?**
- Resposta: Carta do Mande
- 36. Qual era a principal motivação de Battuta para suas viagens?**
- Resposta: Fazer o Hajj, a peregrinação a Meca
- 37. O que significa o termo "Bilad al-Sudan" na descrição de Battuta?**
- Resposta: Terra dos negros
- 38. Verdadeiro ou falso: Battuta descrevia todas as culturas que encontrou de forma neutra.**
- Resposta: Falso
- 39. Battuta voltou para a cidade de Fez em que ano?**
- Resposta: Em 1354
- 40. Verdadeiro ou falso: A escravidão era uma prática comum na África durante o tempo de Battuta.**
- Resposta: Verdadeiro

- 41. O continente que Ibn Battuta inicia suas viagens é a:**
- Resposta: África
- 42. Qual é a diferença entre "Dar al-Muahadah" e "Dar al-Islam"?**
- Resposta: "Dar al-Muahadah" são territórios com acordos de paz; "Dar al-Islam" são territórios muçulmanos.
- 43. Verdadeiro ou falso: Ibn Battuta encontrou uma grande diversidade de culturas em suas viagens.**
- Resposta: Verdadeiro
- 44. Quanto tempo demorou todas as viagens de Battuta?**
- Resposta: 29 anos
- 45. Como era o título do soberano do Mali?**
- Resposta: Mansa
- 46. Como eram chamados as divindades que eram cultuadas em Ifé?**
- Resposta: Orixás
- 47. Qual é o termo para territórios com acordos de paz com terras do Islã?**
- Resposta: Dar al-Muahadah
- 48. Todo território do continente era dominado pelos muçulmanos. Verdadeiro ou falso?**
- Resposta: Falso
- 49. De acordo com os relatos de Battuta, os europeus mandavam na África. Verdadeiro ou falso?**
- Resposta: Falso
- 50. Quando lemos os relatos de Battuta, devemos tomar _____ com a forma como ele descreve as diversas culturas africanas.**
- Resposta: Cuidado

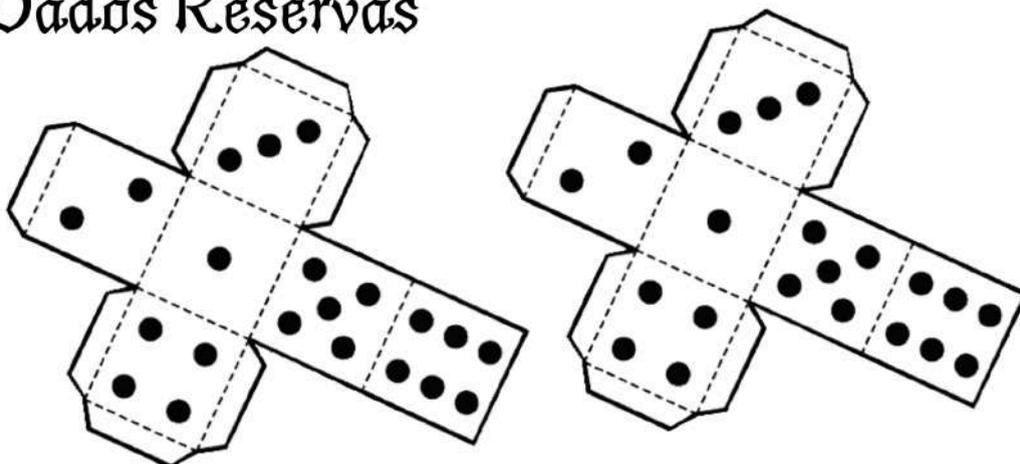
Dados para recortar



Totems para usar no mapa



Dados Reservas



APÊNDICE B - Cartas das cidades, cartas de personalidades históricas, cartas de desvantagens e cartas de relatos de Ibn Battuta com perguntas e respostas:

Cartinhas das cidades

Marrakesh



Local: atual Marrocos
Cidade fundada no século IX (9), na época de Battuta era o centro político da dinastia Merinida e um local de referência para viajantes na África, principalmente, pelo seu centro comercial

Vantagem: Proteção contra um ataque na próxima rodada.

Fez



Local: atual Marrocos
A cidade de Fez era um centro cultural do mundo islâmico. Funda em 789 d.C. por Mulei Idris, é o local da Universidade al Quaraouiyine, mais antiga do mundo.

Vantagem: pode responder 3 perguntas até acertar sem perder pontos de vida.

Cairo



Local: atual Egito
Fundada no ano 969 d.C. por Jauar, do califado Fatimida, sempre foi um das maiores centros urbanos do mundo islâmico e africano, às marges do Rio Nilo, englobando a necrópole de Menohis, lar das colossais pirâmides de Gizé, Ceops e Miquerinos.

Vantagem: Ganhe 4 litros de água.

Tagaza



Local: atual Mali
As minas de Sal de Tagaza foram responsáveis por fornecer sal para viajantes e servia como ponto de parada de caravanas. Foi abandonada após o séc. XVII (17).

Vantagem: Você ganhou 3kg de Sal!

Tombuctu



Local: atual Mali
Lar da Universidade Sancaré e do Instituto Cultural Ahmed Baba, Tomctu era um local muito desejado para se estudar na região do Sahel.

Vantagem: Se errar uma pergunta, pode pedir outra e, se acertar, ganha o dobro de recursos nesta rodada.

Cartinhas das cidades

Marrakesh



Local: atual Marrocos

Cidade fundada no século IX (9), na época de Battuta era o centro político da dinastia Merinida e um local de referência para viajantes na África, principalmente, pelo seu centro comercial

Vantagem: Proteção contra um ataque na próxima rodada.

Fez



Local: atual Marrocos

A cidade de Fez era um centro cultural do mundo islâmico. Funda em 789 d.C. por Mulei Idris, é o local da Universidade al Quaraouiyine, mais antiga do mundo.

Vantagem: pode responder 3 perguntas até acertar sem perder pontos de vida.

Cairo



Local: atual Egito

Fundada no ano 969 d.C. por Jauar, do califado Fatimida, sempre foi um das maiores centros urbanos do mundo islâmico e africano, às marges do Rio Nilo, englobando a necrópole de Menohis, lar das colossais pirâmides de Gizé, Ceops e Miquerinos.

Vantagem: Ganhe 4 litros de água.

Tagaza



Local: atual Mali

As minas de Sal de Tagaza foram responsáveis por fornecer sal para viajantes e servia como ponto de parada de caravanas. Foi abandonada após o séc. XVII (17).

Vantagem: Você ganhou 3kg de Sal!

Tombuctu



Local: atual Mali

Lar da Universidade Sancoré e do Instituto Cultural Ahmed Baba, Tomctu era um local muito desejado para se estudar na região do Sahel.

Vantagem: Se errar uma pergunta, pode pedir outra e, se acertar, ganha o dobro de recursos nesta rodada.

Cartinhas das desvantagens

Capital do Masi



Desvantagem
Sua caravana passou mal comendo uma comida típica. Perca uma rodada e 2 pontos de vida.

Cairo



Desvantagem
Devido à pandemia de peste bubônica, sua caravana corre perigo. Jogue um dado e o número que cair será a quantidade de pontos de vida que você perderá.

Kiswa (Quíloa)



Desvantagem
Você não entende o idioma Swahili e arranhou confusão com barqueiros. Retorne para a cidade anterior e perca 1 kg de sal e 1 metical de ouro.

Mogadíscio



Desvantagem
No meio da viagem de barco, foi atacado por piratas. Perca 2 pontos de vida e fique apenas com 1 mestiçal de ouro.

Granada



Desvantagem
No caminho para Granada, você topou com cruzados portugueses que atacaram para roubar recursos. Perca 1 ponto de vida e fique com 1 metical de ouro.

Cartinhas das desvantagens

Marrakech



Desvantagem
Você foi um mau hóspede e deve escolher 3 adversários para dar 1 tipo de recurso para cada, para se redimir.

Sijilmassa



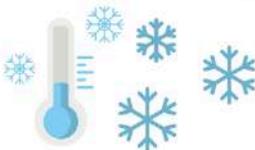
Desvantagem
Após a Tempestade de Areia, você ficou com apenas 1 kg de sal, pois a areia se misturou com o sal.

Tombuctu



Desvantagem
Crocodilos e hipopótamos arrasaram sua viagem. Fique uma rodada sem jogar e perca 1 metical de ouro.

Fez



Desvantagem
Em meio à viagem, enfrentou uma nevasca em um desfiladeiro perto de Touat. Fique uma rodada sem jogar e perca um recurso de cada (sal, água e ouro)

Tagaza



Desvantagem
Perca de 1 litro de água devido à água salobra local. Há muitas moscas e lama. Tomar essa água é perigoso.

Cartinhas das personalidades históricas

Comerciante



Marrakech

Este comerciante sabe que você irá viajar pelas imensas rotas caravaneiras.

Ele lhe dará 1 kg de sal de presente e 10 litros de água.

Fatima Al-firhi



Fez

Fatima Al-Fihri foi a criadora da universidade mais antiga do mundo em 859 d.C. Você ouviu na cidade sobre a história dela. Escolha um recurso que você tem e dobre a quantidade.

Sultão Yusuf 1º



Granada

Este nobre comerciante gostou de você, pois além dos camelos vendidos, ele lhe dará 3 litros de água.

Shakram!

Imame Influente



Cairo

Um imame é uma espécie de sacerdote no islã. Você encontrou um imame muito influente e lhe ajudará.

Escolha um recurso para ganhar duas unidades.

Mercador de Marfim



Kilwoa

Este mercador veio de Sofala após vender marfim para indianos. Agora ele lhe ajudará com a viagem.

Nesta rodada, não gaste recursos para avançar.

Cartinhas das personalidades históricas

Barqueiro local



Mogadiscio

Você recebeu a hospitalidade dos habitantes da cidade Mogadiscio. Venha para o banquete.

Você ganhou 1 litro de água e não pague tributo para avançar

Mulher estudiosa no Islã



Tombuctu

Você conheceu uma estudiosa do Islã caminhando pela famosa biblioteca Ahmed Baba.

Peça uma pergunta do texto, ganhe a resposta e seus dois recursos.

Comerciante de camelos



Sijilmassa

Este comerciante gostou de você, pois além dos camelos vendidos, ele lhe dará 30 litros de água.

Shakram!

Takšif (guia)



Tagaza

Cuidado com os djins (genios), espíritos malignos, serpentes e a imensidão do deserto. Este guia irá lhe ajudar.

Ganhe 3 kg de Sal.

Dugha (Conselheiro do Mansa)



Capital do Mali

O dugha servia como um intérprete para o Mansa, portanto ele lhe avisa: o Mali são terras seguras para estrangeiros.

Ganhe duas rodadas sem ser atacado.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Fez

"Entre suas mais notáveis ações [do Sultão Abu Inane Faris]— que Deus o ajude — estão: a construção da Mesquita Nova na cidade branca [Fez], sede de seu ilustre reino, uma mesquita que se destaca por sua beleza, construção perfeita, luminosidade e disposição única; a construção da Madrasa Maior no local conhecido como 'o Alcázar', próximo à alcáçova [forte militar] de Fez, que não tem igual no mundo habitado em termos de extensão, beleza, grandiosidade, quantidade de água e localização, a ponto de eu não ter visto entre as escolas da Síria, Egito, Iraque e Jorasan [no Irã] algo semelhante; a construção da Zagüia Maior, perto da "Piscina dos Grão-de-bico", nos arredores da cidade branca, que também não tem rival pelo maravilhoso local em que se encontra e pela sua execução preciosa. (Retirado da página 970 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 1 litro de água
Vantagem com acerto de pergunta: Você contou sobre os apertos que passou pela viagem para o Sultão. Retire uma ação de um oponente na próxima rodada.

Fez

Pergunta: Com base no relato sobre o Sultão Abu Inane Faris e suas construções em Fez, qual das seguintes opções é correta?

1. A Madrasa Maior foi construída perto da "Piscina dos Grão-de-bico" e é conhecida por sua pequena dimensão e localização simples.
2. A Mesquita Nova se destaca por sua beleza e construção perfeita, enquanto a Madrasa Maior é notável por sua extensão, beleza, grandiosidade e localização.
3. A Zagüia Maior foi construída no local conhecido como 'o Alcázar' e é famosa por sua localização próximo à alcáçova.

Resposta correta: 2. A Mesquita Nova se destaca por sua beleza e construção perfeita, enquanto a Madrasa Maior é notável por sua extensão, beleza, grandiosidade e localização.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Sijilmassa

""Ao retornar para Takada, encontrei um escravo do Said as-Siyilmasi que vinha com uma carta de nosso senhor, o Príncipe dos Crentes [Sultão de Fez], defensor da religião, que se apoia no Senhor dos mundos, mandando-me voltar à sua capital ilustre. Beije a ordem e obedeci imediatamente. Adquiri dois camelos de montaria por trinta e sete meticais e um terço, preparando-me para partir para Tuwât. Reuni provisões para setenta noites, pois entre Takada e Tuwât não há trigo, mas há carne, leite azedo e manteiga que podem ser trocados por vestimentas. Saí de Takada na quinta-feira, onze de Saban do ano 754 H. [= 12 de setembro de 1353 d.C.] numa caravana enorme da qual tomavam parte Yafar at-Tuwati, homem muito distinto, e o alfaqui M. b. Abdallah, juiz de Takada. Conosco iam umas 600 escravas." (Retirado da página 1016 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 1 kg de sal

Vantagem com acerto de pergunta: Você escapou de escorpíões pelo caminho em Takada, mas seus oponentes não escaparão. Escolha dois oponentes para retirar um ponto de vida.

Sijilmassa

Pergunta: A partir do relato de Ibn Battuta em direção a Sijilmassa, o que podemos concluir sobre a rota caravaneira?

1. A rota caravaneira transaariana era usada exclusivamente para o transporte de mercadorias, como trigo e especiarias, sem envolvimento significativo de pessoas escravizadas.
2. A rota caravaneira transaariana servia para transporte de pessoas escravizadas para diversos lugares do mundo muçulmano.
3. A rota caravaneira transaariana era predominantemente usada para a troca de camelos e outras montarias entre as cidades do Saara.

Resposta correta: 2. A rota caravaneira transaariana servia para transporte de pessoas escravizadas para diversos lugares do mundo muçulmano.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Tagaza

"Após vinte e cinco dias, chegamos a Tagazà, uma aldeia sem cultivos, cuja singularidade reside no fato de que suas casas e mesquita são construídas com blocos de sal gema, enquanto os telhados são feitos de couro de camelo. O solo é arenoso, sem árvores. Há uma mina de sal lá, onde se encontram enormes placas de sal superpostas, como se tivessem sido esculpidas e depois empilhadas sob a terra. Um camelo só consegue transportar duas dessas placas. [...] No local, residem apenas os escravos dos Massūfa, que trabalham na mina de sal e se alimentam com tâmaras trazidas do Draa e Siŷilmāsa, carne de camelo e milho vindo do Sudão. Os negros, originários de sua terra, vêm até aqui para trocar milho por sal, e uma carga desse produto, em Ualatá, é vendida entre oito e dez meticais de ouro, mas na cidade de Mali sobe para vinte, trinta e até quarenta meticais. Os negros utilizam o sal como moeda, assim como se fosse ouro ou prata, cortando-o em pedaços e negociando com ele." (Retirado da página 983 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 2 kg de sal

Vantagem com acerto de pergunta: Você soube de uma história assustadora sobre espíritos malignos do deserto. Seus adversários estão assustados. Escolha uma caravana e o faça ficar sem ações na próxima rodada.

Tagaza

Pergunta: A partir do relato de Ibn Battuta sobre Tagazà, o que podemos concluir sobre a economia local e a utilização do sal?

1. A economia local de Tagazà é baseada principalmente na agricultura e na troca de grãos por sal, com o sal sendo usado apenas como um recurso de baixo valor.
2. Em Tagazà, o sal é um bem valioso e central na economia local, sendo utilizado como moeda e trocado por milho, e sua importância é destacada pela forma como é transportado e negociado.
3. Em Tagazà, o sal é utilizado apenas para a construção de edifícios e não possui valor econômico significativo na troca de bens.

Resposta correta: 2. Em Tagazà, o sal é um bem valioso e central na economia local, sendo utilizado como moeda e trocado por milho, e sua importância é destacada pela forma como é transportado e negociado.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Kilwa

"Passamos uma noite nesta ilha e embarcamos para a cidade de Quiloa, uma importante cidade ribeirinha habitada em sua maior parte por Zanjes, de cor muito negra, que têm incisões no rosto semelhantes às dos Līmī da Guiné. Um comerciante me disse que a cidade de Sofala está a meio mês de marcha de Quiloa, e que entre Sofala e Ifé, no país dos Līmī, há uma distância de um mês; de Ifé, trazem o ouro em pepitas para Sofala. Quiloa é uma cidade muito bela e bem construída; todas suas casas são de madeira, com telhados de palha. As chuvas são abundantes aqui." (Retirado da página 436 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 2 metical de ouro

Vantagem com acerto de pergunta: O sultão ficou irritado com a falta de cordialidade de seus adversários. Escolha um adversário para pagar 1 kg de ouro, 10 litros de água e 1 metical de ouro para o sultão (devolver na medina).

Kilwa

Pergunta: Como Ibn Battuta se diferencia dos habitantes da região, nomeados de Zanje, em seu relato? Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao comparar suas práticas comerciais, afirmando que eles utilizam o sal como moeda em vez de ouro.

1. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao mencionar que eles vivem em casas de madeira, enquanto ele preferiria residir em construções de pedra.
2. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao descrever a cor de pele e as escarificações faciais que eles possuem, enfatizando suas características físicas distintas.

Resposta correta: 3. Ibn Battuta se diferencia dos Zanje ao descrever a cor de pele e as escarificações faciais que eles possuem, enfatizando suas características físicas distintas.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Mogadíscio

Navegamos para o mar e, após quinze dias de navegação, chegamos a Mogadíscio, uma cidade extremamente grande. As pessoas lá possuem uma grande quantidade de camelos, que abatem aos centenas todos os dias; eles também têm muitas ovelhas e são comerciantes poderosos. Nesta cidade de Mogadíscio, fabricam os tecidos que levam seu nome e que são incomparáveis: exportam a maior parte para o Egito e outros lugares. Os mogadiscianos têm o costume de ir receber em pequenas embarcações chamadas şunbūq qualquer navio que chega ao porto; em cada şunbūq há um grupo de jovens, cada um dos quais carrega na mão um prato coberto contendo comida. Um deles oferece o prato a um dos comerciantes do navio, dizendo: 'Este é o meu hóspede', e assim fazem todos eles. Nenhum comerciante desce do navio, a não ser para ir à casa do hóspede que lhe foi designado entre esses jovens, a menos que ele já tenha visitado muito a cidade e conheça pessoas de lá; então, ele pode se hospedar onde quiser. (Retirado da página 431 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta).

Vantagem: Ganhe 1 litro de água

Vantagem com acerto de pergunta: Você passou pelo mogadíscio e não alertou os piratas pelo caminho, mas seus adversários não tiveram sorte. Escolha um adversário para ficar uma rodada sem jogar.

Mogadíscio

Pergunta: De acordo com o relato de Ibn Battuta sobre Mogadíscio, como é demonstrada a hospitalidade na cidade?

1. Os mogadiscianos recebem os navios no porto com grandes festas e oferecem camelos e ovelhas como presentes de boas-vindas.
2. Os comerciantes de Mogadíscio são conhecidos por oferecerem generosos descontos em tecidos aos visitantes que chegam ao porto.
3. Os mogadiscianos demonstram hospitalidade ao receber os navios com pequenas embarcações chamadas şunbūq, nas quais jovens oferecem pratos de comida aos recém-chegados, designando um hóspede para cada comerciante do navio.

Resposta correta: 3. Os mogadiscianos demonstram hospitalidade ao receber os navios com pequenas embarcações chamadas şunbūq, nas quais jovens oferecem pratos de comida aos recém-chegados, designando um hóspede para cada comerciante do navio.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Cairo

As pirâmides são construídas de pedras sólidas lavradas, de altura enorme, circulares, largas na base, estreitas na cúspide. Parecidas com cones, sem portas, e não se sabe como foram edificadas. Diz-se que um dos reis do Egito antes do Dilúvio teve visões que o aterrorizaram e o forçaram a erguê-las, na margem ocidental do Nilo, para que fossem depósito das ciências e também túmulo dos cadáveres reais. Inquiriu aos astrólogos se teriam alguma abertura e lhe notificaram que se abririam pelo flanco norte, indicando o lugar por onde estaria o vão, assim como o custo que alcançaria abri-lo. Então mandou colocar neste local uma quantidade equivalente à comunicada pelos astrólogos e se aplicou à construção, concluindo-a em sessenta anos. E fez escrever o seguinte: «Construímos estas pirâmides em sessenta anos. Quem quiser, destrua-as em seiscentos, embora destruir seja mais fácil que construir». (Retirado da página 164 do livro “A través del Islam” de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 3 litros de água

Vantagem com acerto de pergunta: Um de seus adversários decidiu tentar entrar na pirâmides e ficaram presos. Escolha uma caravana para não jogar na próxima rodada.

Cairo

Pergunta: Battuta, mesmo não sabendo muito sobre as pirâmides e caracterizando-as como uma obra anterior ao Dilúvio, aponta um aspecto correto sobre as pirâmides:

1. Para que fossem depósito das ciências e também túmulo dos cadáveres reais.
2. Que são construídas com uma base circular e uma cúspide estreita.
3. Que foram erguidas apenas para exibir riqueza e poder dos reis egípcios.

Resposta correta: 3. Para que fossem depósito das ciências e também túmulo dos cadáveres reais.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Granada

"Depois continuei a marcha até Granada, capital do país de al-Andalus, noiva de suas cidades. Seus arredores não têm igual entre as comarcas de toda a terra, abrangendo uma extensão de quarenta milhas, cruzada pelo famoso rio Genil e por muitos outros cursos de água. Hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos abraçam a cidade por todos os lados. Entre os seus lugares mais bonitos está a 'Fonte das Lágrimas', um monte onde há hortas e jardins, sem igual possível. Diz Ibn Yuzayy: 'Se não temesse ser tachado de parcial —por ser minha cidade— me estenderia largamente descrevendo Granada, já que a ocasião é propícia. No entanto, não faz sentido se prolongar falando de uma cidade tão renomada.(Retirado da página 978 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 1 metical de ouro

Vantagem com acerto de pergunta: Seus adversários cometeram "Haram", ou seja, pecaram. Foram pegos bebendo vinho de Portugal na Alhama de Granada. Escolha um adversário para voltar duas cidades

Granada

Pergunta: A partir da descrição de Granada feita por Ibn Battuta, qual é a característica mais destacada da cidade?

1. Sua extensão é abrangida por hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos, criando um ambiente verdejante e fértil.
2. A cidade é conhecida por seu famoso rio Genil e muitos outros cursos de água.
3. Granada é uma cidade extensa, mas é principalmente notável por seus vinhedos e hortas.

Resposta correta: .Opção 1 Sua extensão é abrangida por hortas, jardins, pastagens, quintas e vinhedos, criando um ambiente verdejante e fértil.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Capital do Mali

"No dia da festa, depois do Dugha ter concluído sua apresentação, compareceram os poetas, a quem chamam de djuala ou djali, no singular. Cada um deles se apresenta dentro de uma figura feita com penas de um pássaro semelhante aos pardais e com uma cabeça de madeira com um bico vermelho semelhante ao desse pássaro. Colocam-se diante do governante dessa forma tão ridícula e recitam suas composições. Contaram-me que os poemas são uma espécie de exortação, em que dizem ao sultão: 'este penpi em que te sentas foi ocupado antes por tal rei, cujos feitos foram os seguintes, e tal outro, cujos feitos foram assim e assim. Faça tu também coisas boas que teu nome será lembrado na posteridade'. Na sequência, o líder dos poetas sobe num dos degraus do penpi e põe a cabeça no colo do rei. Passa para o degrau acima e põe sua cabeça no ombro direito do sultão e depois no esquerdo enquanto lhe diz algo em sua língua, e depois desce. Disseram-me que esse é um costume antigo entre eles, anterior ao islã, que continuam a dar valor." (Retirado das páginas 1006e 1001 do livro "Através del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe 3 metical de ouro

Vantagem com acerto de pergunta: O Mansa gostou muito de você e lhe deu alguns soldados a mais. Escolha uma carava e ataque com 3 dados.

Capital do Mali

Pergunta: Para Ibn Battuta, por que toda a demonstração dos dughas e poetas em Mali era considerada estranha?

1. Pois, os poetas recitavam apenas em uma língua incompreensível para Ibn Battuta.
2. Pois, as práticas eram realizadas com objetos e símbolos que ele não reconhecia.
3. Pois, eram práticas anteriores ao Islã.

Resposta correta: .Opção 3 Pois, eram práticas anteriores ao Islã.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Tombuctu

"No canal, vi perto da margem dezesseis bestas enormes que me deixaram espantado. Pensei tratar-se de elefantes, que há aos montes por lá, mas logo vi que entraram no rio. Perguntei a Abu Bakr que animais eram aqueles e ele me respondeu: 'São os cavalos do mar que saíram para pastar em terra'. Eles são mais gordos que os cavalos, têm crina, rabo e cabeça semelhante ao dos equinos, mas as patas assemelham-se às dos elefantes. Noutra ocasião pude ver esses animais quando navegávamos pelo Nilo de Tombuctu a Kaw Kaw: nadavam n'água, levantando a cabeça e bufando. Os remadores ficaram assustados e levaram o barco até a margem. Os sudaneses recorrem a uma estratégia curiosa para caçá-los: usam lanças ocas dentro das quais amarram cordas, lançadas no pescoço ou no dorso do animal, que depois de atingido é puxado para a margem, onde os matam e comem sua carne. Na beira do rio há muitas ossadas desses animais." (Retirado das páginas 1006 e 1007 do livro "Através del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Escolha qualquer pergunta e ganha a resposta e dois recursos à escolha.

Vantagem com acerto de pergunta: Sua caravana aprendeu sobre os perigos do Rio Niger, mas seus oponentes não e foram brutalmente atacados por hipopótamos. Escolha uma das equipes para perder 3 pontos de vida.

Tombuctu

Pergunta: A partir do relato de Ibn Battuta sobre o "cavalo do mar" no rio, qual das seguintes interpretações está correta?

1. Os animais avistados por Battuta eram elefantes que ele confundiu com cavalos do mar devido ao seu tamanho imponente.
2. Os animais avistados eram hipopótamos, conhecidos localmente como "cavalos do mar", e foram descritos com base nas características físicas que impressionaram Battuta.
3. Os hipopótamos foram avistados apenas uma vez e não têm importância significativa para as práticas locais de caça.

Opção Correta: Os animais avistados eram hipopótamos, conhecidos localmente como "cavalos do mar", e foram descritos com base nas características físicas que impressionaram Battuta.

Cartinhas dos relatos do Battuta

Marrakesh

"Marrakech é uma das cidades mais belas, extensa e vasta, bem provida de todo tipo de produtos. Há grandiosas mesquitas, como a sua aljama, conhecida por Kutubiyyīn ('dos livreiros'), que possui um imenso e colossal minarete, ao qual subi, permitindo-me ver toda a cidade, da qual a ruína se apodera e só é comparável a Bagdá, embora esta última tenha melhores mercados. Em Marrakech está a maravilhosa madrasa, destacando-se por sua boa localização e execução perfeita, construída por nosso senhor o Príncipe dos Crentes Abū l-Ḥasan. (Retirado da página 982 do livro "A través del Islam" de Ibn Battuta)

Vantagem: Ganhe um metical de ouro

Vantagem com acerto de pergunta: Marrakesh é uma cidade segura, mas seus oponentes não estão aqui. Escolha dois oponentes para serem atacados

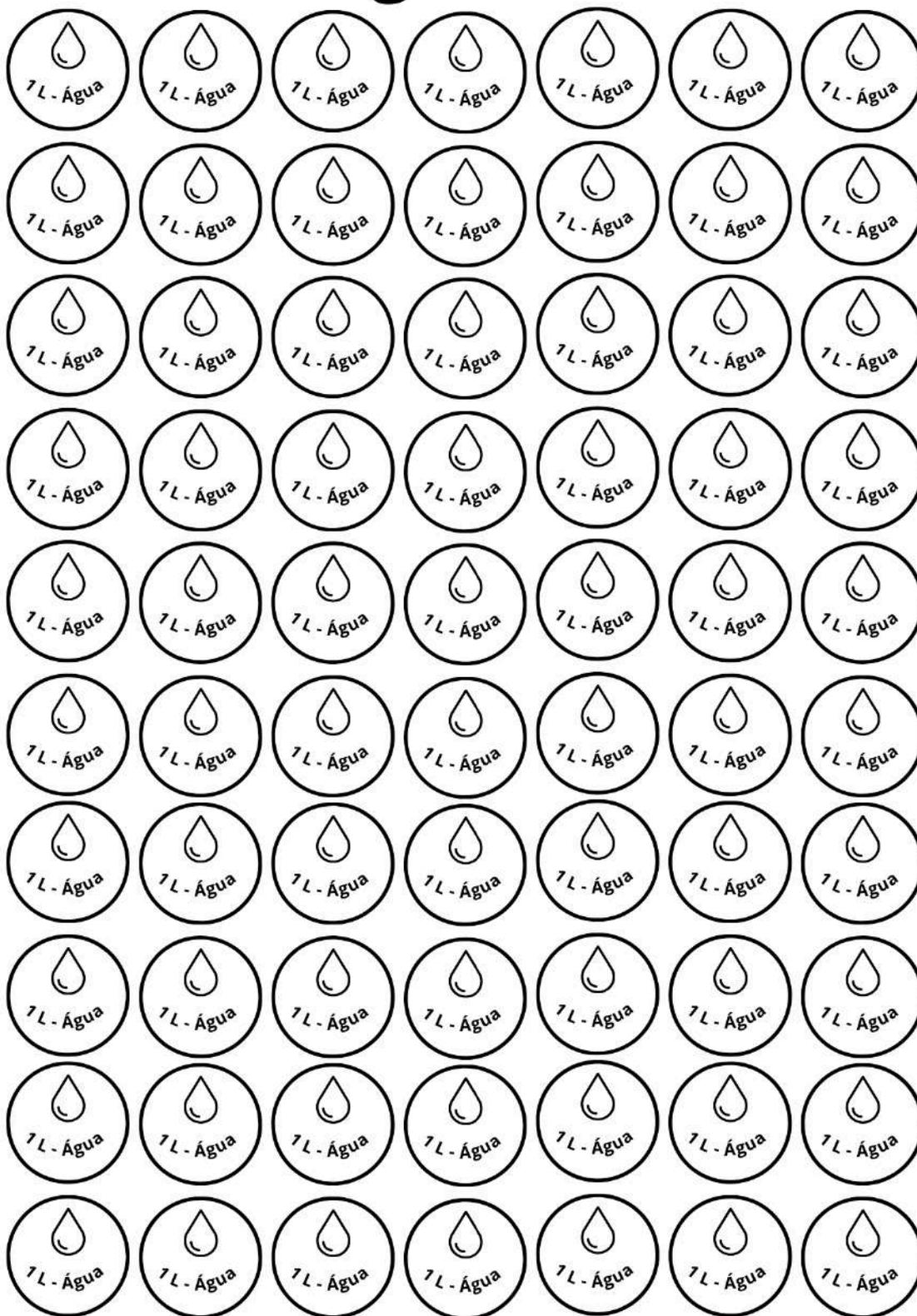
Marrakesh

Pergunta: Com base no relato sobre Marrakech, qual das seguintes afirmações é correta?

1. Marrakech é conhecida por suas grandes mesquitas e mercados superiores a Bagdá.
2. O minarete da mesquita Kutubiyyīn é imenso e permite uma vista panorâmica da cidade.
3. A madrasa de Marrakech foi construída por um príncipe da cidade de Bagdá.

Resposta correta: 2. O minarete da mesquita Kutubiyyīn é imenso e permite uma vista panorâmica da cidade.

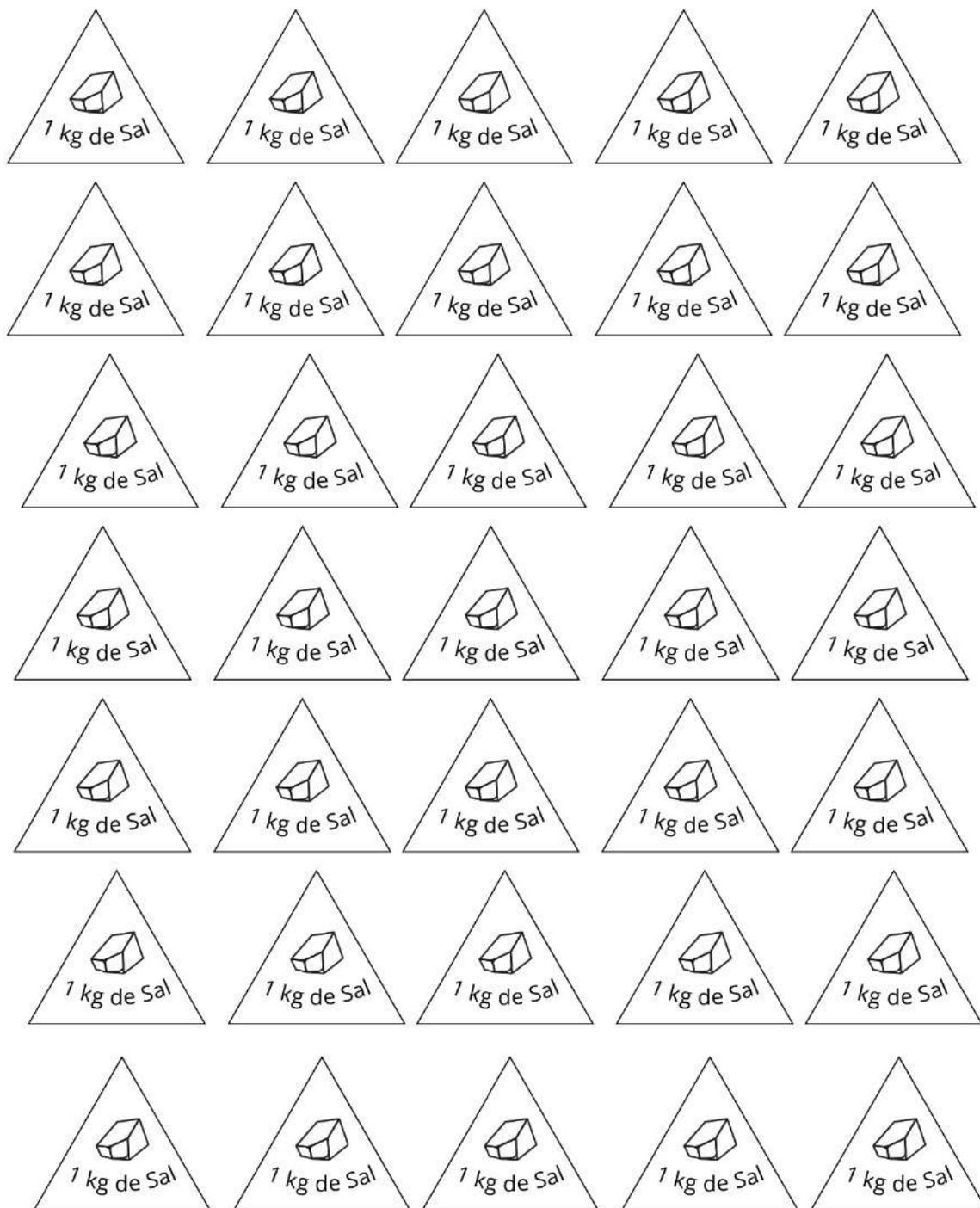
Recurso - água:



Recurso - Ouro:



Recurso - Sal:



Sobre respeito e cordialidade no jogo:

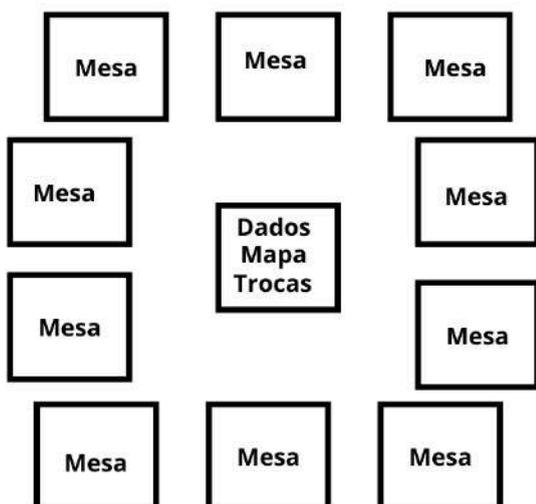
É obrigatório que alguém da equipe leia a informação em voz alta. Quem está coordenando o jogo é obrigado a ouvir a leitura e as ações, caso não tenha ouvido, pode anular a jogada e tirar um ponto de vida da equipe. Portanto, não converse alto durante a jogada do adversário, sua Caravana pode ser punida.

A pessoa responsável por coordenar o jogo, ganhará uma Ficha Geral para anotar pontos de vida das equipes, recursos e eventuais retiradas de pontos de vida por falta de espírito de jogo (gritos, conversas altas, palavrões, brigas, etc...)

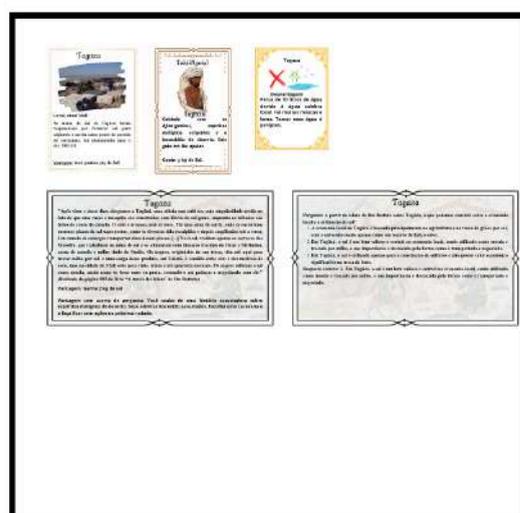
Complete a ficha da equipe de maneira correta e a entregue para a pessoa que está coordenando (seu professor, professora ou responsável pelo jogo. É essa pessoa que contará o número de cidades ou de recursos e decretará o vencedor do jogo “Nos caminhos de Battuta”

A sala de aula deverá ser organizada para receber o jogo previamente para o jogo. Organize a sala de acordo com o diagrama a baixo. Caso, o número de jogadores seja maior que 5, aconselha-se utilizar apenas o mapa.

Sugestão de disposição de mesas em sala de aula



Cartas em de cada cidade

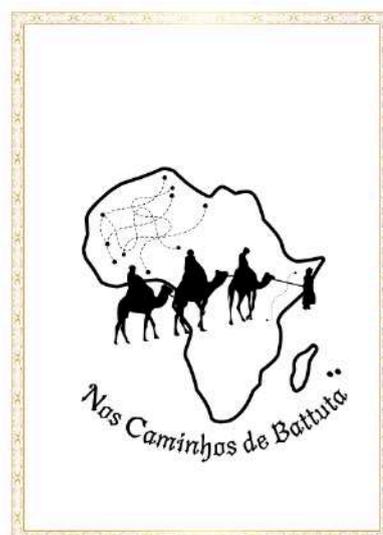
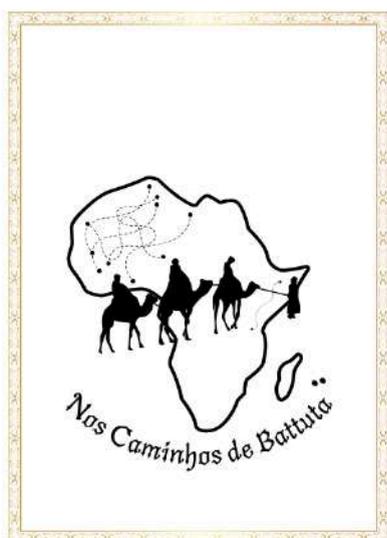
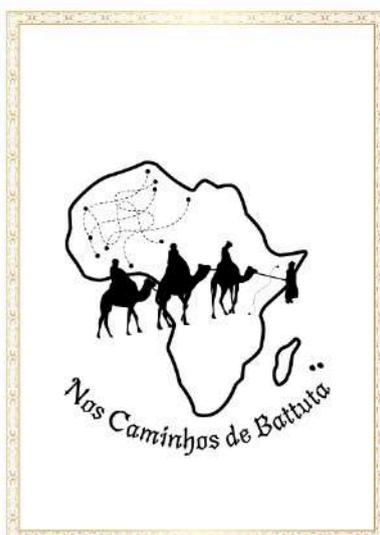
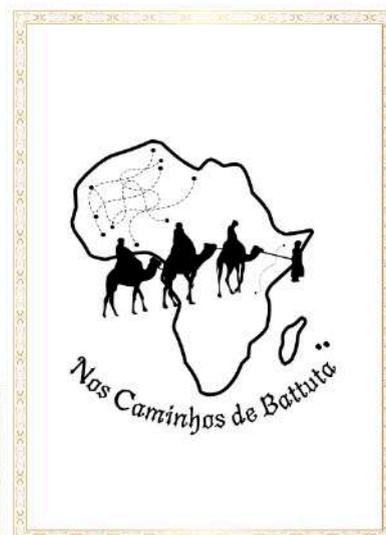


Tabuleiro em tamanho maior



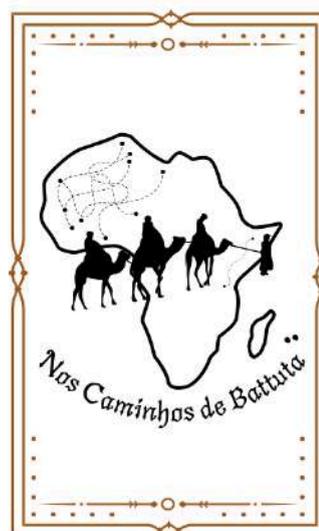
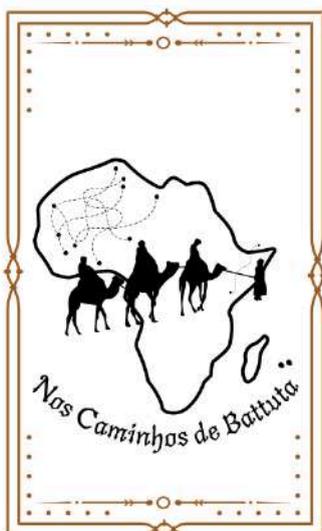
Parte de trás das cartas das cidades

Parte de tras das cartas - cidades



Parte de Trás das cartas das personalidades

Parte de trás - personalidades históricas



Parte de trás das cartas de desvantagens

Parte de trás - Cartinhas das desvantagens



Parte de trás das cartas de Relatos

Parte de trás - Cartinhas dos relatos do Battuta

